

Fabiola Andrade Pereira
Jéferson Muniz Alves Gracioli
(ORGANIZADORES)



Compartilhando saberes extensionistas no norte do Tocantins: as experiências de Tocantinópolis



Fabiola Andrade Pereira
Jéferson Muniz Alves Gracioli
(ORGANIZADORES)

**COMPARTILHANDO SABERES
EXTENSIONISTAS NO NORTE
DO TOCANTINS:
AS EXPERIÊNCIAS DE TOCANTINÓPOLIS**



Palmas- TO
2020

Universidade Federal do Tocantins

Reitor

Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora

Ana Lúcia de Medeiros

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Jaasiel Nascimento Lima

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira Milhomem

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Vânia Maria de Araújo Passos

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Raphael Sanzio Pimenta

Conselho Editorial EDUFT

Presidente

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior

Membros por área:

Liliam Deisy Ghizoni

Eder Ahmad Charaf Eddine
(Ciências Biológicas e da Saúde)

João Nunes da Silva

Ana Roseli Paes dos Santos

Lidianne Salvatierra

Wilson Rogério dos Santos
(Interdisciplinar)

Alexandre Tadeu Rossini da Silva

Maxwell Diógenes Bandeira de Melo
(Engenharias, Ciências Exatas e da Terra)

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior

Thays Assunção Reis

Vinicius Pinheiro Marques
(Ciências Sociais Aplicadas)

Marcos Alexandre de Melo Santiago

Tiago Groh de Mello Cesar

William Douglas Guilherme

Gustavo Cunha Araújo
(Ciências Humanas, Letras e Artes)

Diagramação e capa: Gráfica Movimento

Arte de capa: Jéferson Muniz Alves Gracioli

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P436c

Pereira, Fabíola Andrade. (Org.)

Compartilhando saberes extensionistas no Norte do Tocantins: as experiências de Tocantinópolis / Fabíola Andrade Pereira; Jéferson Muniz Alves Gracioli – Palmas, TO: EDUFT, 2020.

131 p. il. fots. ; 21 x 29,7 cm.

ISBN: 978-65-89119-02-9

Inclui referências ao final.

1. Pedagogia. 2. Interdisciplinar, educação. 3. Educação popular. 4. Formação docente. 5. Educação em saúde. I. Jéferson Muniz Alves Gracioli. II. Título. III. Subtítulo.

CDD – 310

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
APRESENTAÇÃO	10
BREVE HISTÓRICO DO COMITÊ SETORIAL DE EXTENSÃO DE TOCANTINÓPOLIS: UM COMITÊ NASCIDO EM UM CAMPUS EXTENSIONISTA	16
<i>Cássia Ferreira Miranda, Fabíola Andrade Peireira, Janaína Ribeiro de Rezende, Jéferson Muniz Alves Gracioli, João Batista de Jesus Felix, Lisiane Costa Claro, Maciel Cover, Orranette Pereira Padilhas, Rafael Caetano do Nascimento, Rejane Cleide Medeiros de Almeida</i>	
O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO E O LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR DE APOIO PEDAGÓGICO DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS: ESPAÇOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	24
<i>Francisca Rodrigues Lopes</i>	
UNIVERSIDADE É LUGAR DE CRIANÇA? REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA BRINQUEDOTECA MÁRIO DE ANDRADE NO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS DA UFT	33
<i>Zian Karla Vasconcelos Barros, Mayrhone José Abrantes Farias e Janaína Ribeiro de Rezende</i>	
GRUPO DE APOIO DA TERCEIRA IDADE - GATI: UMA EXPERIÊNCIA COM IDOSOS NO NORTE DO TOCANTINS	43
<i>Fabíola Andrade Pereira</i>	
CLUBE DOS LIVRES: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM EDUCAÇÃO E LEITURA NA PRISÃO	51
<i>Aline Campos, Elizete Pereira dos Santos, Iêda Almeida da Silva, Jhenissa Silva Souza, Juleyce Pereira da Silva, Luciana Conceição da Silva e Thátilla Ferreira Moraes</i>	
CONEXÕES DE SABERES: FORMAÇÃO E EXTENSÃO COM BASE NA EDUCAÇÃO POPULAR	62
<i>Cássia Ferreira Miranda e Lisiane Costa Claro</i>	
CINECLUBE DA UFT EM TOCANTINÓPOLIS	71
<i>João Batista de Jesus Felix</i>	
LUTA PELA TERRA E TERRITÓRIO: SABERES E FAZERES DA RESISTÊNCIA DAS/DOS ACAMPADAS/OS DO MST-TO	77
<i>Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Joice Santos da Silva e Michel Kleiton Saraiva Melonio</i>	
OS JOGOS E BRINCADEIRAS COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA INFÂNCIA	87
<i>Mayrhone José Abrantes Farias, Rubens Vinicius Letieri, Pedro Alves da Costa Júnior e Cristiane Rodrigues dos Santos</i>	

UTILIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA COMO INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO E IGUALDADE DE GÊNERO95

Mikaella Morais de Carvalho, Geovane Alves de Almeida, Murillo Meneses de Sousa e Adriano Lopes de Souza

EDUCAÇÃO FÍSICA CIDADÃ: O ESPORTE COMO AGENTE SOCIAL101

Leandro Ferraz

ATIVIDADE FÍSICA E COGNIÇÃO: PROMOÇÃO DA SAÚDE DO IDOSO EM TOCANTINÓPOLIS106

Adriano Filipe Barreto Grangeiro, Fabíola Andrade Pereira e Marilene Soares da Silva

DA ESCOLA PARA A UNIVERSIDADE, DA UNIVERSIDADE PARA A ESCOLA: 13 DE MAIO, DIA DE LUTAR CONTRA O RACISMO115

Bruno Barros dos Santos

DAS IDEIAS AO ATO: I MOSTRA DE EXTENSÃO DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS123

Rafael Caetano do Nascimento e Jéferson Muniz Alves Gracioli

POSFÁCIO130

Nataniel da Vera-Cruz Gonçalves Araújo

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta obra, aos sujeitos que encontraram na Extensão Universitária uma forma de transformar realidades em um sentido solidário, comprometido com as dimensões políticas e sociais necessárias à produção do conhecimento. Aos que reivindicam por meio do trabalho extensionista uma lógica não caritativa, mas engajada. Aos que ousam além de provocar mudanças na comunidade geral, reavaliar cotidianamente a tarefa e os fundamentos da Universidade e de seu próprio fazer e estar no mundo. Sobretudo, dedicamos esta obra aos quem vieram antes de nós e aos que ainda não tocamos; aos sujeitos que tanto têm a ensinar à Universidade a contribuir com uma sociedade mais igualitária e humanizada.

Professora Doutora Lisiane Costa Claro

Membro do Comitê Setorial de Extensão do campus de Tocantinópolis

PREFÁCIO

É com imensa satisfação que aceitei o convite para prefaciar este livro intitulado “**Compartilhando saberes extensionistas no norte do Tocantins: as experiências de Tocantinópolis**”.

A grata satisfação tem vários motivos e enumerarei alguns para você, leitor e leitora. O primeiro deles, por apresentar múltiplas evidências de práticas extensionistas realizadas em uma região carente da atuação do poder público, em todas as dimensões, e que a Universidade Federal do Tocantins (UFT) se faz presente, mostrando seu papel de indutora, criadora de novos saberes e de instituição inclusiva.

O segundo motivo, não menos importante, por participar ativamente da criação e efetivação das ações de Extensão do Campus de Tocantinópolis, por meio do Comitê Setorial de Extensão. É um grupo proativo e atuante que tem demonstrado, por meio da extensão, que a universidade se faz presente como via de mão dupla na sociedade externa, pois a extensão universitária tem como papel estimular o diálogo e a troca de saberes entre a comunidade acadêmica e a sociedade.

Ademais, como gestora e extensionista, compartilhar com os leitores e leitoras o que há de melhor na academia, dando sentido e significado aos fazeres e saberes produzidos na instituição, por meio dos seus agentes, nesse caso, servidores e estudantes da UFT/Tocantinópolis, me traz alento e motivação para escrever este prefácio.

Os textos apresentados neste livro coadunam com a concepção de extensão universitária firmada pelo Fórum Nacional de Pró-reitores e Pró-reitoras de Extensão das Instituições Públicas de Ensino (FORPROEX), em que as práticas extensionistas são algumas das formas básicas pelas quais a universidade constrói sua relação com a sociedade. É através das ações de extensão que os atores da universidade traduzem, para o campo operacional, os conhecimentos produzidos na academia e, ao mesmo tempo oxigenam seus ímpetus epistemológicos de construção de saberes pertinentes e edificantes da vida social. Como enfatiza Boaventura de Sousa Santos (2005), a extensão poderá ser uma alavanca para experimentar a justiça cognitiva, permitindo a todos o acesso a conhecimentos emancipadores, além de reguladores, possibilitando que os diálogos de saberes sociais e acadêmicos construam conhecimentos novos – emergentes –, para resolver os problemas mais urgentes da vida cidadã.

Os relatos de experiências das ações de extensão, apresentados neste livro, abordam a atuação da universidade no enfrentamento a toda forma de discriminação e violência, com projetos ligados a gênero e raça; na construção de uma cultura intergeracional e de qualidade de vida, através da participação e inclusão dos velhos e crianças nas atividades; na ecologia de saberes e educação prisional, a partir dos relatos de ações, realizados em acampamentos e na cadeia pública da cidade de Tocantinópolis; na interlocução da ‘universidade em rede’, atuando em conjunto com as escolas públicas e os movimentos populares e; na área cultural, a partir da experiência com o cine clube.

Ademais, o conjunto de textos que compõe este livro denuncia a educação colonial, androcêntrica, monocultural e etnocêntrica e faz emergir novas dimensões da universidade pública: plural, sustentável e lugar privilegiado de encontro entre saberes, inserção e compromisso social.

Portanto, mediante este livro, a UFT cumpre com um dos seus pilares: a função social, à medida que democratiza o conhecimento produzido (a pesquisa) e ensinado na universidade, atendendo às demandas mais iminentes da sociedade. Também é uma ação privilegiada por ser avaliada pelo âmbito acadêmico e testada pela comunidade com a qual ela se desenvolve (situação concreta). Nesse sentido, a extensão universitária não pode ser vista como um mero serviço, nem ser tratada como estatística (quantidade de projetos), mas ser levada a sério pelas Instituições de Ensino Superior (IES) quanto ao seu significado e impacto social na comunidade.

REFERÊNCIA

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século 21**. São Paulo: Cortez, 2005.

Profa. Dra Maria Santana F. dos Santos Milhomem.
Pró-reitora de Extensão da UFT

Palmas/ TO - Maio de 2020

APRESENTAÇÃO

A ideia de organizar essa coletânea que traz a extensão universitária como centro de suas reflexões, provém do esforço conjunto de um coletivo de professoras e professores que conduzem o trabalho à frente do Comitê Setorial de Extensão do campus de Tocantinópolis.

As reflexões e análises oriundas das experiências extensionistas aqui descritas mostram que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão previsto tanto na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases de nº 9394/96 são características primordiais e sinalizam um lócus importante na formação humana.

Por meio da extensão, a comunidade acadêmica aprimora o diálogo profícuo com a sociedade, oportunizando aplicação do conhecimento acadêmico. Essa troca de saberes resulta em mudanças significativas na própria instituição superior, na produção acadêmica e consequentemente na democratização do conhecimento.

Sabe-se que a academia dispõe de uma enorme quantidade de trabalhos científicos essenciais para os diferentes setores da sociedade. Contudo, ainda existe um abismo das produções acadêmicas no envolvimento do interesse público, baseado principalmente na especificidade da linguagem científica ou no distanciamento dos reais interesses da comunidade. Tais lacunas serviram de impulso para a efetivação dessa coletânea que enfrentou entre outras questões, o desafio de agregar diferentes temáticas da área da educação que favoreçam uma visão interdisciplinar e, além disso, evidencia que cada ação aqui registrada contribui para a formação humana e cidadã dos sujeitos que delas participam.

É preciso consolidar o papel da universidade pública como propulsora de pesquisas científicas em benefício do interesse dos sujeitos sociais, visto por um olhar particular ou coletivo. Cada particularidade das ações de extensão desenvolvidas nesta obra referem-se a um diagnóstico das situações conflitantes do contexto estudado, possibilitando alternativas para melhorias no lócus em questão.

As reflexões aqui propostas baseiam-se no diálogo entre comunidade acadêmica e comunidade externa, pautada em ações desenvolvidas pelos (as) coordenadores (as) e colaboradores (as) dos projetos de extensão e demais ações desenvolvidas. Os capítulos aqui presentes revelam uma diversidade de saberes advindo de áreas distintas, a exemplo da Pedagogia, Educação Física, Ciências Sociais e Educação do Campo. Além disso, traz no seu posfácio a percepção da direção do campus de Tocantinópolis que reforça por sua vez a importância da extensão para o campus, bem como para a região.

O capítulo I denominado “**Ações de extensão realizadas no Centro de Memória da Educação e no Laboratório Interdisciplinar de apoio pedagógico do campus de Tocantinópolis: História e Memória**”, de autoria de Francisca Rodrigues Lopes (UFT) apresenta o Centro de Memória da Educação (CEMED) e o Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico (LIAPE) dois importantes espaços criados pelo curso de Pedagogia e que fazem parte da história do campus de Tocantinópolis. Estes espaços, além de cumprirem seus papéis convencionais de Laboratório e de Centro de memória, possibilitam experiências inovadoras e interdisciplinares envolvendo os campos do ensino, da pesquisa e da extensão, tanto para dentro quanto para fora da universidade.

O capítulo II, intitulado **“Universidade é lugar de criança? Reflexões a partir da experiência da brinquedoteca Mário de Andrade no campus de Tocantinópolis da UFT”**, de autoria de Zian Karla Vasconcelos Barros (UFT), Mayrhone José Abrantes Farias (UFT) e Janaína Ribeiro de Rezende (UFT), trazem apontamentos acerca do trabalho realizado junto à Brinquedoteca Mário de Andrade, sediada no Curso de Pedagogia da UFT campus Tocantinópolis. Um espaço considerado o laboratório da ludicidade destinado aos filhos de docentes, discentes, técnicos e da comunidade externa, bem como professores(as) das escolas locais, gestores da educação e discentes dos cursos de licenciatura do campus, um cenário de brincadeiras que favorece a compreensão de diversas facetas do desenvolvimento infantil. Portanto, o projeto de extensão tem o intuito de gerar proeminência à criança como sujeito social e ampliar reflexões qualitativas acerca da agenda pública de assistência à infância dentro e fora da universidade.

No capítulo III, denominado **“Grupo de Apoio da Terceira Idade - GATI: uma experiência com idosos no norte do Tocantins”**, Fabíola Andrade Pereira, apresenta reflexões acerca de uma experiência que busca acolher os idosos tocantinopolinos atendidos nos mais diferentes projetos desenvolvidos no âmbito da UFT do campus de Tocantinópolis e da prefeitura municipal da cidade. Além do acolhimento, o projeto tem como propósito ser um espaço sócio-educativo e intergeracional que contribua com a qualidade de vida dos idosos tocantinopolinos por meio de um trabalho pautado em três eixos centrais, quais sejam: saúde e qualidade de vida; educação, sociedade, cultura e cidadania; arte e lazer. Tais eixos ampliam a compreensão acerca da temática e permite aos idosos e a todos aqueles que atuam no projeto uma vasta visão de todo processo.

O capítulo IV, intitulado **“Clube dos Livres: uma experiência extensionista com educação e leitura na prisão”**, das autoras Aline Campos (UFT), Elizete Pereira dos Santos, Iêda Almeida da Silva, Jhenissa Silva Souza, Juleyce Pereira da Silva, Luciana Conceição da Silva e Thátilla Ferreira Morais, dispõe de uma experiência de extensão universitária que possibilitou a estruturação do espaço educativo em uma unidade prisional no Tocantins que promove Clube de Leitura junto à população carcerária. Para as autoras, o foco centra-se na leitura de obras literárias, formado por homens que cumprem pena de privação de liberdade; graduandas, egressas e professores da UFT. O projeto se estrutura em módulos semestrais, ao final dos quais é feita uma roda de conversa avaliativa, que é considerada um ponto forte do projeto. Vale destacar que no momento de diálogo coletivo entre os participantes o projeto tem sido permanentemente reestruturado em função das demandas dos próprios envolvidos. Além das 21 obras lidas até o momento, que proporcionam a remição de pena por leitura para as pessoas presas, o projeto tem alavancado outras ações educativas no interior da unidade prisional e propiciado a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

“Conexões de Saberes: Formação e Extensão com base na Educação Popular” é o título do V capítulo de autoria de Cássia Ferreira Miranda (UFT) e Lisiane Costa Claro (UFT). As autoras tratam do Projeto de Extensão GEPHEA - Conexões de Saberes e apresentam sua proposta em ser um eixo articulador entre os conhecimentos constituídos na Universidade junto aos/as graduandos/as de licenciatura e os saberes populares da comunidade geral no município de Tocantinópolis. O Projeto busca desenvolver ações que envolvam ensino, pesquisa e extensão com coletivos populares, estabelecendo um espaço de conexões de saberes acerca de abordagens pedagógicas libertadoras. Tem como principal objetivo conectar diferentes saberes, principalmente os conhecimentos das áreas de História, Educação e Artes com os conhecimentos

escolares e saberes populares. Diante disso, relata-se especialmente uma atividade formativa que ocorreu por meio de um projeto de curta duração em Educação Popular em Tocantinópolis/TO. Com efeito, o trabalho proposto pelos autores, assume e fortalece a perspectiva das pedagogias libertadoras no horizonte da transformação social, autonomia e libertação dos sujeitos envolvidos e evidencia a extensão como espaço fundamental para a formação de educadores e educadoras populares.

O capítulo VI denominado **“Cineclube da UFT em Tocantinópolis”**, de autoria de João Batista de Jesus Felix (UFT), traz à tona a reflexão de temáticas sociais por meio de apresentações de filmes na Universidade Federal do Tocantins no campus de Tocantinópolis. A ação de extensão foi criada pela Portaria Nº 153, em 24/10/2006, e atualmente está presente nos sete (7) campi da UFT. Diferentemente das salas de cinemas comerciais, o intuito das sessões do Cineclube é provocar reflexões com os participantes após a apresentação dos filmes, por meio da mediação do coordenador, por um docente, discente ou alguém da comunidade. Ressalta-se que desde 2009, o cineclube contempla mensalmente as seguintes temáticas de filmes para apresentação das sessões: em março “Luta Internacional da Mulher” e a “Luta Internacional Pela Eliminação da Discriminação Racial”; em abril “Luta dos Indígenas”; em maio destacamos a “Luta Internacional dos Trabalhadores” e a “Denúncia do Racismo Brasileiro”; em junho “O Homem e as Tecnologias”; agosto “Direito”; setembro “Cinema Brasileiro”, outubro “Educação” e novembro “Consciência Negra”. Portanto, há um planejamento fixo de temáticas centrais para a seleção de filmes na execução do calendário acadêmico.

“Luta pela terra e território: saberes e fazeres da resistência das/dos acampadas/os do MST-TO” nomeia o VII capítulo escrito por Rejane Cleide Medeiros de Almeida (UFT), Joice Santos da Silva (UFT) e Michel Kleiton Saraiva Melonio (UFT), trazem como tema central de suas reflexões as trajetórias de resistências dos/das camponeses/as Sem Terra. Trajetórias de saberes e fazeres de acampados/as do Acampamento Padre Josimo gerados na luta pela terra, cuja matriz produz territorialidades, enquanto elementos constitutivos dos territórios. Para estas reflexões, adotou-se um recorte socioespacial e de sujeitos coletivos que se organizam em movimento social camponês. Trata-se do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Tocantins (MST), em especial dos acampados/as do Acampamento Padre Josimo. Como fazeres e saberes destacam-se a luta pela terra e território, construção e afirmação da identidade Sem Terra. Segundo os autores, as ações e formas de ocupações de terra compõem o enredo da história da luta camponesa no Brasil. Assim, as estratégias e ações são componentes que os movimentos desenvolvem enquanto um conjunto de práticas sociais e culturais. São sujeitos em movimento, em ação coletiva, que se mostram como atores em público, com maior ou menor destaque.

O capítulo VIII denominado **“Os jogos e brincadeiras como instrumentos de educação em saúde na infância”** dos autores Mayrhone Jose Abrantes Farias (UFT), Rubens Vinicius Letieri (UFT), Pedro Alves da Costa Júnior (UFT) e Cristiane Rodrigues dos Santos (UFT), tem como principal foco o movimento na infância, dispendo como objetivo promover vivências por meio dos jogos e brincadeiras, como ferramentas de educação para a saúde. Portanto, o escopo do projeto parte de conhecimentos próximos as crianças, por meio de uma concepção bio-psico-social de sujeito, tendo em vista a heterogeneidade cultural local e suas implicações nas políticas voltadas à saúde e a educação. No que tange a organização do cronograma de atividades para o desenvolvimento do projeto, as ações preveem atividades de três horas semanais (1 hora e 30 minutos por encontro), no turno matutino (contra turno das atividades regulares),

as quartas e sextas-feiras, envolvendo crianças na faixa etária de 6 a 11 anos de duas escolas da rede municipal de Tocantinópolis/TO, sendo uma da zona rural e outra situada nos arredores da UFT (Unidade Babaçu), no perímetro urbano da cidade. As atividades são planejadas pelos alunos do curso de Educação Física da UFT, em reuniões periódicas, em que várias dimensões da saúde são problematizadas por meio de conteúdos lúdicos. A meta do projeto é atingir toda a comunidade infantil que circunda a Unidade Babaçu, abrangendo as crianças matriculadas nas pré-escolas e escolas de ensino fundamental da região, ampliando diretrizes qualitativas de reflexão sobre a saúde nos espaços infantis, de forma que os conhecimentos adquiridos reverberem no ambiente familiar.

A **“Utilização da prática esportiva como instrumento de democratização e igualdade de gênero** é o título do capítulo IX, dos autores Adriano Lopes de Souza (UFT), Mikaella Morais de Carvalho (UFT), Geovane Alves de Almeida (UFT), Murillo Meneses de Sousa (UFT) apresentam uma experiência vivenciada no projeto de extensão “Futebol é coisa de... quem quiser”, cujo objetivo perpassa pelo fomento da cultura esportiva universitária para ambos os gêneros, com enfoque na formação humana, treinamento esportivo, integração acadêmica e promoção da saúde. Segundo os autores, a proposta deste projeto emergiu a partir das reivindicações dos próprios alunos e alunas e de algumas pessoas da comunidade externa para disporem de um espaço institucionalizado destinado para a prática esportiva. Tal intervenção ocorreu entre os meses de setembro de 2018 e dezembro de 2019, no Ginásio de Esportes da cidade de Tocantinópolis-TO. Assim, os resultados apontam que o referido projeto promoveu, até o presente momento, diferentes valores que compõe a sociedade, com destaque para o respeito entre os participantes, pois, a cada encontro, estes têm mostrado que independente do gênero, é possível praticá-lo, fomentando, portanto, o protagonismo compartilhado entre homens e mulheres em um esporte que é historicamente masculinizado.

O capítulo X denominado **“Educação Física Cidadã: o esporte como agente social”** de Leandro Ferraz (UFT) aponta uma reflexão alinhada às necessidades da formação de professores, ao caráter social do ensino superior e nas particularidades da cidadania, ancorada no desenvolvimento do Projeto “Atletinha Cidadão” que tem como base de ação a integração social e cidadã de meninos e meninas de periferia através do esporte. O projeto em parceria com a Escolinha de Futebol Pedro Gomes, do povoado Folha Grossa, Tocantinópolis-TO, conta com 32 acadêmicos voluntários do curso de Licenciatura em Educação Física e 26 alunos/atletas inscritos, em uma faixa etária de 9 a 16 anos de idade, sendo todos meninos. Segundo o autor, esta ação social propõe promover o esporte, proporcionando as crianças e adolescentes um novo modelo de lazer e acesso ao esporte. Desta forma, inclui de maneira correta na sociedade, incentivando o atleta a estudar, promovendo a arte como: música, teatro, etc., possibilitando uma vida saudável, e mapeando as dificuldades de cada atleta, juntamente com sua família.

O capítulo XI, intitulado **“Atividade Física e Cognição: Promoção da saúde do idoso em Tocantinópolis”**, dos autores Adriano Filipe Barreto Grangeiro (UFT), Fabíola Andrade Pereira (UFT) e Marilene Soares da Silva (UFT) aponta que o crescimento acelerado da população idosa é um fenômeno mundial e um dos grandes desafios na área de saúde e educação, especialmente nos países em desenvolvimento como o Brasil. Assim, uma velhice com qualidade de vida boa depende de inúmeros fatores: promoção da saúde, envelhecimento saudável e bem-sucedido, oportunidade de educação, cultura e convivência, bem-estar social para que alcance uma maior longevidade. Segundo os autores, os estudos recentes confirmam que o estilo de vida ativo atenua os efeitos deletérios do declínio cognitivo. O objetivo do

estudo que originou o desenvolvimento deste foi implantar um projeto de extensão que propiciasse a realização da prática de atividade física associado à cognição para idosos do município de Tocantinópolis a fim de melhorar sua autonomia, independência e qualidade de vida, com desfecho positivo na saúde e educação, retardando o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis e mantendo-os por mais tempos funcionalmente capazes para realizar atividades motoras no dia-a-dia. Como projeto interdisciplinar, pioneiro no Curso de Educação Física de Tocantinópolis em parceria com o Curso de Pedagogia da UFT, a implantação do projeto justifica-se com base na realidade Tocantinopolina aliando teoria e prática nas dimensões biopsico-socioculturais do envelhecimento humano. Assim, a relação entre ensino, pesquisa e extensão neste projeto, conduziu a mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem, corroborando efetivamente para a formação profissional de discentes e docentes, fortalecendo o ato de aprender, ensinar e formar profissionais e cidadãos humanizados, além de levar o idoso para dentro da Universidade.

“Da Escola para a Universidade, da Universidade para a Escola: 13 de maio, dia de lutar contra o racismo” de autoria de Bruno Barros dos Santos (UFT) nomeia o capítulo XII desta obra. Neste, o autor apresenta as reflexões geradas na palestra do dia 13 de maio intitulada “Dia Nacional de Libertação dos Escravos”, permeando debates acerca da problemática do racismo e intolerância religiosa presentes nos comportamentos e ações da sociedade contemporânea. O objetivo da ação extensionista visa explorar os discursos hegemônicos à época de 1888, desconstruindo o 13 de maio. Ressalta-se que o evento foi direcionado aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas da UFT do campus de Tocantinópolis, bem como para alunos do ensino médio da cidade e uma turma convidada de uma escola estadual de Porto Franco/MA. A composição das mesas e palestras para aprofundamento da temática contou com a participação de três pesquisadores, professora Dr^a. Sariza Caetano Venâncio do curso de História da UFT do campus de Araguaína, professora Maria Leal Pinto da rede estadual de Tocantinópolis/TO e professor Dr. João Batista de Jesus Félix da UFT do campus de Tocantinópolis. Tais pesquisadores exploram a questão afro-brasileira sob o prisma da religião, partilhando dos saberes relacionado à questão da migração, simbologias, cultura africana, particularidades da umbanda e outras religiões afro-brasileiras no Tocantins.

O capítulo XIII escrito por Rafael Caetano do Nascimento (UFT) e Jéferson Muniz Alves Gracioli (UFT) finaliza esta obra e traz uma reflexão que é fruto de uma ação empreendida pelo Comitê Setorial de Extensão, do qual ambos fazem parte, cujo objetivo foi publicizar junto à comunidade acadêmica e local todas as ações empreendidas pelos docentes e técnicos no âmbito da extensão. **“Das ideias ao ato: I Mostra de Extensão do Campus de Tocantinópolis/TO”** partilha a compreensão de que as reflexões concebidas por essas ações mostram a essência da extensão como movimento transformador. A I Mostra de Extensão que ocorreu no dia 17 de outubro de 2019, conjuntamente com a Semana Acadêmica da Pedagogia, constituiu, portanto, um momento conjunto para partilha das atividades e produções no âmbito da extensão universitária do campus, além de se consolidar como um movimento aglutinador e catalizador de novas parcerias.

Esperamos que os elementos e reflexões aqui contidos contribuam para ampliar o conhecimento acerca da extensão universitária, bem como auxiliem na feitura de nossas propostas a fim de efetivar e consolidar a função da universidade e seu impacto social.

Boa leitura!

Fabíola Andrade Pereira

Presidente do Comitê Setorial de Extensão de Tocantinópolis

Jéferson Muniz Alves Gracioli

Vice-Presidente do Comitê Setorial de extensão de Tocantinópolis

Tocantinópolis - TO/ Maio de 2020.

BREVE HISTÓRICO DO COMITÊ SETORIAL DE EXTENSÃO DE TOCANTINÓPOLIS: UM COMITÊ NASCIDO EM UM CAMPUS EXTENSIONISTA

*Cássia Ferreira Miranda¹, Fabíola Andrade Peireira², Janaína Ribeiro de Rezende³,
Jéferson Muniz Alves Gracioli⁴, João Batista de Jesus Felix⁵, Lisiane Costa Claro⁶,
Maciel Cover⁷, Orranette Pereira Padilhas⁸, Rafael Caetano do Nascimento⁹,
Rejane Cleide Medeiros de Almeida¹⁰*

*Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.*

Antônio Machado

O Comitê Setorial de Extensão de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT), busca com esta escrita produzir um registro de historicidade acerca do percurso que a Extensão Universitária assume ao longo da constituição da Universidade na região do Bico do Papagaio, no estado do Tocantins. Além disso, ao recordar a trajetória percorrida no coletivo por tantos sujeitos que semearam possibilidades de transformação social, sementes germinadas em iniciativas, projetos e parcerias entre a comunidade local e regional, junto à Universidade, a escrita assume o intuito em demarcar o compromisso social necessário ao âmbito acadêmico.

Para tanto, consideramos pertinente retomar alguns elementos e conceitos basilares ao trabalho extensionista da Universidade, por meio de documentos e políticas de extensão de âmbito nacional, bem como documentos institucionais. Também evidenciamos concepções teóricas que alicerçam a dimensão da Extensão Universitária, bem como apresentamos a trajetória que demonstra as relações tecidas entre o espaço universitário e o comunitário.

A extensão universitária apresenta como elementos norteadores a interface do ensino, da pesquisa e da extensão. Tem por objetivo proporcionar condições para a realização de atividades extensionistas, partindo do princípio de que este é um processo educativo, cultural, político e científico que articula a socialização e produção de conhecimento, bem como a comunicação dos saberes acadêmicos com a sociedade de forma indissociável, que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade (FORPROEX, 2012).

Freire (1983), na obra “Extensão ou comunicação?”, destaca que o diálogo é o encontro entre humanos, mediatizados pelo mundo, que ao transformá-lo se transformam mutuamente. Diferentemente da dialogicidade, a invasão cultural, segundo o autor é premissa para a conquista, manipulação e o messianismo (FREIRE, 1983). Por esta razão, o exercício da extensão é contrário à invasão cultural que tem como elementos centrais as práticas pedagógicas que devem ser pautadas em metodologias que possibilitem exercícios de intercâmbios de saberes, de diversos conhecimentos epistemológicos, da ecologia dos saberes, compreendidos como câmbios de experiências e conhecimentos entre comunidades e Universidade (SANTOS, 2011).

A partir dessa compreensão, apresentam-se como diretrizes da extensão as orientações definidas na interação dialógica, da interdisciplinaridade, interdissociabilidade e interprofissionalidade entre ensino, pesquisa e extensão que sustenta o conhecimento na Universidade (FORPROEX, 2012); trata-se de elementos presentes enquanto princípios na Resolução nº 07/2018 CNE/CES. Dessa maneira, a extensão deve impactar a formação dos estudantes para a transformação social, visando estabelecer o vínculo entre o conhecimento acadêmico, a intervenção social e o compromisso com o desenvolvimento sociocultural da comunidade.

A interação entre Universidade e comunidade na qual está inserida é um princípio orientador da Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), destacando as interrelações entre os diversos setores da sociedade, de modo que a Universidade deve acolher e dialogar com as demandas comunitárias, uma vez que faz parte dela. Para o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) compreende-se:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012, p.15).

Diante da concepção constituída no processo participativo que o Fórum representa, a Extensão Universitária configura-se como uma reivindicação por uma postura engajada da Universidade.

O Manual de Extensão da Universidade Federal do Tocantins (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2019) apresenta as cinco diretrizes da extensão universitária são as seguintes. A primeira diretriz, **I. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**, considera o processo acadêmico, no qual a Extensão deve vincular-se com a formação de pessoas e produção de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica à sua atuação profissional e formação cidadã, com base numa visão transformadora. Já a **II. Interdisciplinaridade** demarca a necessária interação de modelos e conceitos dos diferentes âmbitos que levam à interinstitucionalidade, pautada na interação e interrelação de organizações, profissionais e indivíduos. A diretriz **III. Impacto e transformação** busca a relação entre Universidade e demais setores sociais, que atendam às demandas da população, em um sentido transformador, bem como articulação com os movimentos de superação de desigualdades e exclusão social, que provoque o desenvolvimento regional e construção de políticas públicas com ênfase na democracia e sustentabilidade. A quarta diretriz **IV. Impacto sobre a formação discente** retoma a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como fundamental ao estudante. Por fim, a **V. Interação dialógica** destaca a constituição das relações pelo diálogo, pela partilha de saberes e superação de desigualdades e de exclusão.

Assim, a ação extensionista da UFT tem por princípio norteador consolidar políticas acadêmicas de comunicação e diálogo com a comunidade em que está inserida, fortalecendo o projeto da Universidade de interagir com os diversos grupos sociais, de forma a contribuir para o desenvolvimento da região. O papel da extensão universitária é, portanto, realizar o compromisso social da Universidade, através dos programas, projetos, cursos, serviços, seminários, entre outras ações, que são cadastradas, apoiadas e executadas pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX).

A UFT (2019) endossa que a Extensão Universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico, político e tecnológico que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. A instituição está organizada em colegiados, núcleos, institutos e departamento administrativo, que se constituem como as instâncias deliberativas e normativas da extensão. A PROEX é responsável pela instrução técnica das ações de extensão aprovadas por tais instâncias e pelo encaminhamento das ações a pareceristas para avaliação de mérito e relevância social.

A partir dessas estruturas, a PROEX mantém um Comitê Central de Extensão, órgão consultivo, deliberativo e responsável pelo planejamento e acompanhamento da política de extensão da Universidade. Vinculados a ele, organizam-se os Comitês Setoriais de Extensão nos campi da UFT, como forma de consolidar a extensão nas diversas regiões em que a Universidade atua. Dessa maneira, os Comitês Setoriais se constituem na instância responsável por auxiliar no suporte e desempenhar a função de assessoramento da Extensão nos campi.

No Plano de Desenvolvimento Institucional da UFT, com vigência de 2016 a 2020 (UFT, 2017), a Universidade destaca a Amazônia e o Cerrado, como principais áreas de atuação, devido ao estado do Tocantins se localizar em região com esses biomas. Por meio do documento, a instituição demonstra, sobretudo, o seu compromisso social com a realidade em que está inserida. O documento também enfatiza sua tarefa em promover a extensão aberta à participação da população, visando à disseminação das conquistas produzidas pela criação cultural e pela pesquisa científica, geradas na instituição.

Sendo assim, o PDI (UFT, 2017) apresenta cinco áreas prioritárias para a Universidade desenvolver ações: 1. Identidade, Cultura e Territorialidade, 2. Agropecuária e meio ambiente, 3. Biodiversidade e Mudanças Climáticas, 4. Educação e 5. Fontes de Energia Renovável.

Observamos a importância que a extensão assume na instituição por envolver ações articuladas com outras instâncias, como a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ), previstas no Plano de desenvolvimento Institucional e no Plano Pedagógico Institucional da UFT, com destaque à promoção da extensão aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural, da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Feitas essas considerações gerais, é importante registrar, ainda que brevemente, que o campus de Tocantinópolis tem a extensão como marca central. Essa constatação se dá pelo peso que esse elemento tão essencial tem tido para história e permanência do campus nesta região. Para isso, daremos destaque a três importantes momentos de nossa história, expressos no relato de fatos relevantes desde antes da criação da UFT.

No final da década de 1990, quando o campus ainda fazia parte da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)¹¹, algumas ações foram desencadeadas em prol da defesa da permanência do campus em Tocantinópolis. Tais ações promovidas por meio do Fórum em Defesa do campus e do Curso de Pedagogia deram luz à elaboração de alguns documentos destinados aos gestores locais e estaduais que retratavam a importância da Universidade na região e o papel da extensão universitária que à época prestava um rol de serviço a população do norte do estado do Tocantins. Assim, a 1ª em Carta em Defesa do campus e do Curso de Pedagogia, escrita pelo Fórum e dirigida ao então governador do estado, José Wilson Siqueira Campos, divulgada no dia 25 de junho de 1999, destacava no seu item 2 que:

Tocantinópolis oferece uma gama enorme de serviços para a comunidade através dos projetos de extensão: cerca de 600 alunos e 30 professores são beneficiados através do **projeto pró-leitura**, - convênio Seduc com a França; o **projeto de Assessoria aos moradores e sócios da associação** de moradores do Alto da Boa Vista contribui para que 60 famílias planejem a sua intervenção educacional nesse espaço; 250 famílias, cerca de 1500 pessoas, assistidas pelo projeto Tocantinópolis - convênio com a Itália e, finalmente, os alunos concluintes da UNITINS estagiaram em 30 salas de aula de ensino, perfazendo quase 1150 alunos que são assistidas pelo estágio supervisionado.

Além desse serviço Campus Tocantinópolis possui uma biblioteca com 4972, volumes considerada a maior de todos os campi. Com acervo auxilia as crianças de Tocantinópolis e das cidades vizinhas nas pesquisas científicas. (FÓRUM EM DEFESA DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS E DO CURSO DE PEDAGOGIA, 1999).

Ainda nesse contexto, convém salientar outro importante projeto nascido em 1999 no Estado do Tocantins, o projeto **Educação do Campo: a riqueza de sua produção** que atendia em média diretamente 50 monitores-alfabetizadores e quatro coordenadores locais. Segundo Pereira (2008), esse projeto, caracterizou-se como o marco inicial da história do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) na região, tendo como objetivo proporcionar aos trabalhadores rurais jovens e adultos o fortalecimento da educação nos assentamentos da reforma agrária do Estado, garantindo, assim, a oportunidade de escolarização como meio para conquistarem sua emancipação social, econômica e política através do exercício da cidadania. Nesse sentido convém ponderar que:

O ponto mais alto da luta pela permanência do campus ocorreu em razão de os alfabetizandos, monitores-alfabetizadores e coordenadores locais do PRONERA terem se envolvido na defesa da permanência da UNITINS, que lhes trazia contribuições significativas. Até porque era nas dependências da própria universidade que os membros do PRONERA se hospedavam e faziam as refeições – o que certamente ratificava a importância e o papel social da UNITINS para a região. Através desse envolvimento, os sujeitos referidos puderam praticar cidadania no sentido de reivindicar o direito à educação, envolveram-se de

11 O Campus de Tocantinópolis foi criado em 1990, para realizar a formação de professores na região do Bico do Papagaio – TO. O Campus pertencia à UNITINS, sendo que no final dessa década, passou a enfrentar dificuldades de manutenção, quando os estudantes organizaram um movimento em defesa da permanência do Campus e federalização da Universidade. A Universidade Federal do Tocantins foi criada no ano de 2000, integrando campi da Universidade Estadual do Tocantins, sendo que o Campus de Tocantinópolis um deles. A partir de então, as estruturas e cursos do Campus passaram a fazer parte da UFT, o que foi uma conquista resultante de muita luta e mobilização dos estudantes, professores e da comunidade tocaninopolina.

forma real na busca da democratização, num processo de luta pela efetivação de um direito já assegurado legalmente. (PEREIRA, 2008, p. 57).

Essa constatação tem, ao longo da história, dado ao campus de Tocantinópolis um lugar de realce. O desfecho dessa luta que resultou na permanência do campus e na não privatização da UNITINS evidenciou que o envolvimento da comunidade nas ações empreendidas pela Universidade reflete um compromisso, um exercício prático de cidadania baseado na participação ativa e coletiva, o que ratifica a afirmativa de que a extensão é um fator essencial e, no nosso caso, foi decisivo para que nosso campus permanecesse e se ampliasse com a chegada de novos cursos, alunos, técnicos e professores.

Em 2010, as ações de extensão no campus eram coordenadas por meio de um Grupo de Trabalho (GT) de Extensão. Tal Grupo de Trabalho tinha como objetivo organizar e acompanhar eventos, atividades de extensão como seminários, semanas acadêmicas, congressos da comunidade interna e externa à Universidade; fortalecer e propor atividades de extensão no campus; mobilizar alunos, técnicos administrativos e professores para a participação em atividades e eventos de extensão; compor a comissão de seleção de bolsistas do programa permanência acadêmica no campus; acompanhar a seleção de alunos para a ocuparem a casa de estudante e promover o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

As ações empreendidas por meio desse GT possibilitaram sistematizar a época todos os projetos de extensão existentes no campus que deveriam ser apresentados no I Seminário de Extensão e Cultura da UFT, do I Seminário Local do Programa Conexões de Saberes da UFT e do I Fórum de Núcleos e Grupos de Trabalho de Extensão e Cultura: Concepções e Gestão realizados pela PROEX, em Palmas, no ano de 2010. Nesse sentido, o campus de Tocantinópolis pode contribuir, a partir das suas experiências, com a construção e consolidação das políticas extensionistas da Universidade.

Por meio desse trabalho, foi possível verificar que o campus de Tocantinópolis prima pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e suas ações visam construir uma interação transformadora entre a Universidade e a comunidade, posto que na história do campus é possível notar o crescimento significativo do número de artigos, capítulos de livros, projetos de pesquisa (trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses) oriundos de experiências extensionistas. Este livro é prova cabal dessa assertiva.

O ano de 2018 é considerado o momento inicial de estruturação do Comitê Setorial de Extensão de Tocantinópolis, um passo a mais na organização das ações extensionistas no campus. Na sua criação, o Comitê de Tocantinópolis contava com os seguintes membros: Prof.^a Aline Campos, do curso de Pedagogia (presidente); Eveliny Jácome, Secretária Executiva da direção; Prof.^a Alessandra Araújo de Souza, do curso de Educação Física; Prof.^a Luana Mara Pereira, do curso de Educação do Campo; Giano Guimarães, técnico administrativo; Prof. João Batista de Jesus Félix, do curso de Ciências Sociais e Prof. Leandro Ferraz, do curso de Educação Física. Esse período foi fundamental para a consolidação do Comitê no campus, o que qualificou a circulação de informações e deu mais visibilidade aos projetos que aconteciam no campus.

Foi neste ano que o Comitê fez um levantamento das ações de extensão presentes no campus, iniciou os estudos e contribuições para a minuta de reformulação da política de extensão no âmbito da UFT. O Comitê se ateve também a necessidade de se apresentar enquanto referência e apoio a comunidade acadêmica e externa no tocante à extensão. Além de buscar entre

técnicos-administrativos, docentes e discentes dos cursos do campus mais participantes para compor a equipe de trabalho. A partir disto o comitê conseguiu se efetivar como referencial para diversas questões que emergiram envolvendo a extensão.

Em um trabalho contínuo com reuniões mensais do Comitê, as ações no campus e as contribuições documentais foram se desenvolvendo. Em continuidade aos trabalhos, o Comitê seguiu com reuniões, estudos e participações em eventos institucionais de extensão que englobava todos os campi da UFT trocando conhecimentos, bem como, possibilidades de ações diversas e eficazes. Além disso, o Comitê seguiu atendendo a demanda institucional e o auxílio à comunidade local e universitária para eficácia das ações extensionistas, tendo como premissa a representatividade da extensão na interdisciplinaridade e interlocução com o ensino e com a pesquisa no campus de Tocantinópolis.

Ao final do primeiro ano de trabalho, a instância foi recomposta e o Comitê passou a ser conduzido por: Prof.^a Fabíola Andrade Pereira (presidente), Prof. Jéferson Muniz Alves Gracioli (vice-presidente), Prof.^a Janaína Ribeiro de Rezende, Prof.^a Lisiane Costa Claro, Prof. Rafael Caetano do Nascimento, os estudantes Jemina Marinho Abreu e Thalís de Oliveira Gonçalves, do curso de Pedagogia; Prof. João Batista de Jesus Felix e a estudante Mayara de Souza Rodrigues Ferreira, do curso de Ciências Sociais; Prof.^a Cássia Ferreira Miranda, Prof. Maciel Cover e Prof.^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida, do curso de Educação do Campo; Prof.^a Orranete Pereira Padilhas e o estudante Pedro Alves da Costa Júnior, do curso de Educação Física.

Com isso, houve a continuidade dos trabalhos já desenvolvidos e a ampliação das ações, o que fundamentou a criação de um e-mail institucional do Comitê e a solicitação à direção do campus de uma sala para melhor operacionalização das atividades, bem como para guardar os materiais oriundos de apresentações em diversos eventos dos programas e projetos extensionistas do campus.

Dessa forma, o Comitê tem buscado cumprir seu papel na promoção da extensão no Campus e na articulação das ações realizadas com a política institucional, por meio da participação nas discussões da PROEX sobre os mais diversos temas (construção da política de extensão da UFT, debate da curricularização da extensão etc.); divulgação e participação nos processos de seleção de editais de bolsa e financiamento da extensão, além de outras atividades.

Constatando a diversidade de ações de extensão desenvolvidas no Campus e a avaliação da necessidade de uma maior articulação e difusão destas foi que surgiu, estruturou-se e efetivou-se a I Mostra de Extensão, organizada por esse Comitê em 17 de outubro de 2019, que será apresentada no último capítulo do livro.

As ações do Comitê também se materializam na publicação deste livro, fruto do trabalho e da escrita coletiva de diferentes autores. A colcha de retalhos da ação extensionista no campus de Tocantinópolis começou a ser tecida no início da sua história. A relação com a comunidade é uma marca profunda da presença universitária na região do Bico do Papagaio, ao norte do estado do Tocantins.

Compreendemos que a riqueza de conhecimentos construídos com tão diversos sujeitos, gerações e culturas participantes dos projetos de extensão ao longo desse caminho deve ser compartilhada, como forma de continuar a comunicação que caracteriza a extensão universitária, como nos ensinou Paulo Freire (1983). Esta relação é indispensável para que a Universidade cumpra com a sua função social e reconheça seu vínculo com a sociedade que a sustenta.

Sabemos que ainda temos muito a trilhar nesse caminho – que se faz ao caminhar. Sigamos aprendendo!

REFERÊNCIAS

BRASIL, Resolução CNE/CES nº 07/2018 **Estabelece as diretrizes para a extensão no ensino superior brasileiro.**

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária – PNEU.** Manaus, AM, 02 mai. 2012. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/proex/content/download/7042/45561/file/PNEU.pdf>. Acesso em: 16 maio 2020.

FÓRUM EM DEFESA DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS E DO CURSO DE PEDAGOGIA. [Correspondência]. Destinatário: José Wilson Siqueira Campos, Tocantinópolis, 25 jun. 1999. 1ª Carta de Defesa da Permanência do Campus e do Curso de Pedagogia

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários. **Manual de extensão da Universidade Federal do Tocantins.** – Palmas, TO: UFT, Proex, 2019.

PEREIRA, F. A. **A Educação de Pessoas Jovens e Adultos e a cidadania no campo:** um olhar sobre o PRONERA no norte do Tocantins. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/ PB, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Meneses, Maria Paula. **Epistemologia do Sul.** Coimbra: Almedina, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020.** Palmas, TO: UFT, 2017. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/ritK2fFFR-CmYvxsKn-WjKA>. Acesso em: 14 maio 2020.

O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO E O LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR DE APOIO PEDAGÓGICO DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS: ESPAÇOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Francisca Rodrigues Lopes¹²

INTRODUÇÃO

De acordo como a teoria das escolhas, do médico psiquiatra americano Willian Glasser (1925-2013), aprende-se muito mais pelo que se faz do que simplesmente pelo que se ouve. Sua teoria mostra que não se deve trabalhar apenas com a memorização ou com estudos teóricos como os que são amplamente realizados na academia. Construiu uma pirâmide na qual mostra a porcentagem do que aprendemos, sendo que a aprendizagem mais baixa fica em dez por cento para aquilo que apenas lemos e vinte por cento para o que ouvimos, os graus mais altos de retenção da aprendizagem ficam para aquilo que fazemos (oitenta por cento) e para aquilo que aprendemos e depois ensinamos aos outros, que alcança um índice de noventa e cinco por cento de retenção.

Nessa perspectiva, entende-se que é importante, para qualquer espaço educativo, a existência de espaços de aprendizagem prática, através do uso de materiais didáticos, treinos, experimentos e desenvolvimentos criativos e de práticas inovadoras. Os laboratórios são, portanto, necessários por assumirem essas características e possibilitarem, aos estudantes usuários, a oportunidade de transformar teorias em práticas e, inversamente, as práticas realizadas em conteúdos teóricos. Os museus ou centros de memória também oportunizam aos visitantes e pesquisadores contato com objetos palpáveis que provocam outras formas de ver e outras formas de aprendizagens.

O Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico (LIAPE) do campus da Universidade Federal do Tocantins em Tocantinópolis (TO) tem, na premissa de sua criação, o objetivo de ser um espaço desse porte e natureza. A proposição de ser interdisciplinar faz com que este laboratório envolvesse diferentes áreas do conhecimento e atividades práticas pedagógicas. E foi na ampliação de seu acervo, manual, documental, iconográfico e tecnológico, que viu-se a necessidade de criação de um Centro de Memória tomar corpo e independência.

Assim, o Centro de Memória da Educação (CEMED) assumiu, para si, a parte do acervo documental e iconográfico, tornando-se um espaço onde se pode encontrar registros sobre a

12 Doutora em Comunicação e Semiótica. Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: france@uft.edu.br

história, não só do curso de Pedagogia e do campus de Tocantinópolis, mas da formação de educadores para a região do Bico do Papagaio que se iniciou no antigo Centro de Formação de professores Primários (CFPP), inaugurado em 1971, quando o Tocantins ainda pertencia ao estado de Goiás.

Esses dois espaços sempre tiveram um ritmo bem expressivo de atividades de fortalecimento do ensino a partir de ações de extensão e produção de pesquisas, sendo tais atividades apresentadas em eventos, exposições e registradas em Trabalhos de Conclusão de Cursos TCCs. Com o passar dos anos, diversas mudanças ocorreram em ambos os espaços, com a reestruturação de suas propostas iniciais, as mudanças de direção, a ampliação de seus espaços, a aquisição de materiais, a ampliação de seus acervos etc. Porém o que permanece é o caráter interdisciplinar e a missão de ser um lugar extensionista que favorece a execução de atividades de ensino e de pesquisa.

O objetivo deste texto é trazer à memória a história e repercussão desses dois espaços, bem como refletir o valor de cada um como essencial para o Campus de Tocantinópolis que neste ano completa seus trinta anos de inserção neste lugar. A decisão por escrever sobre o Laboratório Interdisciplinar e Apoio Pedagógico e o Centro de Memória da Educação se justifica pela necessidade de publicizar a história destes dois espaços que, embora nascidos no mesmo seio e crescidos entrelaçados por vários anos, sempre tiveram propósitos próprios, mas que, às vezes, são poucos conhecidos e valorizados.

Dessa forma, respeitando a ordem de criação, passa-se a registrar primeiramente a história do hoje conhecido LIAPE, como um laboratório em que pode levar aos alunos a aprenderem a partir da prática, e, em seguida do atualmente Centro de Memória da Educação que é um lugar onde se guarda a história, a partir de diferentes ícones visuais; depois far-se-á uma reflexão sobre a importância destes espaços e suas repercussões ao longo de suas existências.

DO LAPES AO LIAPE: LABORATÓRIO DE APOIO PEDAGÓGICO.

O Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico (LIAPE) é uma versão renovada do Laboratório de Apoio Pedagógico Especializado (LAPES), cujo projeto foi proposto em 2004, pela professora Francisca Rodrigues Lopes juntamente com o professor Sauloéber Tarso, ambos do Colegiado do curso de Pedagogia. O projeto foi protocolado na PROEX (Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários) em 10 de Janeiro de 2005 (PE-EDU-028-07.08-20/05) e, em seguida, cadastrado na SEPLAN (Secretaria do Planejamento), acessível no endereço: www.seplan.to.gov.br.

O LAPES tinha como objetivo principal “Apoiar, através de diferentes recursos, professores e alunos estagiários nas aulas práticas das disciplinas bases da formação do professor; oferecer espaço de reflexão, ação e intervenção, através de projetos de professores e alunos estagiários...”. (LOPES; TARSO, 2004, p. 02). As atividades no Laboratório eram realizadas com a finalidade de proporcionar momentos de relacionamento e conhecimento sobre a utilidade de diferentes aparelhos e recursos pedagógicos que poderiam ser colocados em favor do ensino, suprimindo experiência ensaiada quanto à preparação e utilização de materiais didáticos em sala de aula. Além disso, o espaço favorecia ações de extensão e pesquisa que se processavam através

de leituras, preparação de aulas, construção de projetos e aplicação experimental por professores e alunos estagiários.

Esse Laboratório ocupava uma sala razoavelmente grande no Bloco de salas de aulas e era organizado em eixos levando em conta as áreas para as quais o formado em Pedagogia iria atuar, conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e considerando as orientações do Projeto Pedagógico do curso em vigor. Os eixos que formavam os espaços eram:

O eixo das **Artes Visuais** era composto com TV e Vídeo, Fitas de vídeo, CDs de música, cartazes, materiais para pintura, quadros, cartazes etc.; No eixo de **Música e Movimento** encontrava-se: Teclado, flauta, e instrumentos de uma bandinha de música feita de sucata; O eixo **Natureza e Sociedade** tinha materiais para as áreas de História, Geografia e Ciências Naturais, tais como: mapas, globos, maquetes, esqueleto, insetário, herbário, aquário, planetário, álbum seriado, anfíbios e aracnídeos armazenados em potes; O eixo de **Linguagem Oral e Escrita** dava suporte ao trabalho com as metodologias do ensino de língua portuguesa e estrangeira, através de livros, jogos, revistas, cartazes, literatura infanto-juvenil: alfabetos ilustrados, cartaz de pregas, álbuns, revistas, livros de histórias infantis, etc.; O eixo de **Matemática** tinha muitos jogos, formas geométricas, baralhos, ábaco, álbuns, livros, jogo da memória, tabuada, álbuns, livros, etc.

O último eixo era um espaço onde, inicialmente, se guardava diversos **aparelhos tecnológicos** que foram utilizados no ensino, tais como: Computador, aparelho de vídeo, televisão, retroprojetor, impressora, mimeógrafo, máquina de escrever, episcópio etc. Alguns desses aparelhos ainda estavam em funcionamento, mas já não eram utilizados, pois foram substituídos por tecnologias mais modernas. Por funcionar como um guardião da memória de educação, este espaço foi acumulando um significativo acervo iconográfico, não só pelos aparelhos já citados que representavam um determinado momento histórico da educação, como também um acervo de documentos, fotografias, álbuns, convites de formaturas e outros ícones que contam a história da formação de professores, a partir do campus de Tocantinópolis.

Neste formato o LAPES permaneceu desde a sua criação até o ano de 2010 quando o campus passou por uma longa reforma e o espaço foi interditado. Durante os anos de funcionamento o Laboratório era um espaço muito requisitado pelos alunos e professores das disciplinas de metodologias e de estágios. O espaço estava sempre aberto, pois permanecia mais de um monitor remunerado e voluntários. Lá os alunos preparavam materiais para trabalhos acadêmicos e para as aulas de estágio supervisionado, desenvolviam projetos e experimentos.

Em 2012, após a reforma, o Laboratório é reinstalado, passando a ocupar quatro pequenas salas no Bloco “E” (Projetos e Informática) da unidade Centro, o que exigiu uma nova configuração em seu formato estrutural, sendo, agora, organizado atendendo as seguintes áreas: Sala 1- Ciências Humanas, da Terra e da Natureza; Sala 2- Jogos, Matemáticas e Multimídias; Sala 3- Língua Portuguesa, Estrangeira e de Sinais; Sala 4- Museu da Memória da Pedagogia.

Esta nova configuração deu um impulso muito grande e em todos os espaços do Laboratório havia muita procura e utilização pelos acadêmicos que buscavam apoio para a realização de atividades de diferentes disciplinas, de estágio, de extensão e de pesquisa. E neste mesmo ano a professora coordenadora juntamente com o professor Wallace Rodrigues, refizeram o projeto e submeteram-no junto à proposta da UFT ao Edital LIFE 2012 (Laboratório Interdisciplinar

de Formação de Educadores) da CAPES, conforme pode-se ler na Proposta da Universidade Federal do Tocantins, aprovada:

O Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico (LIAPE) de Tocantinópolis proposto dá continuidade e amplia outro já existente, o Laboratório de Apoio Pedagógico Especializado, que foi criado em 2005, com o objetivo de ser um espaço interdisciplinar capaz de apoiar as disciplinas com atividades práticas, como as de estágio e as de metodologias, focando na produção e divulgação do conhecimento pedagógico e no apoio aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas. (CAPES/SICAPES, 2012, p. 02).

Como observado, o subprojeto de Tocantinópolis foi a proposição de reestruturação do LAPES, e como o edital visava a aquisição de recursos tecnológicos, os propositores solicitaram a compra dos seguintes materiais: 01 aparelho de DVD player; 01 aparelho de TV *Smart* de 51 polegadas; 03 Computadores, sendo um diferenciado de alta precisão; 03 Câmeras digitais; 01 Filmadora digital; 01 Lousa Digital Interativa; 04 *Nobreaks*; 01 Tela de projeção retrátil; 01 *Home Heather*; 01 Caixa de som amplificada.

Em 2013, com a chegada de todo esse material, há a transição definitiva do LAPES para o LIAPE, cuja configuração procurou atender ao que havia sido proposto no Projeto, sendo:

Uma sala para **atividades lúdicas** equipada com jogos de diversas naturezas, com mesas e cadeiras adequadas e computadores com *software* de jogos, que permitam tanto a brincadeira como o ensinamento de conteúdos escolares. Propôs-se esta sala por acreditar que a formação do professor para o trabalho com crianças, em espaços escolares e não escolares, passa pela importante área dos jogos e das brincadeiras como recurso pedagógico relevante à formação dos acadêmicos.

Sobre esse aspecto Bessa (2008, p. 54) lembra que:

No que se refere aos aspectos sociais, os jogos aparecem como instituições sociais capazes de promover a comunicação interpessoal, criando um relacionamento grupal entre aqueles que jogam. Ou seja, jogando, a criança tem acesso à realidade social e à compreensão das regras. Desta forma, Piaget considera a atividade lúdica como berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa.

Figura 1 – Atividades lúdicas



Fonte: CEMED (2012)

Uma sala para atividades com **Artes Visuais** equipada com uma mesa grande e materiais didáticos, para pintura, desenho e outras formas de expressão artística; aparelhos e instrumentos tecnológicos que permitam a criação artística mediada pelas tecnologias.

Acredita-se que o estudo das artes visuais no ambiente escolar propicia às crianças um incentivo às suas sensibilidades crescentes e a habilidade de falar e interagir com objetos estéticos de pintura, escultura e desenho. E considerando que esta é uma das áreas presentes na Educação Infantil e Ano Iniciais, e visando a importância de ajudar na formação sensível das crianças, foi que se propôs o espaço de artes visuais.

Uma sala para atividades com **multimídias**, equipada com aparelhos de captação e edição de imagens e sons, Lousa digital e TV interativa, Computador de alta precisão e demais aparelhos que auxiliem na preparação de aulas, palestras, filmagens, slides etc.

Figura 2 – Sala Multimídia



Fonte: CEMED (2012)

A proposição desta sala se justificou pela crença de que o mundo pós-moderno transita por uma linguagem mediada pelas imagens cada vez mais veiculadas através das mídias, enquanto meios de comunicação e expressão de sentidos. Inseridas neste contexto, desde muito cedo, as crianças estão envolvidas com aparelhos midiáticos e é com este tipo de crianças que os acadêmicos estagiários e professores formados irão trabalhar, portanto, considerou-se necessária a criação de um espaço que prepare, minimamente, os futuros professores para lidar com tecnologias.

Devido à crescente importância que os meios de comunicação de massa adquiriram durante o século XX, e a consequente descentralização da escola como principal agente disseminador de conhecimento, a educação para as mídias (*media education*), ou, mais recentemente, a preocupação com o letramento midiático (*media literacy*), passou a fazer parte das discussões de educadores dos países desenvolvidos e a incitar a criação de novas políticas públicas de educação em vários destes países. (MOCELLIN, 2009, p. 33).

Agora o LIAPE estava consolidado. Era também um espaço aberto à comunidade interna e externa e em constante atividade, de maneira que muitos projetos foram desenvolvidos pelos alunos bolsistas, estagiários e por professores. Em 2014, passou para a coordenação do professor Andrey Patrick que, a partir de seus conhecimentos nas áreas de matemática, jogos e tecnolo-

gias, deu ao laboratório uma nova configuração. Foi instalado no mesmo bloco das salas de aulas e passou a abrigar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Matemática e Tecnologia (GPEM@Tec) e, a partir deste, a realizar diversas atividades, eventos, exposições e oficinas.

Vale destacar algumas dessas atividades extensionistas promovidas no/pelo LIAPE, como a Expom@tec (Exposição de Matemática e Tecnologia), que teve sua primeira versão em 2016 e hoje se tornou um grande evento com realização anual; Exposição itinerante da História da Matemática nas escolas do município; Oficina de Xadrez para crianças e o ensino de matemática; Construção de materiais didáticos pedagógicos como: dominós, geoplanos, trabalho com figuras, sólidos geométricos e outros; Formação pedagógica para uso de tecnologias e de metodologias e materiais didáticos para o ensino de matemática.

Depois de um bom período de franca atividade, muitas mudanças ocorreram, como a mudança na gestão do mesmo e, principalmente, a saída das salas de aulas para a nova unidade do campus. Tudo isso fez com que o LIAPE, passasse a sofrer certa descontinuidade e, sobretudo, desconexão com aquilo que fora seu propósito inicial. Destaca-se também que, em todos estes anos, não houve renovação de seu acervo material e tecnológico, o que faz com que seu desempenho já não corresponda mais ao esperado.

CEMED - CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS.

O Centro de Memória da Educação do campus de Tocantinópolis é um espaço de preservação da memória do campus, através de um rico acervo de documentos, fotografias e tantos outros ícones (Fita VHS, fita cassete, fitas de áudio, recursos de ensino, livros, cadernos de registro, máquina de escrever, retroprojektor, episcópio, livros de pano, convites de formaturas, fotografias etc.) que representam a sua história e missão de formar profissionais da educação, através dos cursos de formação de professores oferecidos pelo Campus em diferentes épocas, espaços e modalidades desde a sua criação. A história do Centro de Memória está atrelada, porém não se confunde, à história do LIAPE (Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico), que é o Laboratório mais antigo do Campus e com uma trajetória cheia de mudanças.

Como já referido anteriormente, o Centro de Memória nasce junto ao Laboratório de Apoio Pedagógico Especializado (LAPES), cadastrado como projeto de extensão em 2005, e funcionava como um espaço interdisciplinar com o objetivo de proporcionar aos alunos, em fase de estágio, experiência ensaiada de iniciação nas atividades docentes. Juntamente com a preocupação em preparar o futuro professor, o Laboratório, reservou um cantinho dedicado à preservação de antigos aparelhos tecnológicos (recursos) auxiliares no processo de ensino, como: TV, vídeo, retroprojetores, impressora, mimeógrafo, máquina de escrever, episcópio, computador etc. Ali eram guardados tanto aparelhos em uso, como aqueles que já haviam caído em desuso, ficando ali, apenas como memória.

O que era a princípio desvalorizado, sobreviveu, acresceu o seu acervo e ganhou significado e identidade própria, de modo que, quando o Laboratório foi reestruturado, em 2012, os objetos tecnológicos e documentais foram instalados em sala própria no Bloco de Projetos e Informática e, este espaço foi chamado de “Museu da Memória da Pedagogia”. Agora seu acervo

não guardava mais só recursos tecnológicos, mas documentos, fotografias e outros tantos ícones que contam a história da formação de professores no campus de Tocantinópolis.

Um importante passo rumo à preservação da memória do campus foi dado a partir do Fórum de comemorações dos 20 anos do campus e do curso de Pedagogia. Este fórum realizou-se em quatro encontros temáticos que iam apresentando a história do campus, suas lutas e desafios. Naquela ocasião foi desenvolvido o projeto: “Imagens e Memória: Um olhar sobre os 20 Anos do Campus de Tocantinópolis, a partir da Iconografia”. O forte deste fórum, além das discussões, encontros de egressos, histórias de vida etc., foi a publicação de um livro intitulado: “A formação de professores no Bico do Papagaio: História, Memória e Desafios” e uma exposição de fotografias e outros ícones temáticos sobre a história do campus e do curso de Pedagogia.

Em 2014 o Museu da Memória da Pedagogia, já com um acervo bastante significativo, ganhou um reforço com o envolvimento do professor César Alessandro Sagrillo que, com sua experiência, neste tipo de projeto, reorganizou-o adequadamente, selecionou bolsistas e redefiniu a proposta do Museu. Esse ano foi desenvolvido dois projetos um de extensão: Memória da Educação e da Formação de Professores do campus de Tocantinópolis e, um de pesquisa: A Memória da formação de professores do campus de Tocantinópolis, a partir da iconografia, ambos na modalidade Bolsa Permanência. A partir dessas mudanças o espaço passou a ser chamado de Centro de Memória da Educação do campus de Tocantinópolis.

Desde então, o Centro de Memória da Educação (CEMED) tem sido um espaço guardião da história do campus. Vários projetos foram desenvolvidos, sempre com o objetivo de preservar e manter viva a memória, para isso, os pesquisadores buscam entender o passado e identificar, através dos objetos, fotografias e documentos, os elementos constituintes e constituidores da formação de professores desenvolvida pelo campus de Tocantinópolis, considerando seu alcance e os programas de formação desenvolvidos em toda a região do Bico do Papagaio.

Figura 3 – Caderno de Registro, Livros de pano e fotografias.



Fonte: CEMED (2012).

Durante os anos, o Centro de Memória viu crescer o seu acervo e se tornou um importante espaço de referência para pesquisas sobre a história do campus e da formação de professores. Os resultados das pesquisas foram registrados em relatórios, trabalhos de conclusão de cursos (TCCs), artigos em anais de eventos e capítulos de livros. Atualmente, o CEMED está instalado em uma sala na Biblioteca da unidade Babaçu e a partir dos ícones ali existentes estão sendo desenvolvidas quatro pesquisas com a finalidade de trabalho de conclusão de curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as tecnologias digitais adentram, cada vez mais, ao setor educativo como potentes recursos didáticos que sugerem transformações imediatas no contexto escolar, incluindo a capacitação de profissionais para poderem acompanhar as mudanças na sociedade e reestruturem seu trabalho em sala de aula, a fim de minimizar a estrangeiridade entre professores e alunos. Entretanto, apesar disso, a maioria dos professores, nascidos e formados em uma geração anterior, tem dificuldade de estabelecer um diálogo com as crianças de hoje, nascidas na era digital. Para muitos professores os recursos tecnológicos, usados na época de sua formação, já se tornaram obsoletos e desconhecidos pelas novas gerações.

De acordo com Haydt (2011), uma das primeiras tentativas de incorporar os recursos audiovisuais à didática renovada e utilizá-los dentro do contexto dos métodos ativos foi feita por Célestin Freinet. Esse educador sugeria que o cinema fosse utilizado na educação, veiculando ideias e suscitando discussões e debates. Ele propunha também o emprego da biblioteca escolar, onde teria livros para pesquisar e consultar. O que se tornou a principal característica de sua prática pedagógica foi à utilização da imprensa na escola para editar os materiais escritos pelos alunos. As ideias de Freinet antecipam a necessidade de uma educação que se processe também pelos meios digitais.

Dessa forma, reflete-se sobre a importância desses espaços para a educação em um mundo pós-moderno, cujas ações de ensino, em grande parte, transitam por um sistema de linguagem mediada pelas imagens cada vez mais veiculadas pelas mídias, enquanto meios de comunicação e expressão de sentidos, fazendo com que, o consumo de tecnologias digitais vá sendo cada vez maior em todos os contextos da vida e das relações sociais. As modernas tecnologias midiáticas aceleram o campo da informação, da educação, da comunicação, da prestação de trabalhos e serviços etc., através da precisão dos aparelhos audiovisuais.

O LIAPE, sem dúvidas, é um espaço de mediação entre as aulas tradicionais e as atividades realizadas por meios de modernas tecnologias. Neste espaço são realizadas aulas, atividades de extensão e pesquisa, sempre tendo como foco, o uso e diferentes recursos audiovisuais, tanto os recursos tecnológicos existentes, como aqueles produzidos no próprio laboratório.

Assim, o CEMED, evoluiu para um espaço que, mais que guardar coisas, como fatos históricos, tornou-se a memória imagética, de onde de abstrai fatos, conserva-se a história e se produz conhecimento novo. Acredita-se que as imagens e os demais objetos contidos no Centro de Memória são fontes preciosas de memória de um determinado tempo e cultura que podem ser utilizadas como recursos indispensáveis para se documentar e recontar fatos históricos às gerações futuras. Assim, todos os ícones ali existentes servem como testemunhas de um momento transcorrido, atuam para a presentificação de uma realidade passada e transcendem entre o passado e o presente, eternizando a história, pois, como diz Soares (2001, p. 40) “Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

REFERÊNCIAS

- BESSA, Valéria Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.
- CAPES Coordenação De Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; SICAPES Sistema Integrado Capes. Edital LIFE, Sicapes, 2012.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral. Ebook**. São Paulo: Ática, 2011.
- LISIEUX, Diana. **A importância dos Recursos Audiovisuais na Aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2006.
- LOCATELLI Arinalda Silva, et al. **O Curso de Pedagogia no Norte do Tocantins: história, memória e reflexões**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.
- LOPES, Francisca Rodrigues. **A memória da formação de professores do Campus de Tocantinópolis através da iconografia**. Projeto de Pesquisa Permanência, Universidade Federal do Tocantins, 2012.
- LOPES, Francisca Rodrigues; RODRIGUES, Wallace. **Laboratório Interdisciplinar de Apoio Pedagógico - LIAPE (projeto)**, Tocantinópolis, UFT, 2012.
- LOPES, Francisca Rodrigues; SOUZA, Sauloéber, T. **Proposta de criação do LAPES**, Tocantinópolis, UFT, Colegiado de Pedagogia, 2004.
- MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- SILVA, Fábio Luiz da; MUZARDO, Fabiane Tais. Pirâmides e cones de aprendizagem: da abstração à hierarquização de estratégias de aprendizagem. **Dialogia**, São Paulo, n. 29, p. 169-179, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=7883>
- SILVA, Thatielle Alves da. **História, imagens e memória do curso de Pedagogia e do Campus de Tocantinópolis: 1990 a 2015**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2018.
- SOARES, Magda. **Metamemória, Memórias: Travessia de uma educadora**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

UNIVERSIDADE É LUGAR DE CRIANÇA? REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA BRINQUEDOTECA MÁRIO DE ANDRADE NO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS DA UFT

Zian Karla Vasconcelos Barros¹³, Mayrhone José Abrantes Farias¹⁴ e Janáina Ribeiro de Rezende¹⁵

INTRODUÇÃO: ABRINDO AS PORTAS DA BRINQUEDOTECA

(...) o homem, nas alturas sábias dos quarenta anos, vai e pratica um ato de menino de grupo. (...) mas por outro lado, a realização espontânea dum facultade infantil num homenzarrão meditando que já enterrou a infância num cemitério repudiado, mostra que o indivíduo, por maior técnica que possua, guarda pra sua riqueza a inexperiência do aprendiz.

Mário de Andrade (1963, p.126)

Por que será que com o passar dos anos vamos perdendo o sentimento da infância? Por que enterramos nossa capacidade de transgredir a rotina, preocupados com as demandas do mundo adulto? Será que não há espaço dentro de nós para criar e imaginar sem apego aos pudores da vida de “gente grande”? São dilemas que nos acompanham e que são confrontados quando vivemos, pelo menos um pouco, o universo infantil.

As crianças correm, sacodem, pulam, esbarram, caem, sorriem, rodopiam e fazem do mundo uma grande ciranda de roda, confundindo a vida com o próprio brincar. Fazem de tudo isso um jogo ou uma espécie de brinquedo de (des)montar, utilizando o recurso da fantasia como escudo contra as armadilhas do tempo, já que a vida adulta acaba por lhes tolher o potencial imaginativo.

Nesse sentido, Mário de Andrade, intelectual polivalente brasileiro, retratou em vários dos seus contos, as infâncias do início do século XX, permitindo o protagonismo infantil em meio

13 Mestra em Educação pela Universidade Salesiana de São Paulo (UNISAL). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis.

14 Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB). Professor assistente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Tocantinópolis.

15 Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2019). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis.

a cenários urbanos cotidianos. O autor nos convida em sua obra para imergirmos nos “mundos” das crianças, nos provocando, ainda, a refletir sobre a perda gradativa de nossa aura brincante, à medida que vamos nos tornando adultos.

Quando essas reflexões chegam à universidade ganham contornos ainda maiores, uma vez que as culturas infantis não se chocam tão somente com o olhar do adulto, mas também com a cultura científica e institucional, que demanda pouco espaço para as produções oriundas dos pequenos, gerando o questionamento: universidade é lugar de criança? Com base nessa questão, foi proposta há aproximadamente 15 anos a criação de uma brinquedoteca no campus da UFT – Tocantinópolis, no curso de Pedagogia, reconhecendo a necessidade da ocupação das crianças na universidade, contemplando suas especificidades, diversidades e formas de linguagem.

Entendendo a relevância da figura de Mário de Andrade na produção e disseminação das infâncias em sua obra, a brinquedoteca do campus foi nominada em sua homenagem. Sendo assim, foi incorporada em seu alicerce, traços do autor, que previa a infância como categoria social e agenda política, dotada de expressão, de estética própria e de necessidades desveladas em sua totalidade por meio do brincar.

Sendo assim, há de se pontuar que as formas de observar e de se situar no mundo de crianças e adultos são bem diferentes. Além das distinções de ordem biológica e psicológica, existe uma diversidade de fatores culturais que condicionam as diferenças. Os grupos dos adultos, por exemplo, produzem espaços físicos e sociais comuns que não reconhecem as percepções dos grupos infantis, construídas à luz de “categorias adultas”, nas quais um indivíduo adulto lança mão de códigos que proporcionam interpretações comuns aos seus pares, como rotineiramente observamos na própria universidade. Desse modo, faz-se necessário que as próprias crianças delineiem os atributos sociais em que estão ancoradas as suas distinções em relação aos “grandes”. Atributos concernentes às idades, às dimensões do corpo, bem como das práticas sociais precisam assumir lógicas infantis, isto, pois, são características fundamentais para a construção de componentes identitários (SARAMAGO, 1994).

A reboque desta discussão, devemos ressaltar que um dos principais aspectos identitários infantis é a brincadeira. Destarte, as crianças atuam como co-construtoras das suas experiências lúdicas, haja vista que se adaptam à reação dos outros e reagem, a fim de produzir novos significados que também serão interpretados pelos seus pares. Ou seja, brincando, elas criam referências intersubjetivas que as ajudam a se situar em grupos, para (re)conhecerem o mundo e as culturas que as rodeiam.

No bojo dessas considerações, situa-se a cultura lúdica, que faz parte da natureza social da infância, constituindo-se em um conjunto vivo e diversificado, em conformidade com os indivíduos, grupos sociais e condições espaciais. Tal cultura apropria-se de traços do meio em que as crianças estão inseridas para contribuir na construção de várias práticas corporais, incluindo os jogos e brincadeiras. Isso implica dizer que os conjuntos de regras na sociedade são postos à prova nos esquemas de estruturas gerais do repertório lúdico infantil e permitem que a imitação e a ficção tomem a amplitude compatível ao imaginário das crianças. Podemos entender por meio disso que a cultura lúdica é produzida a partir de um “um duplo movimento, interno e externo”, já que as crianças ao brincarem constroem sua cultura, assim como também são construídas por ela (BROUGÈRE, 1998, p.110).

Para Brougère (1998), a cultura lúdica oferece referências intersubjetivas para a interpretação do cotidiano e inclui os próprios jogos e brincadeiras. Isso, por outro lado, não impede que ocorram equívocos nas interpretações. Sirota (2012) acrescenta que as crianças interpretam e reproduzem de forma criativa o mundo adulto por meio de uma dinâmica de representações de papéis. Dessa forma, a partir da interação com outras crianças ocorre a (re)significação do próprio cotidiano.

Com base nisso, a Brinquedoteca Mário de Andrade oportuniza um espaço de laboratório da ludicidade, em que filhos de docentes, discentes, técnicos e da comunidade externa, bem como professores(as) das escolas locais, gestores da educação e discentes dos cursos de licenciatura do campus, um cenário de jogos, brinquedos e brincadeiras que favorecem a compreensão de diversas facetas do desenvolvimento infantil. Portanto, constitui-se em um relevante espaço de formação multidimensional que pretende assegurar o direito do brincar, reconhecendo as especificidades socioculturais regionais, as diversidades e as várias formas de linguagem e expressão, proporcionadas pelas culturas das infâncias.

No presente capítulo, será apresentado o lugar que as crianças vêm ocupando na UFT, campus de Tocantinópolis a partir de dois momentos do itinerário histórico da Brinquedoteca, expostos em dois subcapítulos: no primeiro, apresentaremos excertos referentes ao seu processo de criação e consolidação no campus; o segundo, corresponde a momentos recentes em que o projeto sofreu reajustes e dispôs de novas ações e serviços à comunidade, ressignificando o tempo-espaço da Brinquedoteca para além da sua sala.

BREVE HISTÓRICO... O COMEÇO!

Prestem atenção no que eu digo, pois eu não falo por mal:
 os adultos que me perdoem, mas ser criança é legal!
 Vocês já esqueceram, eu sei!
 Por isso eu vou lhes lembrar:
 pra que ver em cima do muro, se é mais gostoso escalar?
 Pra que perder tempo engordando, se é mais gostoso brincar?
 Pra que fazer cara tão séria, se é mais gostoso sonhar?
 Se vocês olham pra gente, é chão que veem por trás.
 Pra nós, atrás de vocês, há o céu, há muito, muito mais!
 Quando julgarem o que eu faço, olhem seus próprios narizes:
 lá no seu tempo de infância, será que não foram felizes?
 Mas se tudo o que fizeram, já fugiu de sua lembrança,
 fiquem sabendo o que eu quero:
MAIS RESPEITO, EU SOU CRIANÇA!
Pedro Bandeira (2009, p. 09)

A Brinquedoteca Mário de Andrade é um Laboratório do curso de Pedagogia do campus de Tocantinópolis que tem a sua criação fundamentada nas relações do tripé que rege as ações educativas dentro de uma universidade, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esse laboratório foi criado com a finalidade de realizar estudos e pesquisas visando investigar o papel do brincar para o desenvolvimento das crianças e contribuir com a formação inicial e continuada de professores a partir da perspectiva da ludicidade, que para além do desempenho escolar das crianças, contribui também para o seu desenvolvimento emocional e social (LOCATELLI, 2007).

Quanto ao início das atividades da Brinquedoteca, encontra-se registrado na introdução de um projeto de extensão datado do ano 2007, que as mesmas se iniciaram no ano de 2005 com uma parceria com um projeto de pesquisa chamado “Aprendendo com arte: da forma(à)ção do educador”. Assim, vale registrar que, o pontapé inicial para a criação da Brinquedoteca Mário de Andrade se deu através desse projeto, conforme afirma Vidal (2014, p.38):

Então se reforça mais uma vez que o referido projeto de pesquisa Aprendendo com arte: da forma(à)ção do educador é o embrião e o ponto de partida para a concepção da “Mário de Andrade”, creditando aqui toda a relevância desta discussão, temos diante do exposto delineado o possível espaço/tempo do nascimento da Brinquedoteca.

Conforme Locatelli et al. (2011), a Brinquedoteca Mário de Andrade só foi institucionalizada em 2007 com a elaboração do novo Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC), momento em que passou a ser considerada como:

Laboratório destinado a atividades com caráter lúdico e artístico, incorporando a diversidade interdisciplinar de acordo com a área de formação de seus participantes. Os espaços oferecidos pelo Laboratório constituem-se como locus privilegiado para a realização de pesquisas e atividades do grupo de pesquisadores e dos acadêmicos. A Brinquedoteca Mário de Andrade é um espaço rico em possibilidades para professores e acadêmicos desenvolverem pesquisas de observação da relação da criança com o brinquedo. (LOCATELLI et al., 2007, p.127)

Infelizmente, não existem registros formais, que documentem a história da Brinquedoteca, que tratem especificamente da sua origem. Mas ainda é possível contar com as memórias vivas de pessoas que acompanharam esse processo, através dos quais podemos verificar que o acervo inicial da Brinquedoteca foi uma doação feita pela bibliotecária do campus, Maria Elza Coelho Simões.

Quanto à definição do nome, está registrado em um Jornal do campus de Tocantinópolis de 2005, onde consta que essa escolha se deu pelo fato de que este escritor foi bastante envolvido com a questão da criação de Parques Infantis, que visava atender crianças das famílias operárias (FARIA, 1999) e também o considera um estudioso do campo da cultura infantil na sua época.

Assim, considerando a perspectiva de atender à comunidade interna e externa do campus, o Projeto visava oferecer um espaço de vivências e contribuições para a formação dos futuros docentes do curso de Pedagogia, mas também contemplar crianças das escolas da região do Bico do Papagaio, assim como docentes, nas perspectivas das contribuições das atividades lúdicas para o processo ensino aprendizagem. Foi assim que, para além do desejo de contribuir para o processo de formação dos estudantes do campus, a universidade abriu as portas para receber

as crianças, dando seus primeiros passos no sentido de entender que universidade é lugar de criança, sim.

Desde seu surgimento em 2005 até o ano presente (2020), vários docentes estiveram à frente desse laboratório, a saber: Josete M. Lucena, Mônica Rocha, Daniela Davi e Eliana Henriques: com o projeto já mencionado “Aprendendo com a Arte”; Arinalda Locatelli; André Cordeiro; Zian Karla Vasconcelos; Leandro Andrade; Juliana Ipólito e, atualmente, Janaína Rezende, Mayrhone José Farias e Zian Karla Vasconcelos.

Em 2018, a Brinquedoteca passou por um período bastante delicado, correndo o risco de ser desativada, devido a várias razões, entre elas, a falta de um espaço adequado para a realização de suas atividades. No ano seguinte, a professora Zian Karla Vasconcelos, convidou para compor a Coordenação da Brinquedoteca Mário de Andrade, a Prof.^a Janaína Rezende, psicóloga recém-chegada ao curso de Pedagogia, e o Prof. Mayrhone, do curso de Educação Física, parcerias que fortaleceram a retomada da Brinquedoteca, de forma a dar continuidade ao que já vinha sendo realizado e propor novas ações.

Além dos docentes do projeto, destacamos a importância dos estudantes que ajudaram a construir e a manter a Brinquedoteca, como extensionistas bolsistas e voluntários, bem como por meio do desenvolvimento de pesquisas de TCC, da doação de brinquedos e de diversas outras maneiras. As contribuições de todos que passaram pela Brinquedoteca foram valiosas, o que possibilitou a experimentação de diferentes formas de organização do trabalho e de diversos olhares sobre o brincar.

Nesse momento, a parceria entre os três docentes que estão à frente da coordenação desse laboratório e o conjunto de estudantes que colaboram com o projeto, permitiu que surgissem novas possibilidades de se pensar as ações realizadas. Uma delas se expressa no desejo de tentar, através deste trabalho, consolidar um Núcleo de Infância no campus de Tocantinópolis e, aos poucos, se têm caminhado para isso.

E assim continuamos com nosso trabalho, que dentre seus vários objetivos visa estimular esse mundo mágico que é ser criança, que o processo ensino aprendizagem considere que,

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RECNEI, 1998, p.23)

Dessa maneira, esperamos que a Brinquedoteca seja o espaço de exercício dessa educação, que articula o brincar com a promoção do desenvolvimento infantil na sua totalidade biopsicossocial.

A seguir, apresentaremos algumas ações realizadas recentemente, com vistas a fortalecer a atuação da Brinquedoteca no campus de Tocantinópolis.

AFINAL, UNIVERSIDADE É LUGAR DE CRIANÇA? AÇÕES DESENVOLVIDAS NA BRINQUEDOTECA

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

Manoel de Barros (2013)

Se podemos aprender liberdade e poesia com as crianças, o que mais elas podem nos ensinar?

Motivados a tentar tornar a relação entre universidade e infância mais colorida e divertida, a partir das atividades desenvolvidas na Brinquedoteca Mário de Andrade, fazemo-nos essa e outras perguntas. Assumimos as crianças como sujeitos diretos e indiretos das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no ambiente acadêmico.

A infância está presente nas aulas, seja no conteúdo ministrado em disciplinas nos cursos de licenciatura, quanto por aquelas meninas e meninos que acompanham as mães ou pais na faculdade, por falta de outro espaço para ficar. As crianças são participantes de pesquisas, tema debatido nos grupos de pesquisa e estudo, além de serem elas que exercitam as primeiras investigações, observações e explorações que realizamos no mundo. Para elas que algumas ações são estendidas, por meio do diálogo entre universidade e comunidade, para que a formação acadêmica dialogue com a sociedade e cumpra a sua função social, possibilitando com que docentes e estudantes compartilhem o que aprenderam e aprendam ainda mais com quem sustenta a universidade.

Além do que planejamos, as crianças que moram nos arredores do campus também o ocupam, frequentando a biblioteca, usando os computadores, acessando a internet. Impondo a sua presença espontânea e bagunceira em espaços que, nem sempre, são pensados para elas. Por essas razões, não podemos negar que a infância está lá.

Nesse sentido, a Brinquedoteca Mário de Andrade oferece atendimentos agendados, por meio de empréstimo de jogos, brinquedos e/ou materiais educativos e da utilização do local pelas crianças. Além disso, são organizadas periodicamente vivências com escolas da região, em que os discentes que compõem o projeto promovem circuitos lúdicos, contação de histórias, jogos e brincadeiras populares, visitas livres à sala e uso dos brinquedos que compõem o acervo da Brinquedoteca, e um Cine Clubinho com vídeos de temáticas infantis.

Um dos pontos marcantes da retomada das atividades da Brinquedoteca, foi quando, em 2019, conseguimos um local para instalar toda a mobília e brinquedos que possuíamos, onde estamos sediados atualmente. A partir dessa reorganização, a Brinquedoteca participou da I Mostra de Extensão, quando abrimos as portas do espaço para a comunidade que estava no evento. Na ocasião, recebemos visita de crianças, pais e outras pessoas curiosas para saber do que se tratava o local. Foi uma noite de muita diversão, histórias, brincadeiras e uma fila interminável para jogar pingue pongue.

Mas, afinal, universidade é lugar de criança? Tal inquietação nos levou a organizar uma mesa para discutir o tema durante o processo de reinauguração da Brinquedoteca, durante a Semana da Criança na UFT, realizada de 04 a 06 de novembro de 2019. A culminância da reativação da Brinquedoteca foi a festa de reinauguração, para qual foi feita uma linda decoração, pensando em todos os detalhes para alimentar o imaginário infantil.

Figuras 1, 2 e 3: Convite da Semana da Criança na UFT (2019); Fotografia da fachada da Brinquedoteca; Fotografia da recepção das crianças de uma das escolas recebidas com extensionistas na Semana da Criança (acervo pessoal).



A programação consistiu na realização da Mesa de Discussão “Universidade é lugar de criança?” no primeiro dia do evento, às 19 horas, no Auditório Vigilante Adão Ribeiro da Silva, na Unidade Babaçu. A Prof.^a Francisca Rodrigues Lopes, da Pedagogia; Prof. Juliéverson Messias de Carvalho, das Ciências Sociais; Prof. Mayrhone José Abrantes Farias, da Educação Física e Prof.^a Marinalva Abreu, da rede pública de educação básica e coordenadora do Projeto *Blackout Virtual*¹⁶ compuseram a Mesa, mediada pela Prof.^a Zian Karla Vasconcelos Barros, coordenadora do curso de Pedagogia e da Brinquedoteca.

As discussões foram muito enriquecedoras, pois, a partir de diferentes pontos de vista, pudemos pensar a infância na universidade, a começar pelas apresentações culturais que abriram a noite: teve música e poesia cantadas, tocadas e declamadas pelas crianças filhas de docentes ou participantes do *Blackout Virtual*. A ocupação das crianças no espaço deu o tom ao que foi discutido na mesa, que consistiu em reflexões acerca do histórico das ações com crianças no campus, das ações afirmativas no que tange à garantia das mães à educação, o potencial da brincadeira enquanto forma de expressão imprescindível para a formação humana, a importância da literatura para a infância, bem como a necessidade da aproximação entre universidade e comunidade.

Uma única certeza

demora em mim:

o que em nós já foi menino

não envelhecerá nunca

Mia Couto (2011)

Todas essas certezas ficaram ainda mais escancaradas na fala de um pai ao final do debate. Ele estava lá para acompanhar o filho que fez uma apresentação de teclado na abertura do evento. O pai se encorajou a fazer uma intervenção, uma vez que lembrou que quando o menino começou a participar do *Blackout Virtual* e passou a frequentar o campus, questionava “Que história é essa de menino ir pra universidade? Aquilo não é lugar de criança!”. Devido à insistência do filho, deixava-o participar e aos poucos, começou a estar presente no espaço. Ao ver a

16 *Blackout Virtual* é um projeto de extensão coordenado pela Prof.^a Marinalva e pelo servidor e cordelista Giano Guimarães, em parceria com a UFT campus de Tocantinópolis, que desenvolve ações para ampliar o repertório das crianças para que elas desenvolvam outras atividades além do uso da TV, *tablet*, celulares e *videogame*, por meio de um Clube de Leitura com crianças e adolescentes do município, que se reúnem regularmente para ler e debater o que leram.

provocação feita na mesa com a pergunta que a nomeava e estava escrita na decoração, afirmou que universidade é, sim, lugar de criança! Ele concluiu a fala refletindo que, inclusive, foi a participação do filho no projeto que o trouxe a esse espaço, que é público e deve ser de todos.

A Semana da Criança na UFT marcou a reinauguração da Brinquedoteca. Embora o espaço já tivesse recebido visitas de escola e crianças, esse evento simbolizou a retomada do trabalho sistemático do projeto. Nos dias 05 e 06 de novembro de 2019, recebemos turmas de duas pré-escolas municipais e de duas escolas multisseriadas rurais de Tocantinópolis. Ao todo, acolhemos cerca de 150 crianças manhãs e tardes de festa, brincadeira, música e alegria.

A unidade centro foi caprichosamente ornamentada com inúmeros balões, palhaços de papel, com cores, brilho e fantasia. A decoração chamou a atenção da comunidade interna e externa para a presença das crianças no espaço universitário. Nesses dois dias, as crianças puderam visitar, brincar, ouvir histórias e bagunçar a Brinquedoteca. Havia um circuito de jogos e brincadeiras em que as crianças se divertiram enormemente. No final da visita, as crianças participavam do CineClubinho, em que foram exibidos dois vídeos curtos de animação infantil, onde recebiam um lanchinho e um quebra-cabeça produzido pelas extensionistas, para ser entregue às crianças como lembrancinha do evento.

Além de tudo que foi cuidadosamente planejado, ainda teve espaço para ações espontâneas. Um dos grupos de crianças pediu música e organizou uma linda quadrilha improvisada, com pares de vários tamanhos e idades. Uma felicidade só! Outras crianças (e alguns adultos) ficaram encantadas com a mesa de pingue pongue. Teve gente que jogou pela primeira vez.

O espaço cheirava pipoca. As crianças pulavam, corriam, cantavam, dançavam e torciam umas pelas outras durante as brincadeiras. Entre o faz de conta da casinha, o trânsito dos carrinhos, a brincadeira de trem, a torcida em fila para participar dos jogos e a expectativa pelo “cineminha”, era possível ver os rostinhos alegres por desbravarem um espaço desconhecido por muitos. Na despedida, houve algumas lágrimas de crianças que não queriam ir embora, além de pedidos das professoras para que o contato entre Brinquedoteca e escolas fosse contínuo e que desenvolvêssemos ações no ambiente escolar também.

No final do dia, estávamos exaustos, mas satisfeitos por termos proporcionado momentos de exercício da brincadeira, manifestos das mais diferentes formas: desde a livre experimentação dos brinquedos, até os jogos orientados em que era possível ver as crianças correndo e se movimentando, além da exibição dos curtas-metragens, tempo para tomar um fôlego depois de tanta correria e de fruição de outras linguagens.

Mas nem tudo é brincadeira. Além desse momento festivo, a equipe que compõe a Brinquedoteca – docentes e discentes dos cursos de Educação Física e Pedagogia, tem se articulado no intuito de manter as atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão. Para isso, professores e estudantes que fazem parte do projeto da Brinquedoteca também estudam. Em 2019, iniciamos o Grupo de Estudos da Brinquedoteca, com a leitura e discussão do livro “Imaginação e criação na infância”, de Vigotski (2018), que nos possibilitou refletir sobre a importância da brincadeira e do exercício da criação para o desenvolvimento infantil.

Atualmente, estamos vivendo um momento bastante atípico devido à pandemia do COVID-19, mas a Brinquedoteca Mário de Andrade não está parada e em parceria com o projeto “Infância, Movimento e Saúde” – In-Moves, do curso de Licenciatura em Educação Física, criamos um projeto chamado “BrinCasa” que tem como objetivo estimular práticas lúdicas em

casa pelas crianças e seus familiares. Foi criada uma página no *Instagram*, onde estão sendo postados vídeos de brincadeiras, tutoriais de realização de atividades, confecção de jogos e brinquedos, brincadeiras cantadas, contação de histórias, dentre outros. Além disso, está sendo estimulado o compartilhamento das experiências vivenciadas pelos membros da comunidade interna e externa da universidade, por meio da socialização de postagens dos registros nos *stories* da página.

Nessas ações realizadas pelo projeto, esperamos dar proeminência à criança como sujeito social e ampliar reflexões qualitativas acerca da agenda pública de assistência à infância dentro e fora da universidade. Compreendendo a extensão como um diálogo necessário entre universidade e comunidade (FREIRE, 1983), assumimos que aprendemos tanto ou mais com as crianças do que podemos ensinar e oferecer a elas.

A Brinquedoteca deve ser um espaço em que o ensino, a pesquisa e a extensão orientem permanentemente a nossa prática e reflexão teórica, na construção de uma práxis educativa. Essa relação é o que possibilita a formação acadêmica, profissional e humana dos extensionistas, vinculada ao compromisso social da universidade, pautada na realidade em que está inserida.

Nesse sentido, inspiramo-nos em José Saramago (2001), em “A maior flor do mundo”:

*E se as histórias para crianças
passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?
Seriam eles capazes de aprender realmente
O que há tanto tempo têm andado a ensinar?*

Essas questões atravessam nossa prática, provocando-nos a pensar uma formação de educadores comprometida com os saberes da infância, entendendo as crianças como sujeitos de direito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Cai, cai, balão. In: **Os filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Fontes, 1963. p. 123-126.

BARROS, Manoel de. Exercícios de ser criança. In: _____. **Infantis**. Biblioteca Manoel de Barros (coleção). São Paulo: Leya, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998 (v. I, II, III).

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuco M. et al. (Org.). **Brinquedos e suas teorias**. São Paulo: Cenage Learning, 1998. p. 19-32.

COUTO, Mia. Declaração de Bens. In: _____. **Tradutor de chuvas**. São Paulo: Leya, 2011.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A contribuição dos Parques Infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 69, Dezembro de 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4ª Ed.- São Paulo: Edições Sociais: Abrinq, 1998.

LOCATELLI, Arinalda Silva... [et al.], (organizadores). **O curso de pedagogia no norte do Tocantins: história, memória e reflexões**. – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

LOCATELLI, Cleomar.; LOPES, Francisca Rodrigues. ET. AL. Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia. Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis, 2007.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001

SARAMAGO, Silvia. As identidades da infância: núcleos e processos de construção das identidades infantis, **Problemas e Práticas**, v.16, p. 151-171, 1994.

SIROTA, Régine. A socialização no cotidiano: os trunfos de uma etnografia do minúsculo. In: BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. (Org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, Autores Associados, 2012, p. 279-292.

VIDAL, Rita de Cássia Castro. **A brinquedoteca Mário de Andrade: uma análise de seu lócus na UFT**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GRUPO DE APOIO DA TERCEIRA IDADE - GATI: UMA EXPERIÊNCIA COM IDOSOS NO NORTE DO TOCANTINS¹⁷

Fabiola Andrade Pereira¹⁸

ADENDOS INICIAIS

Há 11 anos, tenho dedicado parte do meu tempo a estudar e promover ações voltadas ao campo do envelhecimento humano, a fim de repensar a real importância da educação no prolongamento da vida e por entender que ela deve servir como veículo de mudança de atitude em relação à velhice.

Nessa trajetória, algumas memórias me fazem crer que o caminho percorrido não poderia ter sido outro. Por meio das leituras, das relações construídas e dos diálogos estabelecidos, tenho aprendido que os contornos da velhice compõem um conjunto complexo de fatores e constitui, portanto, um conceito plural. Ela agrega elementos históricos, culturais, sociais, biológicos, fisiológicos e psicológicos. Além disso, vale lembrar que a velhice tem sido para cada povo e para cada indivíduo um destino singular (BEAUVOIR, 1990).

Assim, nessa trajetória, cada experiência vivida, se traduz num cabedal de possibilidades. Estas se desdobram nas mais variadas configurações, dando vida e forma às nossas ações, a exemplo do GATI - Grupo de Apoio da Terceira Idade implantando na UFT/ campus de Tocantinópolis em 2017 e que nesse contexto é objeto de nossas reflexões.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Na contemporaneidade, o envelhecimento humano e a velhice assumem um papel de realce. O aumento da expectativa de vida sinaliza a necessidade de se pensar em políticas públicas que sejam inspiradas nos princípios da justiça social e que garantam aos idosos o direito à cidadania plena, de forma que todo cidadão seja ele criança, jovem, adulto ou idoso, tenha sua existência acompanhada do exercício de direitos fundamentais.

17 GATI - Grupo de Apoio a Terceira Idade II é um projeto de extensão vinculado ao Colegiado de Pedagogia do campus de Tocantinópolis. Está cadastrado por meio do Edital 2019 - Fluxo Contínuo das Ações de Extensão e tem como protocolo de registro no SIGPROJ o número 325456.1829.36445.03092019.

18 Doutora em Educação pela UFPB. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins no campus de Tocantinópolis. Presidente do Comitê Setorial de Extensão no mesmo Campus. Coordenadora do GATI – Grupo de Apoio da Terceira Idade.

As mudanças científicas e tecnológicas apontam que a expansão da duração da vida, atualmente tem estado quase no limite máximo estabelecido pelo genoma humano, o que só tem sido possível graças aos investimentos provenientes das forças culturais e sociais contemporâneas em elementos como: habitação, higiene, imunização, antibióticos, segurança, proteção, educação, entre outros.

A precarização do mundo do trabalho, a desvalorização de saberes e experiências tradicionais desses sujeitos, valorização de destreza tecnológica, supervalorização da juventude, entre outros, têm apontado para uma situação real - a sociedade precisa encarar esse desafio como seu, e para isso torna-se mais que urgente a implementação de uma política que venha assegurar direitos já previstos em lei.

No Brasil, as estatísticas atuais têm apontado que a expectativa de vida é de 76 anos e 03 meses. Se comparado aos anos de 2000 (que era de 68,6 anos), e 1991 (cuja estimativa era de 64,7 anos) demonstra um crescimento considerável na longevidade da população adulta, com destaque para o aumento no número de idosos e uma diminuição significativa do número de jovens.

É possível perceber com isso um avanço significativo no desenvolvimento humano no que se refere à longevidade. O IDHM de 2013, por exemplo, aponta que o aumento da longevidade está associado a um continuado processo de transição para baixos níveis de mortalidade e de fecundidade, a melhoria nas condições de vida das pessoas e o acesso à saúde. Isso demonstra que “a população do Brasil caminha a passos largos rumo a um padrão demográfico com predominância de população adulta e idosa” (BRASIL, 2006, p. 34), uma tendência observada desde o início dos anos 90.

Segundo a PNAD, a população idosa do estado do Tocantins, corresponde a 14,6%. Em Tocantinópolis esse percentual chega a 9,8% da população. Deste total, 1163 do sexo feminino e 1035 do sexo masculino, totalizando 2.198 pessoas com idade igual ou superior 60 anos (IBGE, 2010; IBGE, 2019).

Nesse sentido, o fenômeno do envelhecimento aponta para a necessidade de um delineamento de ações concretas em todos os setores sociais. Ações que busquem pensar não só na força de trabalho desse segmento da população, mas, sobretudo, na sua inserção social nos diversos setores da sociedade, pois a eles têm sido atualmente atribuídos novos papéis, dentre eles, o papel de estudante universitário.

Propiciar oportunidades para continuar aprendendo ao longo da vida tem sido, portanto, um dos objetivos das Universidades. Ela – a universidade – tem demonstrado preocupação não só com a criação de espaços que visem à reconstrução do estado de bem-estar do idoso. Preocupa-se também em romper com os conflitos intergeracionais nos diferentes espaços.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PORTA DE ENTRADA PARA AS AÇÕES RELACIONADAS AO ENVELHECIMENTO HUMANO

O ano de 2009 constitui o marco inicial para a discussão e promoção de ações voltadas ao campo do envelhecimento humano. O Curso de Pedagogia, pioneiro nesse tipo de ação, trouxe à antiga Boa Vista do Pe. João, então Tocantinópolis, a Universidade da Maturidade – UMA, um programa de extensão voltado ao público da terceira idade, que há 14 anos empreende esforços na tentativa de incluir social e educacionalmente essa parcela da população brasileira na universidade.

Desde então, o campus de Tocantinópolis, por meio da extensão, tem dado importantes passos. A implantação da UMA à época serviu como incentivo para outros importantes projetos¹⁹ destinados a população idosa não só no Curso de Pedagogia, mas também no Curso de Educação Física que tem contribuído de forma significativa por meio de um trabalho inter e multidisciplinar. Acredita-se que a perspectiva de trabalho envolvendo os cursos consiste numa rica e valiosa troca de experiência e conhecimentos. Isso se reflete na produção de artigos científicos, capítulos de livros, teses, projetos de TCC e Monografias já defendidas²⁰, e na realização da I e II Mostra Intergeracional²¹, além é claro de oportunizar a articulação e integração de atividades vivenciais por meio da interdisciplinaridade e reafirmar o compromisso social da universidade enquanto instituição promotora do conhecimento.

Tal instituição tem procurado não só aprofundar o conhecimento e compreensão deste fenômeno - que sabemos é extensível a todo mundo - mas tem procurado, através de suas ações no campo do **ensino, da pesquisa e da extensão**, encontrar pistas sobre possíveis respostas aos desafios relacionados à saúde, à educação e à qualidade de vida das populações envelhecidas. (PEREIRA, 2016, p. 118) **(grifos meus)**

Por meio de ações extensionistas como esta, é possível afirmar que a universidade tem conseguido dentre várias questões promover e garantir os valores democráticos a todos os sujeitos independentemente de suas idades. Assim,

a extensão se coloca como uma prática acadêmica que busca interligar a universidade nas mais variadas atividades, sejam elas relacionadas ao ensino e à pesquisa de forma que haja uma ligação com as demandas oriundas da sociedade

19 Menciona-se como exemplo o projeto Atividade Física e Cognição, coordenado pelo professor Mestre Adriano Filipe Barreto Grangeiro que atualmente está em processo de doutoramento e o projeto Saúde e Cognição na Terceira Idade coordenado pelo professor Dr Rubens Rubens Vinicius Letieri, dentre outros. Ambos os professores compõem o colegiado do Curso de Educação Física no campus de Tocantinópolis.

20 Cita-se como exemplo, os trabalhos: **Políticas Públicas para Pessoa Idosa: uma análise das atividades desenvolvidas pela Secretaria de Assistência Social de Tocantinópolis** de Deusimeire Rodrigues de Sousa, **Retratos da velhice: o eternizar de memórias e a construção de novas representações e identidades do idoso em Tocantinópolis** de Dirceu Leno Dias Borges; **A Influência da Educação no processo de Envelhecimento** de José Francisco da Silva Filho, dentre outros. Tais trabalhos são frutos da vivência e experiência dos acadêmicos junto aos projetos mencionados e/ou da atividade integrante de Educação e Envelhecimento por mim ministrada que também é fruto desses projetos.

21 A II Mostra Intergeracional é uma ação que se desdobrou por meio do GATI I. A referida Ação foi realizada no Campus Centro e vinculada ao Edital 2018 - Fluxo Contínuo das Ações de Extensão na modalidade evento, sendo protocolado no SIGPROJ sob o número 312294.1639.36445.28082018.

e, nesse sentido, enquanto um momento de vivência poderá ser um eixo importante em prol das mudanças que se quer instaurar. (PEREIRA, 2016, p.125)

Contudo, o movimento em prol do envelhecimento humano em Tocantinópolis, segue seu percurso alcançando a cada passo, um público ainda maior.²² Cada projeto elaborado traz em sua constituição uma preocupação comum: a promoção de um envelhecimento digno, ativo e com qualidade de vida. Nessa direção, o empoderamento do sujeito que envelhece, tem sido a premissa que une a todos nós, e isso tem qualificado não só em números, mas, sobretudo em mérito todos os esforços empreendidos para esse fim, sinalizando inúmeras possibilidades no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

O SURGIMENTO DO GATI EM TOCANTINÓPOLIS

A trajetória do GATI - Grupo de Apoio da Terceira Idade insere-se nessas possibilidades. Desde que foi implementado há 03 anos (2017), o projeto tem procurado acolher os idosos atendidos nos mais diferentes projetos desenvolvidos no âmbito da Universidade Federal do Tocantins – UFT / Campus de Tocantinópolis e da Prefeitura Municipal, parceira importante nesse processo.

Além de receber os idosos oriundos de outros projetos e espaços como o Centro de Referência em Assistência Social - CRAS e a Academia da Melhor Idade - AMI, o GATI tem sido um espaço socioeducativo e intergeracional que contribui com a qualidade de vida dos idosos de Tocantinópolis, portanto, um espaço de troca e partilha que procura por meio de suas atividades, articular ações que colocam em prática os conhecimentos apreendidos pelos acadêmicos ainda em processo de formação, que dele participam.

Assim, dentre outras questões o projeto tem por objetivo:

viabilizar e incentivar formas de atendimento que propiciem qualidade e dignidade à vida dos idosos;

oportunizar o fortalecimento da autonomia e emancipação de idosos e a sua inclusão no âmbito da universidade;

criar ações que propiciem a integração entre o idoso e sua família; possibilitar a socialização e desenvolvimento da solidariedade, da autoestima e capacidade de auto-determinação;

contribuir com a ampliação do universo informacional, cultural e lúdico dos idosos; desenvolver as habilidades dos idosos para a vida, com vistas a facilitar o domínio do cotidiano em família, comunidade e sociedade;

informar e empoderar os idosos e suas famílias, ampliando suas capacidades comunicativas e seu acesso às informações.

(PROJETO GATI II/SIGPROJ nº 325456.1829.36445.03092019)

²² Aqui destaco não só a presença marcante dos idosos, mas, sobretudo dos acadêmicos que atuam nos projetos e professores de outros cursos, a exemplo do Curso de Educação do Campo que nesse momento soma forças conosco.

Uma das características do estudo sobre a velhice e o processo de envelhecimento humano parece ser a capacidade de congrega pesquisadores e/ou profissionais de diferentes áreas do conhecimento. A partir desse entendimento, foi que a proposta curricular do projeto se desenhou. Sua elaboração contemplou três importantes eixos temáticos que na minha visão permitiram agregar temas estratégicos, possibilitando a participação de uma equipe multiprofissional que tem dado ao projeto uma valorização/visibilidade ainda maior junto ao município e a universidade.

Assim, os eixos centrais que dão destaque a: **saúde e qualidade de vida; educação, sociedade, cultura e cidadania; arte e lazer** ampliam a compreensão da temática permitindo aos idosos e a todos aqueles que atuam no projeto uma vasta visão de todo processo. Cada eixo acolhe um conjunto de temas que, permitem ao idoso participante do projeto, uma compreensão da acerca da velhice, do processo de envelhecimento e suas interfaces, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Proposta curricular

1º EIXO - SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA	2º EIXO - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE, CULTURA E CIDADANIA	3º EIXO - ARTE E LAZER
Atividade física e envelhecimento;	Educação e envelhecimento;	Ginástica laboral;
Impactos dos exercícios diversificados na saúde do idoso;	Educação e meio ambiente;	Dança na terceira idade;
Exercício e cognição; depressão geriátrica;	Educação e sociedade;	Visitas domiciliares e culturais;
A estrutura do corpo e o impacto do envelhecimento;	Linguagem;	Passeios e excursões;
Educação para saúde; relação transgeracional;	Treinamento cognitivo de memória;	Arte e criatividade da terceira idade
Farmacologia para terceira idade (uso racional dos medicamentos/intoxicação farmacêutica)	Alfabetização;	Teatro (gerontodrama)
Alimentação saudável.	Direito do idoso;	Turismo na terceira idade.
	Acidentes domésticos;	
	Sexualidade na terceira idade.	

Fonte: Projeto GATI, 2019.

Os eixos acima descritos foram elaborados coletivamente e são trabalhados junto aos idosos, por uma equipe multidisciplinar, (Pedagogos, Profissionais da Educação Física, Psicólogos, Fonoaudiólogos, Farmacêuticos, Assistentes Sociais, Enfermeiros, Nutricionistas) que juntos se dedicam e fazem o GATI alcançar êxito em suas ações.

Convém salientar ainda que desde o processo de elaboração, as ações desenvolvidas no GATI procuram primar pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, posto que o mesmo busca contribuir na geração de um novo campo do saber no âmbito dos cursos possi-

bilitando assim a construção do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar. Assim, além de articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão, procura sincronizar os conteúdos das áreas de estudos com questões relacionadas à Velhice e ao processo de envelhecimento através de uma análise dos problemas sociais, econômicos, políticos, educacionais e culturais.

Importa frisar ainda que durante a execução do projeto, é elaborado pela coordenação um cronograma de atividades mensal que agrega temas relacionados aos eixos acima descritos. Contudo, os temas são trabalhados semanalmente junto aos idosos (5ª feiras das 14 às 17 horas no auditório do Campus Babaçu²³) pela equipe de profissionais com a ajuda dos acadêmicos que atuam como monitores. Um momento de trocas e partilhas intenso, onde as experiências dos idosos servem como instrumentos potencializadores para novas aprendizagens. As figuras²⁴ a seguir ilustram alguns desses momentos, vejamos:

Figura 01: Tema Estrutura do corpo e o impacto do envelhecimento



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 02: Tema Educação e Envelhecimento



Fonte: Acervo Pessoal da autora

APRENDER A APRENDER: UM EXERCÍCIO MÚTUO

Quando se fala em aprendizagem do idoso, há de se considerar que a declinação cognitiva relacionada à idade se manifesta em diferentes categorias. A memória, a habilidade verbal e numérica (entre outras) precisa ser considerada, tendo em vista que com o crescimento demográfico e as perspectivas educativas para esse público tendem a aumentar e se tornarem comuns.

Desta maneira, a literatura sugere que as ações educativas destinadas aos idosos são fundamentais para prevenir a deterioração biológica e em consequência para contribuir com a manutenção das funções cognitivas. Nessa direção, as condições de vulnerabilidade (física, social, cognitiva) devem ser consideradas quando o que se busca é o entendimento dos fatores que contribuem com o declínio cognitivo e que refletem na aprendizagem desse sujeito.

As atividades físico-emocionais têm sido também aportes importantes para o desenvolvimento educativo desse segmento etário, pois o aumento na execução de atividades físicas implica no crescimento do volume do cérebro, isso porque “quando o volume cerebral aumenta, ou, pelo menos, mantém o seu volume, as células saudáveis manifestam e podem conseguir um ótimo desempenho cerebral [...], especialmente em áreas-chave, tais como centros de memória e de aprendizagem” (MOGOLLÓN, 2012, p. 63).

23 A primeira versão do projeto foi realizada no campus Centro. As aulas ocorriam no auditório Vigilante Adão Ribeiro, uma vez por semana no período da tarde.

24 As imagens foram registradas e são utilizadas com a devida autorização dos sujeitos.

Em face dos argumentos expressos, podemos afirmar que as experiências educativas oriundas de projetos como o a UMA e o GATI têm permitido aos idosos a superação de barreiras que eventualmente os impediram, (em específico os de classe menos favorecidas) de obter uma educação quando mais jovens. Tais experiências contribuem com o rompimento da ideia de que a velhice tem sido associada a estereótipos depreciativos (lentidão, semimorte, doença, decadência, abandono e sofrimento). Elas dão a esta fase da vida um novo olhar, pois o idoso constitui um ser aprendente, posto que aprender se torna, também, uma prioridade de auto-organização da vida. Nesse sentido Assmann (1998) afirma:

Com o avanço das biociências nos foi mostrado que a vida é essencialmente, aprender, e que isto se aplica aos mais diferentes níveis que se podem distinguir um fenômeno complexo da vida. Parece que se trata de veras de um princípio abrangente relacionado à essência do “estar vivo”, que é sinônimo de estar interagindo, como aprendente. (ASSMANN, 1998, p. 35)

A aprendizagem constitui-se, portanto, um processo de (re)construção e (re)apropriação de conhecimentos, habilidades e atitudes. Ela, por sua vez, conduz a um novo significado da própria experiência vivida e a uma transformação pessoal de cada sujeito envolvido, sendo assim, uma possibilidade para todos e em qualquer tempo. Assim, a necessidade humana de desenvolvimento contínuo nos mostra que, independentemente de idade ou nível social, estamos sempre em busca de alargar e realizar nosso potencial humano, pois aprendemos para viver e vivemos para aprender.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante dos elementos mencionados é possível afirmar que o GATI – Grupo de Apoio a Terceira Idade, tem sido no campus de Tocantinópolis um espaço de formação contínua. Por trabalhar com o princípio da indissociabilidade, sua atuação tem tido reflexos positivos nos fazendo crer que estamos na direção certa.

Assim, é possível afirmar que a implementação de projetos dessa natureza tem ampliado sobremaneira no campus e na comunidade local a compreensão acerca da velhice e do processo de envelhecimento e isso é visível por meio dos diferentes produtos oriundos dessas experiências (teses, projetos de pesquisas, capítulos de livros, TCCs elaborados, entre outros) que tem a temática do envelhecimento e suas interfaces como foco de suas análises e reflexões.

Portanto, este Grupo de Apoio a Terceira Idade, além de acolher, tem servido como um espaço de escuta e exercício de socialização entre este contingente populacional e a comunidade acadêmica estudantil. Ele tem sido um instrumento valioso, pois compreende o idoso enquanto um “ser de busca”, um ser “inconcluso, inacabado e incompleto”, portanto apto a aprender ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica (2006). Cadernos de Atenção Básica – n.º 19, Série A: **envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). População do último censo, 2010. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>>. Acesso dia 04/05/2020.

MOGOLLÓN, Eddy. Una perspectiva integral del adulto mayor en el contexto de la educación. **Revista Interamericana de Educación de Adultos**, año 34, n. 1, Enero/Junio 2012.

PEREIRA, Fabíola Andrade. **Educação de pessoas idosas: um estudo de caso da Universidade da Maturidade no Tocantins**. 2016. 2019 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Trimestral Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: <<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/economia/no-tocantins-ibge-mostra-que-idosos-s%C3%A3o-14-6-da-popula%C3%A7%C3%A3o-1.2021662>> Acesso dia 04/05/2020.

PROJETO GATI II – Cadastrado por meio do Edital 2019 - Fluxo Contínuo das Ações de Extensão. Protocolo de registro no SIGPROJ nº325456.1829.36445.03092019

CLUBE DOS LIVRES: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM EDUCAÇÃO E LEITURA NA PRISÃO

Aline Campos²⁵, Elizete Pereira dos Santos²⁶, Iêda Almeida da Silva²⁷, Jhenissa Silva Souza²⁸, Juleyce Pereira da Silva²⁹, Luciana Conceição da Silva³⁰ e Thátilla Ferreira Morais³¹

UMA PRÁTICA EDUCATIVA ANCORADA NO SUL

Parece-nos válido, antes de adentrar ao relato e análise de nossa experiência extensionista, evidenciar os princípios que dão suporte às nossas ações. Alinhamo-nos à perspectiva de que é necessário ampliar as formas de produção de conhecimento e incluir nesse fazer os grupos marginalizados. Dentro desse cenário mais amplo em que se inserem as Epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), no que tange ao campo específico da educação, nos ancoramos nas denominadas pedagogias críticas a partir do sul (MEJÍA, 2012), mais especificamente na Educação Popular enquanto prática da liberdade (FREIRE, 2011a; HOOKS, 2017).

Em nossas práxis buscamos, portanto, desenvolver um trabalho coletivo que objetiva contribuir para a emancipação de todos os que nele estão envolvidos e, conseqüentemente, transformar a realidade de opressão a que estamos submetidos. Trata-se, desse modo, de uma ação educativa que não nega sua dimensão política e que está comprometida com a justiça social. Além disso, temos como força motriz a esperança de que outros mundos são possíveis (FREIRE, 2011b).

O projeto de extensão universitária que promovemos tem como foco a educação para pessoas presas. Consideramos tais pessoas como um grupo duplamente marginalizado: primeiro por ser constituído por pobres, negros e com baixa escolaridade; e segundo por carregarem o estigma de delinquentes, bandidos e/ou criminosos. Ou seja, são pessoas que trazem em suas trajetórias de vida marcas da marginalização as quais, ao serem presas, tendem a se acentuar ainda mais.

Nesse contexto em que se insere a população carcerária, atuamos junto a homens presos. Ressaltamos, porém, que não houve qualquer questão de gênero associada a escolha do público. A única unidade prisional existente no município em que residimos é masculina, por isso lá nos

25 Mestre em educação, Universidade Federal do Tocantins (UFT), alinecampos@uft.edu.br

26 Discente do curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins (UFT), elizete.pereira@uft.edu.br

27 Discente do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins (UFT), iedalmeidasilva@gmail.com

28 Pedagoga, Universidade Federal do Tocantins (UFT), jhenissassousa@gmail.com

29 Discente do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins (UFT), juleyce04@hotmail.com

30 Discente do curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins (UFT), luciana.conceicao@uft.edu.br

31 Pedagoga, Universidade Federal do Tocantins (UFT), thatilamorais@uft.edu.br

inserimos. Contudo, o fato do grupo de extensionista ser totalmente composto por mulheres tem propiciado profícuos debates de ideias relacionadas às questões de gênero.

Nossa atuação junto à população carcerária tem como premissa a educação enquanto direito humano. Entendemos que é a partir da educação que se obtém os instrumentos necessários para conhecer e, conseqüentemente, lutar e exigir os demais direitos. Daí sua extrema importância. Isso é mais que suficiente para justificar não apenas nossas ações, mas qualquer prática educativa em contexto prisional. Nesse sentido, De Maeyer (2013) enfatiza que as pessoas presas são portadoras de direitos não por compaixão, mas porque o direito é uma exigência moral, social e jurídica.

Nesse sentido, frases como “direitos humanos para humanos direitos”, além de manifestação de preconceitos, evidenciam desconhecimento total dos princípios do direito. Mas, por pensamentos como esse insistirem em existir e se manifestar, entendemos ser imprescindível reiterar sempre a dimensão da educação enquanto direito humano, sobretudo no contexto prisional.

No bojo da luta por garantia de acesso à educação, temos a leitura. A conceituação de leitura envolve concepções divergentes. Algumas são mais restritas, limitando-se à compreensão de decodificação de signos linguísticos, ou seja, leitura da escrita/palavra. Outras assumem um conceito ampliado, que envolve o “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1986, p. 30). Neste segundo caso inclui-se, portanto, a leitura de um quadro, uma imagem, um som, uma ideia, uma situação real ou imaginada. Aproxima-se, pois, da compressão de leitura de mundo (FREIRE, 2011a). Comungamos com a segunda.

Dentre as diversas possibilidades do que pode ser lido, há a literatura. Candido (2011) problematiza se os pobres possuem o direito de acesso à literatura e defende que esta deve ser vista como um direito humano básico, pois trata-se de um fator indispensável de humanização. Segundo este sociólogo e crítico literário, a literatura traz em si, livremente, o “bem” e o “mal”, proporcionando vivermos dialeticamente os problemas, o que possibilita uma humanização profunda.

No projeto de extensão que desenvolvemos lemos coletivamente obras literárias, no intuito de promover e incentivar o acesso à literatura. Apesar de termos como razão de encontro a leitura da palavra escrita nos livros, a dinâmica de diálogo que propomos valoriza as leituras de mundo.

Na preocupação de sermos coerentes com os suportes teóricos que acreditamos, buscamos desenvolver práticas que propiciem a relação horizontal entre todos os participantes. Isso não significa que todos assumem os mesmos papéis e responsabilidades, mas sim que são igualmente importantes para a manutenção e desenvolvimento do projeto. Utilizamos, pois, as rodas de conversas como principal instrumento metodológico para promoção de uma prática educativa participativa e dialógica. Nesse processo, assim como Fleuri (2019, p. 16),

nos aproximamos de uma perspectiva interacional e dialógica que poderíamos chamar de conversa porfiada, caracterizada pelo enfrentamento crítico dos desafios que se colocam no contexto social e ambiental, ou de conversa confiada, que permite estabelecer relações de parceria e confiança recíprocas entre os agentes sociais ao buscarem compreender e resolver os problemas da realidade.

Por meio das Rodas de Conversas buscamos refletir coletivamente sobre a realidade em que vivemos a partir da pluralidade de razões, uma vez que “o que se busca na roda não é uma disputa sobre ‘quem tem razão’, mas a apreciação das diversas razões, o alargamento da visão de cada um, a ampliação dos horizontes e a possibilidade de melhor refletir sobre a questão abordada” (AFONSO; ABADE, 2008, p. 24). Apoiamo-nos, portanto, também na compreensão de um conversar libertador que:

não é uma técnica, é um encontro de dois ou mais seres que vivem nesta cultura, gerando-a, realizando-a e conservando-a no próprio vive-la e que, quando se encontram no mútuo respeito, veem-se e se escutam e podem se perguntar se gostam do mundo ou dos mundos que constroem em seu viver e conviver (MATURANA; XIMENA, 2009, p. 237).

Daí que, apesar de ser um projeto pensado e estruturado para ser desenvolvido com a população carcerária, visando contribuir para seu acesso à educação e literatura, tenha se configurado como um espaço de encontro e formação compartilhada, no qual todos se constroem e reconstroem em diálogo com o outro.

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO EDUCATIVO NA PRISÃO

Diferente da maioria das unidades prisionais, na Cadeia Pública de Tocantinópolis havia um espaço físico destinado para a realização de atividades educativas. Nela, entretanto, não eram desenvolvidas atividades com regularidade. Além disso, tratava-se de um espaço vazio. Não havia lousa, cadeira, livros ou qualquer outro material que pudesse caracterizá-la como um espaço educativo. Daí que a aproximação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) com a referida unidade prisional, por meio da extensão universitária, fez emergir a primeira demanda de trabalho: a construção de um espaço educativo.

Essa primeira etapa, desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2017, só foi possível devido à articulação e parceria entre diferentes instituições o que, é necessário registrar, realizou-se em decorrência da mediação do Ministério Público. A partir de então, além da UFT e da Secretaria Estadual de Cidadania e Justiça (SECIJU) - instituição a qual está vinculada à Cadeia Pública de Tocantinópolis - outras duas instituições passaram a ser importantes parceiras nas ações educativas desenvolvidas nesta unidade prisional: Secretaria Estadual de Educação, Juventude e Esporte (SEDUC) e Prefeitura Municipal de Tocantinópolis.

Durante o processo de estruturação do espaço elaboramos também a primeira versão do projeto de extensão, com vista à promoção de atividades educativas no interior da unidade. Inicialmente desenvolvemos oficinas experimentais, nas quais provocávamos a leitura e a escrita por meio de recursos diversos. Posteriormente, devido à demanda dos participantes, tais oficinas voltaram-se para a produção de redações dissertativa-argumentativas, em virtude dos exames nacionais que seriam aplicados na unidade (Exame Nacional de Certificação da Educação de Jovens e Adultos – ENCCEJA e Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM). Nesse momento, tivemos o primeiro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido por uma das graduandas extensionistas. Como as relações eram ainda incipientes, optamos por fazer um trabalho teórico e, assim, Morais (2018) buscou compreender como as vozes das pessoas presas estavam sendo representadas nos trabalhos científicos.

Com a estruturação do espaço educativo, em fevereiro de 2018 foi possível dar início à oferta do ensino escolar dentro da unidade. No período da manhã passou-se a ministrar aulas do segundo segmento do ensino fundamental e no período da tarde do ensino médio, ambos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Essa conquista fez com que a UFT tivesse que rever seu papel na unidade. Com a oferta de educação formal escolar garantida, coube ao projeto de extensão atender outra demanda da população carcerária: a remição de pena por leitura. Desde fevereiro de 2018, portanto, o projeto de extensão universitária promove Clube de Leitura na unidade, o qual foi posteriormente batizado de “Clube dos Livres”.

Em virtude tanto da falta de espaço físico para o desenvolvimento de atividades educativas no interior das unidades prisionais, quanto do preconceito a que está submetida à população carcerária e da cultura prisional marcada pela opressão, a construção de espaços educativos dentro das prisões não é tarefa simples ou fácil. Por isso, é importante destacar que temos conseguido construir nossa trajetória e feito funcionar a educação na Cadeia Pública de Tocantinópolis em decorrência de um conjunto de fatores favoráveis.

O primeiro deles é, sem dúvida, o estabelecimento de parcerias entre diferentes instituições para a promoção e garantia da assistência educacional, o que está previsto na Lei de Execução Penal, porém exige habilidade política para articulá-las. O segundo é o apoio da direção da unidade, que favorece, sobretudo, o enfrentamento das resistências provocadas pela cultura prisional. Um chefe de unidade que apoia as ações educativas estimula e conduz toda a equipe de segurança a fazer o mesmo. A nossa realidade, contudo, é ainda mais favorável. Parte considerável dos policiais penais (antigamente denominados agentes penitenciários) possuem ensino superior, sendo parte deles formados em cursos da própria UFT, como Pedagogia e Ciências Sociais. Alguns foram, inclusive, nossos alunos. Há, pois, laços que antecedem e favorecem o bom relacionamento no desenvolvimento das ações dentro da unidade prisional. Além disso, a proximidade geográfica entre a UFT e a Cadeia Pública, separadas por menos de um quilômetro, facilita o acesso à unidade. Por fim, mas não menos importante, contamos com a atuação de graduandas extensionistas extremamente comprometidas. Apesar de termos sido contempladas com algumas bolsas de extensão e iniciação científica ao longo do desenvolvimento do projeto, as participantes são majoritariamente voluntárias. Além dos esforços que realizam durante a semana para preparar e organizar o Clube de Leitura, elas se revezam para participarem semanalmente, aos sábados, dos encontros presenciais na unidade prisional.

Com esse contexto peculiar e favorável retratado temos experimentado reinventar a prisão por meio da educação e cultura e demonstrado o valor da extensão universitária na transformação da realidade.

FUNCIONAMENTO, REFORMULAÇÃO PERMANENTE E DESDOBRAMENTOS

O Clube dos Livres é formado por homens que cumprem pena de privação de liberdade; graduandas em ciências sociais, pedagogia e educação física; pedagogas egressas da UFT; e professores da UFT. Além dessas pessoas, o projeto conta com o apoio do diretor da unidade e demais policiais penais que atuam no suporte e segurança para viabilidade das ações.

Os participantes se reúnem semanalmente aos sábados à tarde para leitura e discussão coletiva das obras literárias. É lido um livro por mês, de modo que o primeiro encontro é destinado para apresentação da obra, o segundo e terceiro para leitura e discussão e o quarto para produção das resenhas. As resenhas passam por dupla correção, sendo inicialmente corrigidas pelas extensionistas e posteriormente pela coordenadora do projeto. Em seguida, as resenhas são devolvidas para os seus autores para serem reescritas. Após finalizadas, as resenhas são digitalizadas e entregues ao diretor da unidade, que é responsável por encaminhá-las para o juiz da Vara de Execução Criminal. É importante ressaltar que o juiz da comarca conhece o projeto e tem validado as resenhas produzidas para fins de remição de pena por leitura, uma vez que este é desenvolvido em concordância com a recomendação nº 44 do Conselho Nacional de Justiça.

O projeto se estrutura em módulos semestrais, ao final do quais é feita uma roda de conversa avaliativa. É a partir desse momento de diálogo coletivo que o projeto tem sido permanentemente reestruturado em função das demandas dos próprios envolvidos. Nesse momento também é que são definidas as leituras do módulo seguinte. Na tabela 01 são evidenciadas as transformações semestrais, bem como as leituras realizadas, nos módulos realizados pelo projeto.

TABELA 01: Síntese da reformulação semestral do projeto de extensão universitária “Clube dos Livres”

Semestre	Denominação do projeto	Ações desenvolvidas	Leituras realizadas
2017.2	Biblioteca e remição de pena por leitura: Construindo o espaço educativo na Cadeia Pública de Tocantinópolis/TO	Estruturação do espaço, desenvolvimento de oficinas experimentais de leitura e escrita e preparação para exames nacionais (ENCCEJA e ENEM)	Fragmentos de textos, letras de música, imagens de pinturas, charge.
2018.1	Clube de leitura e escola: consolidando o espaço educativo na Cadeia Pública de Tocantinópolis.	Desenvolvimento de Clube de Leitura, com leitura na cela de obras da biblioteca da unidade selecionadas coletivamente, discussão coletiva e auxílio na produção de resenha crítica.	1. Ubirajara (José de Alencar) 2. A metamorfose (Franz Kafka) 3. O pequeno príncipe (Antoine de Saint-Exupéry) 4. O vampiro que descobriu o Brasil (Ivan Jaf)
2018.2	Leitura Dramática na prisão: libertação possível?	Desenvolvimento de Clube de Leitura, com leitura compartilhada no encontro presencial de obras teatrais impressas, discussão coletiva e auxílio na produção de resenha crítica.	1. O santo inquérito (Dias Gomes) 2. Barrela (Plínio Marcos) 3. A prostituta respeitosa (Jean Paul Sartre) 4. Lisístrata – a greve do sexo (Aristófanes) 5. O casamento do pequeno burguês (Bertolt Brecht)

Semestre	Denominação do projeto	Ações desenvolvidas	Leituras realizadas
2019.1	Riso na prisão: (re) pensar o mundo através da comédia	Desenvolvimento de Clube de Leitura, com leitura compartilhada no encontro presencial de obras teatrais impressas, discussão coletiva e auxílio na produção de resenha crítica.	1.A paz (Aristófanos) 2. A comédia dos erros (Shakespeare) 3. O avaro (Molière) 4. O santo e a porca (Ariano Suassuna) 5. O pagador de promessas (Dias Gomes)
2019.2	Clube dos Livres: leituras comparadas entre peças teatrais e filme	Desenvolvimento de Clube de Leitura, com leitura compartilhada no encontro presencial de obras teatrais impressas, discussão coletiva, exibição do filme sobre a obra e auxílio na produção de resenha crítica.	1.Auto da compadecida (Ariano Suassuna) 2. Orfeu da Conceição (Vinicius de Moraes) 3. O beijo no asfalto (Nelson Rodrigues) 4. Dois perdidos numa noite suja (Plínio Marcos) 5. Ópera do malandro (Chico Buarque)
2020.1 (atual)	Clube dos Livres: leituras de obras contemporâneas	Desenvolvimento de Clube de Leitura, com leitura compartilhada no encontro presencial de obras doadas pela Chão Editora, discussão coletiva e auxílio na produção de resenha crítica.	1.Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte (José Murilo de Carvalho) 2.Fantina: cenas da escravidão (Francisco Coelho Duarte Badaró)

Sem deixar de ter como horizonte a normativa que orienta a remição de pena por leitura, o projeto tem se reinventado a cada semestre a partir da avaliação coletiva e dialógica entre todos os participantes. Esse, nos parece, tem se constituído como um ponto forte do projeto. Esse modo de organização tem favorecido a corresponsabilidade no desenvolvimento do Clube de Leitura, bem como o sentimento de pertencimento e união do grupo.

A coesão construída entre os envolvidos com essa ação extensionista é responsável, em grande medida, pelos desdobramentos positivos que têm sido alcançados desde o início do estabelecimento da parceria da universidade com a cadeia pública. Símbolo maior de tal coesão é o livro que escrevemos coletivamente e que registra o primeiro ano desta nossa experiência com Clube de Leitura em prisão (CAMPOS, 2019). Trata-se de uma obra que conta com textos de mais de 30 autores envolvidos direta ou indiretamente com o projeto: extensionista, pessoas presas, policial penal, diretor da unidade, pessoas envolvidas com a educação em prisões no Tocantins e professores universitários.

Além disso, o projeto tem impulsionado outras ações dentro da unidade. Com a aquisição de cinco computadores, doados pela Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, no final de 2018 foi possível viabilizar o ingresso no Ensino Superior à Distância de duas pessoas que cumprem pena na unidade. A mesma prefeitura deu início, em março de 2020, a uma turma do primeiro seguimento do ensino fundamental, suprimindo-se assim a demanda de alfabetização.

Em parceria com o professor responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da UFT e tendo as autorizações da SEDUC e do diretor da Cadeia Pública

de Tocantinópolis, foi possível viabilizar a realização do estágio no ensino fundamental e médio dentro da unidade prisional. Tal experiência propiciou a articulação entre ensino e extensão e posteriormente, a inclusão de duas estagiárias como extensionistas no projeto. Falta, contudo, organizar a proposta de modo a consolidá-la como possibilidade permanente, inclusive para outros cursos.

O projeto de extensão tem alavancado também a pesquisa. Temos um projeto de pesquisa “guarda-chuva” que objetiva compreender a experiência extensionista na Cadeia Pública de Tocantinópolis a partir de diferentes perspectivas: das pessoas presas, dos policiais penais, dos professores e da gestão (tanto da educação quanto da unidade prisional). Este projeto abarca dois trabalhos de TCC já defendidos e outros dois que estão sendo construídos. Tais trabalhos foram/são desenvolvidos pelas extensionistas que se convertem também em pesquisadoras. Sousa (2019) entrevistou policiais penais que atuam na Cadeia Pública de Tocantinópolis e, a partir de tais conversas, buscou compreender o que significa para eles a inserção de um espaço educativo na unidade prisional. Silva (2019), por sua vez, entrevistou professores no intuito de problematizar a prisão como possível espaço de atuação para pedagogos/as. A análise sobre essa experiência tem sido compartilhada também em eventos acadêmicos e por meio de artigos publicados em periódicos por integrantes do projeto (CAMPOS et al, 2018a; CAMPOS et al, 2018b; SILVA et al, 2019; CAMPOS e SILVA; 2020)

Mais recentemente o projeto obteve duas novas conquistas. A primeira foi o apoio da Chão Editora, que doou 30 livros de dois dos títulos por ela publicados. Estas obras foram lidas em janeiro e fevereiro de 2020 e conferiram uma nova experiência estética aos participantes, proporcionando que cada um deles tivesse em suas mãos um livro novo para leitura.

E a segunda foi a formação de um segundo grupo de participantes. Como o espaço em que o projeto se desenvolve comporta, no máximo, 15 pessoas presas esse era o número de pessoas atendidas. Havia uma lista de espera com mais de 10 nomes a qual rodava raramente, pois em geral as vagas só eram abertas quando algum dos participantes deixava a unidade. Tal situação nos inquietava, sobretudo por estarmos cientes de que o acesso à educação é um direito de todos. Com o fortalecimento do projeto e crescente aceitação das atividades por parte da equipe de segurança, propusemos ampliar o horário do encontro realizado aos sábados e dividi-lo em dois turnos, atendendo desse modo dois grupos diferentes. Assim, em fevereiro de 2020 iniciamos essa nova experiência e, com ela, garantimos o acesso à educação e literatura para todos os interessados, o que representa atualmente cerca de metade da população carcerária da unidade.

POTÊNCIA DA LEITURA COMPARTILHADA NA PRISÃO

Completamos, em fevereiro de 2020, dois anos de experiência com Clube de Leitura em prisão. O tempo, todavia, é sempre relativo. Se, por um lado, podemos ser considerados ainda como uma experiência recente, por outro, vivenciamos e compartilhamos momentos sobre os quais tecemos reflexões e temos algo a dizer.

Aprendemos muito. E aprendemos juntos. Apesar das diferentes experiências com leitura e escrita entre as pessoas que compõem nosso grupo, nenhum de nós era um grande conhecedor de literatura. Muitas das obras lidas eram desconhecidas de todos e por isso podemos dizer, com segurança, que temos nos formando juntos. Dentre as reflexões que temos feito a partir

das situações que temos vivenciado com o Clube dos Livres, destacamos neste artigo cinco que acreditamos evidenciar a potência da leitura compartilhada na prisão.

A primeira delas é que **apesar da leitura nos ser natural, ela pode ser potencializada**. Concordamos, portanto, com Martins (1986, p. 12) que “ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”. Os órgãos dos sentidos nos conectam com o mundo externo a nós e, a partir dessas sensações, passamos a ler o mundo. Com a aquisição de conhecimentos, tal como a linguagem, vamos ampliando nossas possibilidades de leitura. Se aprendemos a ler a palavra, um outro campo imenso de conhecimento passa a nos ser acessível tornando ainda maior nossa capacidade de realizar leituras. E a leitura da palavra, sobretudo literária, constitui-se como fator de liberdade e transformação, uma vez que propicia o encontro do ser humano com a realidade sociocultural, estimulando a tomada de consciência (SILVA, 2005). Na prisão, potencializar a capacidade de leitura é, em última instância, um convite a refletir sobre os caminhos que conduziram ao encarceramento e, mais, sobre as possibilidades e limites de seguir trajetórias distintas.

A segunda reflexão que destacamos é que **a leitura nos ajuda a conhecermos a nós mesmos**. A leitura possibilita que nos apropriemos das palavras dos outros para contar a nossa própria história, elaborando assim uma posição de sujeito no mundo (HERRERA; BROIDE, 2013). Ao tomar a palavra, deixamos de ser meros consumidores do discurso alheio e passamos a elaborar nossos próprios pensamentos. Passamos, assim, a ser mais autores de nossa própria história (PETIT, 2001). Além disso, a construção da identidade de leitor abre caminho para a configuração de identidades mais flexíveis e abertas (HERRERA; BROIDE, 2013). Esse processo é especialmente caro para pessoas presas, que muitas vezes são aprisionadas na identidade de criminosas e delinquentes.

A terceira reflexão é que **a leitura é uma possibilidade de nos conectarmos com o outro**. Além do debate de ideias e opiniões, a leitura provoca também o compartilhamento de afetos e emoções. Ela tem, por isso, papel fundamental na construção de laços sociais (HERRERA; BROIDE, 2013). A possibilidade de reestabelecer e/ou construir novos laços sociais é um horizonte imprescindível para quem vive a situação de aprisionamento.

A quarta reflexão é que **a leitura compartilhada escancara a multiplicidade de interpretações e o fato de que todo mundo tem algo a dizer**. Não importa qual a obra lida, o que marca um ou chama sua atenção, não é o mesmo para o outro. As pontes e associações que são feitas são extremamente variadas e, às vezes, surpreendentes. Isso revela que “a leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele” (MARTINS, 1986, p. 32). Ela é o disparador para múltiplos diálogos, associações e imaginações. Num contexto marcado pela opressão e silenciamento, como são as prisões, ler e discutir as diferentes leituras das pessoas constitui-se como fundamental ato de resistência à desumanização.

Por fim, a quinta reflexão que compartilhamos é a de que **a leitura compartilhada associada à Roda de Conversa propicia aprendizagens necessárias à democracia**. Tais aprendizagens são: se posicionar de modo respeitoso, escutar com abertura sincera e estar verdadeiramente presente e interessado no diálogo. Essas aprendizagens se constroem de modo gradativo e variado entre as pessoas. Requer, inevitavelmente, tempo. Ora, as penas de prisão constituem-se exatamente em tempo de confinamento. Trata-se, portanto, de um momento

proficuo para imersão nessas aprendizagens o que, inclusive, pode contribuir para um melhor retorno à vida extramuros.

Além dessas reflexões, que são compreensões de agora, mas que podem perfeitamente se transformar a partir da ampliação de nossas experiências, temos também muitas dúvidas e inquietações. Existe um perfil para definir as pessoas que irão fazer a mediação dos Clubes de Leitura? É melhor fazer grupos mais homogêneos em relação a habilidade que possuem com a leitura ou mesclá-los? Como fazer para incluir as pessoas não alfabetizadas? Devemos fazer a curadoria das obras a serem lidas? É preferível trabalhar com as obras clássicas ou contemporâneas? É importante apresentar os diferentes gêneros textuais? Poderíamos fazer a leitura de álbuns musicais ou de um livro de fotografias? As resenhas poderiam ser substituídas por troca de cartas? Essas são algumas delas, certamente outras virão. Nossas respostas têm sido elaboradas conjuntamente a partir da própria experimentação.

Assim como defende Martins (1986) temos, enquanto educadoras e extensionistas, nos reunido com pessoas para ler **com** elas, intercambiando nossas leituras, aprendendo a nos constituirmos como um Clube de Leitura em conjunto com quem dele participa. Há, pois, uma certa “magia”. Os desdobramentos da leitura não são previsíveis e controláveis. É como adentrar numa aventura por um caminho que não se sabe onde vai dar, mas que vale a pena arriscar.

Ao evidenciar o mundo como construção histórica e não destino dado, Freire (2011a) reafirma a esperança na transformação da realidade por meio dos inéditos viáveis. De modo similar, Santos (2007, p.38) defende a Sociologia das Emergências que, segundo ele, “produz experiências possíveis que não estão dadas porque não existem alternativas para isso, mas são possíveis e já existem como emergência”. Infelizmente a leitura, sobretudo de livros, é uma questão de privilégio e não de direito (SILVA, 2005). E as prisões constituem-se, desde sempre e cada vez mais, como o encarceramento dos pobres e pessoas historicamente marginalizados (WACQUANT, 2007). Será então que experiências como a nossa, que têm sido desenvolvidas pontualmente em diferentes unidades prisionais do país e do mundo, anunciam um inédito viável, a emergência de experiências possíveis para a reinvenção das prisões?

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Leme. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

CAMPOS, Aline (Org.). **Ler e escrever na prisão: experimentações em Tocantinópolis**. Brasília: Croma tecnologias, 2019.

CAMPOS, Aline; SILVA, Darlene Ribeiro da; SOUSA, Jhenissa da Silva; SILVA, Luciana Conceição da; COSTA, Mônica de Sousa; MORAIS, Thátilla Ferreira. Cadeia Pública e Universidade: articulação entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista Capim Dourado: diálogos em extensão**, Palmas, v.01, n. 01. p. 13-18, jan. 2018a.

CAMPOS, Aline; SILVA, Darlene Ribeiro da; SOUSA, Jhenissa da Silva; SILVA, Luciana Conceição da; SILVA, Marilene Soares da; MORAIS, Thátilla Ferreira. Remição de pena por

leitura: o sistema prisional e a extensão universitária. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v.4, n. 1, jan./dez., 2018b.

CAMPOS, Aline; SILVA, Vinícius Lima. Extensão universitária e Cadeia Pública: uma experiência no Tocantins. **Revista Brasileira de Execução Penal**, Brasília, v.1, n. 1, p. 103 – 121, já./jun. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

DE MAEYER, Marc De. A educação na prisão não é uma mera atividade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.38, n.1, p.33-49, jan./mar. 2013.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Conversidade: diálogos entre universidade e movimentos sociais**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

HERRERA, Paloma; BROIDE, Martín. **Bibliotecas abiertas en contextos de encierro**, 1ªed., Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.

MATURANA, Humberto Romesín; XIMENA, Dávila Yánez. **Habitar o humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athenas, 2009

MEJÍA, Marco Raúl. **Educação e pedagogias críticas a partir do sul**. Rio de Janeiro: Nova-merica, 2012.

MORAIS, Thátilla Ferreira. **Educação nas prisões: as vozes das pessoas em situação de privação de liberdade no Estado da Arte**. 2018. 91p. Monografia graduação (curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2018.

PETIT, Michèle. **Lectura: del espacio íntimo al espacio público**, México: Fondo de Cultura Económica (FCD), 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: **Epistemologias do Sul**. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31 – 83.

SILVA, Darlene Ribeiro da. **Prisão como espaço de atuação para pedagogos/as**. 2019. 85p. Monografia graduação (curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2019.

SILVA, Darlene Ribeiro da; SILVA, Luciana Conceição da; ALVES, Taila Silva; CAMPOS, Aline. Formação compartilhada de professores: atrelando formação inicial e continuada. **Revista Capim Dourado: diálogos em extensão**, Palmas, v.02, n. 03. p. 22-32, set./dez. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. 10ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SOUSA, Jhenissa Silva. **Educação e cadeia pública: o que dizem os agentes penitenciários?** 2019. 86p. Monografia graduação (curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2019.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

CONEXÕES DE SABERES: FORMAÇÃO E EXTENSÃO COM BASE NA EDUCAÇÃO POPULAR

Cássia Ferreira Miranda³² e Lisiane Costa Claro³³

INTRODUÇÃO

O texto aborda a proposta do projeto de extensão intitulado **GEPHEA – Conexões de Saberes**, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFT/CNPq) da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Tocantinópolis. O registro tem como objetivo relatar acerca da realização de um curso de curta duração de formação na área de educação popular, bem como apresentar a proposta de extensão que vem sendo realizada pelo projeto GEPHEA – Conexões de Saberes.

Historicamente, as universidades foram constituídas por e para grupos sociais privilegiados, configurando-se enquanto espaços elitizados e de difícil acesso para as camadas populares. Apesar de reconhecer que há esforços da universidade em ‘ultrapassar seus muros’, o que é um elemento que cada vez mais se torna necessário, e que as formas de produção de conhecimento sejam constantemente repensadas, considera-se fundamental o fortalecimento das ações que reivindiquem os fundamentos ontológicos da universidade arraigados ao seu compromisso social.

Diante disso, ao anunciar a proposta de conectar os saberes se identifica que a extensão foi a base de algumas outras iniciativas que estiveram presentes na trajetória das universidades no Brasil, como por exemplo, em 2004 quando surgiu o **Programa de Conexões de Saberes**. Apesar de o programa ter sido extinto, a proposta se readequou em 2010, ampliando o chamado **Programa de Educação Tutorial – PET** com a abertura do edital 09/2010 na proposta chamada **PET/Conexões de Saberes**. Segundo o documento, tratava-se de uma proposta no âmbito nacional que propunha a extensão enquanto base de promoção da articulação entre o ensino e a pesquisa (Edital nº 9/2010 MEC/SESu/SECAD).

Nesse viés, retomando e reconhecendo a proposta de conectar os diferentes saberes, não de maneira a ‘estender a produção da academia’ à comunidade geral, mas de disputar a produção de conhecimento em um horizonte mais democrático, humanizador e que reconheça outras formas legítimas de produção de saber ‘com a comunidade’, é que se aposta em um projeto de extensão tomando como concepção a Educação Popular.

Além disso, a Universidade Federal do Tocantins assume como uma de suas tarefas, em seus princípios pedagógicos, a promoção da extensão aberta à participação da população, visando

32 Licenciada em História e Pedagogia. Doutora em Teatro. Professora na Universidade Federal do Tocantins / UFT

33 Historiadora e Pedagoga. Doutora em Educação Ambiental. Professora na Universidade Federal do Tocantins/ UFT.

à difusão das conquistas geradas da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição (UFT, 2016). O Plano de Desenvolvimento Institucional em vigência, ainda registra que a missão institucional é “formar profissionais cidadãos e produzir conhecimento com inovação e qualidade que contribuam para o desenvolvimento socioambiental do Estado do Tocantins e da Amazônia Legal” (UFT, 2016, p. 15-16). Com efeito, consideramos que no horizonte de uma formação permanente, torna-se imprescindível propor espaços que vinculem a produção de conhecimento em partilha e constituição com os saberes populares.

FORMAÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO POPULAR E A PROPOSTA DAS PEDAGOGIAS LIBERTADORAS

O Projeto **GEPHEA – Conexões de Saberes** considera a necessidade de articular a produção dos conhecimentos científicos com os saberes populares, identificando a relevância e assumindo como base a concepção da Educação Popular que está presente nas Pedagogias Libertadoras. Compreende-se que o sentido ontológico da educação se pauta no entendimento de que “a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos é – libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 1987, p. 32). Com efeito, Freire (1987) em sua proposição educativa evidencia a necessária articulação entre a construção de educadores e educadoras em um sentido progressista, libertador, rumo à transformação social em um sentido mais solidário.

O autor destaca que a constituição de sujeitos educadores se dá no movimento das lutas pelo direito de “ser mais” – no seu sentido ontológico, da vocação de ser mais humano, num processo de humanização do mundo (ibidem). Freire (1999) afirma que a partir dos saberes da vida dos sujeitos se realizam ações emancipatórias e coletivas, o que acarretam a proposição de diferentes olhares sobre questões que estão no âmbito educativo.

Além disso, o projeto busca a contribuição de licenciandos e licenciandas que atuam com a comunidade geral identificando a necessária formação humana pautada na autonomia como possibilidade de libertação. Para Freire (1999, p.11) a libertação é uma possibilidade que “nos apresenta elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana.” Com efeito, o processo formativo docente, amparado na epistemologia de base crítica presente na Educação Popular, concebe a tarefa educadora enquanto possibilidade de transformação dos sujeitos e, por isso, da sociedade e da universidade.

Dessa forma, ao reconhecer a realidade enquanto um espaço de reprodução de uma lógica desumanizadora, que oprime e dissemina as situações de opressão - de tal modo em que o sujeito oprimido na maioria das vezes, busca reproduzir a prática opressora -, como Freire (1987) destaca, é que se aposta na base educativa libertadora: com sujeitos educadores os quais encharcados de intencionalidade pedagógica de visão crítica e solidária, atuem no processo de desvelar as situações de opressão junto aos sujeitos vulneráveis: trabalhadores e trabalhadoras, mulheres, grupos sociais marginalizados, comunidades tradicionais e, de modo mais geral, as camadas populares que historicamente têm seus direitos negligenciados.

Para Freire (1987), nenhuma pedagogia que se afirme enquanto libertadora pode se distanciar dos oprimidos, tão pouco lhes fazer de objetos de um “tratamento” humanitarista, buscando por meio de modelos exemplares entre os opressores, protótipos para a sua “promoção”. Os sujeitos em situação de opressão devem ser o exemplo para si mesmo, na luta por sua libertação.

FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS POPULARES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS COM JOVENS E ADULTOS E A GÊNESE DO GEPHEA – CONEXÕES DE SABERES

Uma das primeiras atividades de cunho extensionista que instigou a sistematização e desenvolvimento do Projeto de extensão que se apresenta, foi a realização de um curso de curta duração intitulado **Formação de Educadores Populares nos Espaços Educativos com Jovens e Adultos**, o qual ocorreu entre os dias 24 e 26 de Setembro de 2019. Na ocasião, foi realizada a divulgação para a comunidade acadêmica e comunidade geral, enfatizando a participação de estudantes extensionistas e pertencentes aos programas institucionais que instigam a permanência na Universidade, docentes da rede básica de ensino público e lideranças comunitárias.

O curso teve como intuito contribuir com a formação de educadores populares para uma atuação nos contextos constituídos por jovens, adultos e idosos. Além disso, objetivou incentivar espaços formativos com as camadas e saberes populares; apresentar conceitos de Educação Popular; evidenciar experiências de Educação Popular do Sul ao Norte do país; apresentar propostas de retomada à escolarização básica em espaços de Educação de Jovens e Adultos (EJA) com comunidades tradicionais; elucidar projetos de acesso e permanência à Universidade Pública; promover a elaboração de cartas pedagógicas como formas de registro potencial à reflexão da prática em um sentido libertador e humanizador e, portanto, coerente à proposta da Educação Popular.

Na ocasião, houve a presença da educadora popular Roberta Ávila Pereira, coordenadora do **Pré-Universitário Popular Quinta Superação**, da cidade de Rio Grande do estado de Rio Grande do Sul. A convidada realizou a formação em parceria com a coordenadora do curso, Lisiane Costa Claro, buscando destacar as experiências constituídas em sua trajetória, com base no referencial teórico da Educação Popular e instigando à partilha das experiências em processo no Norte do Tocantins.

O curso teve duração de 20 horas e foi organizado em três dias nos quais cada um assumiu os seguintes temas geradores: 1) Educação Popular e o Programa de Auxílio e Ingresso ao Ensino Técnico e Superior (PAIETS): experiências da extensão do Sul ao Norte do país. 2) Contornos Onto-Epistêmicos da Educação Popular. 3) Cartas Pedagógicas: registros de Freire e as possibilidades formativas do escrever. Cada dia contabilizou 6 horas de diálogo e atividades de leitura, sendo que no último encontro, mais 2 horas foram destinadas à elaboração das Cartas Pedagógicas e do Varal Pedagógico.

No primeiro encontro, foram apresentadas experiências de Educação Popular com base no PAIETS; que ocorre na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Ao início do encontro, após apresentação da proposta, foi realizada uma dinâmica na qual os participantes se apresentavam por meio de uma palavra que expressasse a busca por estar naquele espaço. Logo, os participantes se apresentavam explicando a relação com a palavra escolhida e ao disporem no cordão barbante lançavam o fio para outro participante; de maneira em que todos se apresentaram e ao final, o grupo constituía uma teia de relações.

Após a dinâmica, intencionando a metáfora de uma construção solidária com base nas experiências e expectativas dos participantes, foram elucidadas as práticas de Educação Popular.

Tais ações apresentadas e vinculadas ao PAIETS se deram nos âmbitos de retomada à escolarização básica por meio da EJA em contextos de comunidades tradicionais de pesca artesanal; as ações e proposta dos cursos pré-universitários populares; a iniciativa educativa popular no horizonte da Cultura da Paz, junto aos sujeitos com privação de liberdade em regime semiaberto; e, a formação de professores da EJA e lideranças de movimentos sociais.

Na medida em que eram expostas as práticas, o grupo era convidado a pensar e colocar quais demandas emergiam do contexto tocantinopolino. Ao identificar tais demandas, buscou-se visualizar possibilidades ou aspectos capazes de impulsionar a reinvenção e criação de propostas que atendessem ao esperado, de modo a contribuir com uma prática educativa transformadora.

No segundo encontro, foi realizado um mergulho em relação ao referencial teórico da Educação Popular. Com base, principalmente nas obras de Paulo Freire, foram apresentados os seguintes temas: voluntariado **versus** Educação Popular (pontuando as diferenças entre assistencialismo/caridade e compromisso político/social); relação entre educando e educador; produção de conhecimento; metodologias de ensino para a transformação (de si, com o outro e do/no mundo); concepções de avaliação e currículo com base na perspectiva da Educação Popular; e, o compromisso com o *ser mais* (no sentido freireano de ser mais gente; ou seja, de humanização).

A intenção foi instigar o estudo enquanto possibilidade de qualificação das ações educativas realizadas nos contextos dos participantes, o que fomenta uma postura dialética e dialógica, modificadora da realidade marcada por uma lógica de opressão. Os referenciais foram sendo trançados de acordo com as experiências de cada participante, o que possibilitou uma roda dialógica com base na proposta de partilha das experiências dos sujeitos envolvidos no curso.

No terceiro e último encontro do Curso, com o intuito de apresentar um instrumento facilitador na postura de praxiológica (ação-reflexão-ação), tão presente nas Pedagogias Libertadoras, alguns excertos de registros considerados cartas pedagógicas foram apresentados aos participantes. Camini (2012) apresenta que a prática da escrita de cartas teve início há séculos, principalmente nos cárceres e exílios, foi enfatizada por Paulo Freire, e recentemente ressignificada e germinada no âmbito popular e representa uma prática um tanto nova e desafiadora no meio educativo; porém rica para o aprendizado com base em seus conteúdos e contextos.

Paulo (2020) considera que uma carta pedagógica de acordo com a Educação Popular se configura como um escrito encharcado de engajamento político; ao buscar a consolidação de um projeto humanizador, cujo horizonte seja uma sociedade emancipadora, toda carta pedagógica assume uma escrita engajada na luta pela superação da sociedade classista.

Por esse viés, reconhecendo que a palavra assume força de luta, foi proposta a elaboração de cartas de cunho pedagógico ao educador Paulo Freire. Orientaram-se aos cursistas sobre as maneiras de elaborar a carta; exemplificaram-se com estruturas de cartas pedagógicas produzidas pelas ministrantes e apresentadas nos Fóruns de Estudos e Leituras de Paulo Freire, ocorridos no Rio Grande do Sul. Além disso, foi orientado aos escritores e escritoras, o registro de algumas possibilidades de conteúdo, tais como: o que gostariam de abordar sobre suas obras/conceitos/propostas/trabalho; relatos sobre seus desafios nos contextos de atuação; questionamentos sobre a concepção educativa que acreditava/buscava construir; entre outras sugestões.

Imagem 1: Grupo de Participantes da Formação de Educadores Populares nos Espaços Educativos com Jovens e Adultos – UFT ao final do curso.



Fonte: Acervo das autoras.

Após a elaboração da Carta, cada participante fez a leitura ao grupo e pendurou o documento no cordão utilizado como a **teia das relações** construída no primeiro dia de curso, formando um varal de Cartas Pedagógicas, o **Varal Pedagógico**.

Apesar da divulgação do curso à comunidade externa, a participação foi, sobretudo, de estudantes licenciandos e licenciandas dos cursos de Pedagogia e Educação do Campo, da UFT, campus de Tocantinópolis. O que num primeiro momento causou um princípio de frustração, logo, foi acolhido enquanto uma “resposta” motivadora para a continuidade de um projeto que assumisse as proposições de espaços formativos que tenham como compromisso a articulação entre a produção acadêmica com a produção social, entre Universidade e Comunidade. Contudo, na ocasião, o debate foi profícuo e a formação instigante, uma vez que a maioria dos e das estudantes eram extensionistas em projetos que se vinculam com as camadas populares, bem como atuantes em espaços constituídos por sujeitos jovens, adultos e idosos, além de originários e originárias do campo e uma participante indígena da etnia Apinajé.

Como resultados da formação, foi identificado que os participantes, na maioria, atuam em contextos educativos com jovens, adultos e idosos, além de crianças, que desempenham um papel educativo nos distintos espaços (como nos projetos de extensão, em escolas e na própria comunidade), principalmente por serem licenciandos. Todavia, não possuía um aprofundamento quanto à concepção de Educação Popular e das Pedagogias Libertadoras, o que instiga a prática em um sentido mais transformador e humanizador.

Os participantes da formação registraram a pertinência da formação na medida em que foram apresentados conceitos teóricos e elucidadas práticas, projetos e programas de Educação Popular que podem contribuir para a (re)elaboração de sua prática nos contextos de ação. Esse registro foi realizado tanto em algumas cartas pedagógicas produzidas, bem como nas respostas de questionamentos realizados pelas ministrantes ao início do curso e ao final.

Após essa experiência, em novembro de 2019, foi registrado o Grupo de Pesquisas e Estudos em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFT/CNPq). O GEPHEA atua no intercâmbio de saberes de diferentes áreas do conhecimento, com ênfase na compreensão dos aspectos

culturais pertencentes às camadas populares, povos tradicionais, populações historicamente marginalizadas e diversos grupos sociais. Esse diálogo é necessário para a produção e democratização do conhecimento, registrando a complexidade da vida em suas diversas dimensões a partir do registro e sistematização de diferentes suportes documentais.

Além disso, o Grupo desenvolve seus estudos em espaços marcados pelas desigualdades sociais, econômicas, políticas, ambientais, de gênero e diversidades culturais; desde o Norte do Tocantins estendendo suas investigações pela América Latina. O GEPHEA tem por objetivo: 1) desenvolver e disseminar produções nas áreas de História, Educação e Artes. 2) Contribuir para a o registro e salvaguarda da memória e patrimônio dos grupos historicamente marginalizados. 3) Desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão que transitem nas áreas de Educação, História e Artes. 4) Realizar ações de formação e capacitação de pesquisadores. 5) Promover o intercâmbio de saberes entre as diferentes áreas do conhecimento.

Com efeito, considera-se que os pesquisadores e as pesquisadoras que se constituem por meio da extensão, assumem um compromisso social em seu ofício na academia, na comunidade e onde quer que ocorra sua atuação futura. Fato que, no que se refere à pesquisa, não apenas instiga o protagonismo dos sujeitos socialmente marginalizados da legitimidade de produção do conhecimento, mas, sobretudo, reivindica uma produção de conhecimento em um sentido mais abrangente, que reconheça a multiplicidade e validade dos saberes tendo em vista o retorno social e a reconstrução da Universidade em um horizonte cada vez mais democrático.

Cumprir registrar que os projetos vinculados ao GEPHEA, tiveram origem nos planos de ensino de disciplinas dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Educação do Campo, da UFT, campus de Tocantinópolis, como: Estética e Poética Camponesa; Teatro Educação I e Teatro Educação II; Fundamentos e Metodologias do Ensino de História, Educação de Jovens e Adultos.

Nas disciplinas acima listadas, ministrados pelas professoras Cássia Miranda e Lisiane Claro, foram realizadas atividades de ensino tendo como base a pesquisa como princípio educativo e a proposta extensionista, ao propor a relação entre o que era estudado e a imersão de licenciandos e licenciandas junto à comunidade externa. Para tanto, se utilizaram de recursos e abordagens como: entrevistas e transcrições com comunidade geral; diálogo e imersão em espaços de formação de professores de EJA, educadores populares e sociais, e profissionais da Educação do Campo.

Diante disso, o projeto de extensão junto à pesquisa, dá continuidade ao que foi lançado no campo do ensino junto às disciplinas mencionadas, e indo além delas, pois possibilita pensar outras propostas de ensino com base na futura produção de materiais e instrumentos que o projeto **GEPHEA - Conexões de Saberes** busca desenvolver.

ALTERNATIVAS DO GEPHEA – CONEXÕES DE SABERES FRENTE AOS DESAFIOS DA PANDEMIA DE COVID-19

É possível fortalecer a perspectiva das pedagogias libertadoras no horizonte da transformação social, autonomia e libertação dos sujeitos, em meio à uma Pandemia? Com base na

proposta da Educação Popular, enquanto concepção educativa que considera a Utopia enquanto o inédito viável (FREIRE, 1987), sim.

Muito embora a COVID-19 possa atingir qualquer pessoa – independentemente de raça, etnia, credo ou condição social – são definitivamente as camadas populares que estão mais suscetíveis ao contágio com a doença. Além disso, é notável a velocidade com que cresce a desigualdade social, que inclui questões referentes à nacionalidade e etnia, supremacia branca, violência contra mulheres, pessoas *queer's* e trans vinculadas à exploração capitalista que encontra maneiras de se reproduzir e fortalecer seus poderes dentro de áreas pandêmicas (BUTLER, 2020).

Daves (2020), ao pontuar a situação que vem ocorrendo no contexto norte-americano, evidencia que o surto expôs de forma imediata a segregação de classes na saúde norte-americana, pois há os que conseguem trabalhar ou ensinar de casa, enquanto funcionários públicos terão que escolher a difícil situação sobre preservação de renda e proteção e a maioria da população, trabalhadores e trabalhadoras com baixos salários, trabalhadores do campo, trabalhadores informais e desempregados ficam expostos à Pandemia e a tantos outros problemas.

Por esse motivo, e compreendendo que o contexto norte-americano não se distancia da realidade atual da sociedade brasileira, a conexão dos diferentes saberes, de modo a corroborar a relevância das Pedagogias Libertadoras, se faz tão necessária. Porque a Educação Popular e as Pedagogias Libertadoras que com ela se originam e compartilham valores, metodologias e atitudes instigam à participação popular, à busca por articulação junto aos coletivos e à reivindicação por políticas públicas sejam na área da educação, da cultura ou da saúde. Porque são essas as pedagogias que carregam em si as sementes das possibilidades de transformação social e constituição de consciência crítica, de humanização e de protagonismo dos grupos historicamente oprimidos.

Assim, considerando a nova realidade e os desafios que dela emergem, o projeto **GEPHEA–Conexões de Saberes** reitera o principal objetivo que é o de conectar diferentes saberes, principalmente os conhecimentos das áreas de História, Educação e Artes, com os conhecimentos escolares e saberes populares. Visando a continuidade das atividades do Projeto, essas estão se desenvolvendo, na medida do possível, em regime remoto, diante da situação de isolamento social que está instalada. Em busca do diálogo entre conhecimentos de origem diversa, sabe-se que ao mesmo tempo em que a internet é uma possibilidade, o acesso as tecnologias também se impõe enquanto um limite que exige um olhar atento.

Entre as atividades desenvolvidas pelo Projeto, tendo em vista as Pedagogias Libertadoras, destacam-se:

a) realização de oficinas de teatro junto à comunidade geral e escolas envolvidas via plataformas digitais; b) Promoção de oficinas de jogos teatrais com as escolas municipais e estaduais da rede básica, priorizando estudantes e professores da modalidade da EJA, do Ensino Fundamental II e Ensino Médio – atividade que também vem sendo transposta por meio de vídeos a serem lançados na plataforma *Youtube*, para divulgação nos grupos das escolas públicas de Tocantinópolis; c) Desenvolvimento da formação de multiplicadores de oficinas teatrais, envolvendo os discentes interessados; d) Organização de ciclos de debates nos espaços de formação de professores das escolas públicas, que estão sendo organizados em um planejamento de atividade interativa; e) Organização de rodas de diálogo e oficinas pedagógicas em espaços

públicos com membros da comunidade tocanopolina; f) Construção de acervos virtuais da História e Memória Popular; g) Realização de exposições itinerantes nos diferentes espaços da cidade sobre a cultura popular.

Com o desenvolvimento das ações acima elencadas, visa-se contribuir para a formação de educadores e educadoras sociais populares nas diferentes comunidades que formam o município; para a aproximação dos diferentes saberes de forma a reconhecer e valorizar as especificidades culturais dos diversos grupos sociais, étnicos e comunidades tradicionais do município e região e para o fortalecimento da relação entre ensino e pesquisa por meio da extensão.

Com efeito, o trabalho proposto desenvolvido fortalece a perspectiva das pedagogias libertadoras no horizonte da transformação social, autonomia e libertação dos sujeitos envolvidos, inclusive dos estudantes que participam e constroem o projeto.

CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi exposto, compreende-se que a extensão pode ser um espaço formativo tanto para os e as extensionistas quanto para a comunidade que acolhe a demandas suas necessidades. Considera-se que a extensão e a formação (discente, docente, sobretudo humana) são elos que se fortalecem ao estarem abertos à articulação entre o ensino e a produção de conhecimento junto com a comunidade.

O curso **Formação de Educadores Populares nos Espaços Educativos com Jovens e Adultos** foi um importante ponto de partida na medida em que evidenciou a potencialidade do trabalho com as Pedagogias Libertadoras em sintonia com os conhecimentos advindos de outras áreas do saber, em especial da História e das Artes, incentivando a discussão e a proposição de ações que se constituam em espaços formativos das camadas populares; contribuindo para o desenvolvimento da educação básica, para o empoderamento das comunidades tradicionais e para o acesso e a permanência na Universidade Pública.

O projeto busca dar continuidade às atividades extensionistas e formativas em busca da consolidação e disseminação das Pedagogias Libertadoras, considerando-as enquanto viabilidade de uma prática educativa e humana transformadora da Universidade e da Sociedade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **O Capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>>. Acesso: 25 de mar 2020.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

DAVIS, Mike., et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. Chapecó, Livrologia, 2020.

UFT - Universidade Federal do Tocantins. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020**. Palmas: UFT, 2015. Disponível em: <<https://docs.uft.edu.br/share/s/ritK2fFFRCmYvx-sKn-WjKA>>. Acesso em 04 maio de 2020.

CINECLUBE DA UFT EM TOCANTINÓPOLIS

João Batista de Jesus Felix³⁴

INTRODUÇÃO

O Cineclube é uma atividade social que existe a mais de um século em nosso país, uma das principais características dele é fazer com que seu público faça reflexões após as exibições dos filmes³⁵.

No período em que o Brasil esteve sob o regime militar o movimento cineclubista, assim como várias outras atividades e organizações sociais, foi muito perseguido e reprimido pelo regime. Vários filmes foram proibidos de ser exibidos e alguns cineclubistas até foram presos.

Uma vez superado o período em que os militares governaram nosso país, o movimento cineclubista ganhou bastante força e retomou seu crescimento. Neste momento tivemos o surgimento de cineclube em sindicatos, nos movimentos sociais e nas universidades.

A principal ferramenta de trabalho de um cineclubista é o filme. É importante destacar que o principal responsável pela existência de cada filme são os seus diretores e seus roteiristas, não deixando de fora seus produtores.

O diretor do filme é quem escolhe a equipe técnica da filmagem, dirige os ensaios e as cenas gravadas. Nada do que é passado em um filme é ignorado pelo diretor, ele é o principal interlocutor do expectador.

O roteirista cinematográfico tem uma forte relação com o diretor, pois é ele quem elabora, constrói, a partir de um argumento passado pelo diretor, um texto constando os diálogos e as cenas que serão filmadas. Mas caberá ao diretor transformar em filme as propostas apresentadas pelo roteirista. Neste sentido, o poder de decisão do roteirista está circunscrita na elaboração, após esta fase podemos ter somente vestígios de sua proposta³⁶.

Já o produtor é quem patrocina, garante financeiramente, todas as atividades que resultaram no filme, é ele que capta recursos que garantam a realização das filmagens, sua distribuição e projeção. Quando o produtor assume a condição de dono da obra, ele pode impor ao diretor a sua visão, ou seja, a sua mensagem no filme. No mais das vezes, apesar de sua importância o produtor não interfere no roteiro do filme.

Enquanto a produção de um filme é bastante complexa, a organização de um cineclube é bem mais simples. Muitos cineclubes sequer têm diretoria constituída, a programação dos

34 Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado II na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Curso de Ciências Sociais.

35 Maiores informações em Giovanni Alves e Felipe Macedo, 2010

36 Maiores informações em Jean-Claude Bernardet e Francis Vogner dos Reis, 2018.

filmes a serem exibidos fica por conta de um grupo de pessoas mais ligadas organicamente ao cineclube. Ao público cabe assistir e discutir os filmes exibidos.

Um cineclube ligado a um sindicato, nem sempre a diretoria do sindicato estará interessada em seu cotidiano, logo toda sua rotina ficará por conta dos interessados, que podem ou não ser da categoria representada pelo sindicato. Já um cineclube ligado a um partido político, estará sendo sempre monitorado, quando não dirigido pelas lideranças partidárias.

Os cineclubes do movimento social tendem a ter um público mais interessado em sua programação, eles tendem a ser mais democráticos no momento da escolha dos filmes a serem exibidos e discutidos.

Já nas universidades temos cineclubes organizados pelos estudantes ou por suas organizações representativas, tais como Diretório Acadêmico Central (DCE) ou Centros Acadêmicos, mas podemos ter alguns administrados por direções institucionais, reitoria, direção de campus ou coordenação de curso.

CINECLUBE DA UFT EM TOCANTINÓPOLIS

O Cineclube da UFT em Tocantinópolis é uma ação extensionista, criada pela Portaria Nº 153, em 24/10/2006, pelo reitor da Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), Alan Barbieri, esta ação existe nos sete (7) campi da UFT. No primeiro ano de existência em Tocantinópolis o Cineclube exibiu somente dois filmes, no segundo semestre de 2008 aconteceu a mudança de coordenação e, conseqüentemente, de programação, por conta desta alteração somente no campus de Tocantinópolis ocorrem sessões em todos os sábados, exceto nos posteriores aos feriados e nos períodos de férias e de recessos acadêmicos. Após cada sessão ocorrem debates conduzidos pelo coordenador do projeto, ou por um docente, ou discente, ou mesmo por alguém da comunidade.

Destacamos o fato de que Tocantinópolis é uma cidade de 22.000 habitantes, sem cinema, sem teatro, sem livraria, sem banca de jornal e sem biblioteca pública. Nestas condições a atividade cineclubista contém um forte viés lúdico além de ser pedagógico.

Quando fomos convidados a assumir a coordenação do Cineclube da UFT, primeiramente decidimos acrescentar na nomenclatura a palavra Tocantinópolis, para dar mais definição à nossa proposta de trabalho, assim nosso projeto passou a se chamar Cineclube da UFT em Tocantinópolis.

A nossa segunda deliberação foi que todas as exibições realizadas pelo Cineclube da UFT em Tocantinópolis³⁷ estariam sempre ligadas a um tema, alguns fixos, outros alternados ano a ano. Nossa opção por temas aconteceu porque concordamos que o filme para o Cineclube é um instrumento para reflexão, diferentemente das salas de cinema comercial, assim como pelos canais abertos e fechados de nossa televisão e atualmente pela internet, que utilizam o filme quase que somente como uma forma de lazer, de descontração, mesmo quando a obra traz uma abordagem mais comprometida.

37 Depois desta citação, passaremos a citar somente a palavra Cineclube, quando tivermos nos referindo a nosso projeto de trabalho.

PROGRAMAÇÃO DO CINECLUBE DA UFT EM TOCANTINÓPOLIS

Em 2009 foi proposto, e aprovado pela coordenação do Cineclube, um Convênio entre o Cineclube da UFT em Tocantinópolis e o Núcleo de Estudos e Pesquisas a África e dos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Tocantins – NEAF/UFT, este último ficou responsável pelas exhibições e pelos debates no Cineclube nas seguintes ocasiões, na segunda quinzena do mês de março, devido ao “Dia Internacional Pela Eliminação da Discriminação Racial” (21/03), na segunda quinzena do mês de maio, por conta do “Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo” (13/05)³⁸ e todo o mês de Novembro, devido ao “Dia Nacional da Consciência Negra” (20/11).

Sabemos que o cinema norte-americano, devido ao seu poder econômico, predomina tanto nas salas de cinema comerciais, assim como nas emissoras de televisão abertas e fechadas, neste sentido, procuramos, ao máximo, manter uma programação que abrangesse mais que os filmes norte-americanos. Para tanto, procuramos sempre exhibir filmes de origens as mais diferentes possíveis, tais como: soviética; francesa; alemã; hindu; iraquiana; britânica; argentina; chilena; angolana e mexicana, numa tentativa de diversificarmos, ao máximo, a divulgação cinematográfica mundial. Ainda não exibimos filmes japoneses, chineses, nigerianos, ganeses, mas esperamos chegar lá.

Inicialmente a programação anual do Cineclube era feita unicamente pela coordenação. Esta forma de atuação está em discordância com uma proposta de Cineclube democrático, por este motivo a partir de 2012 as obras a serem exibidas passam a ser escolhidas em uma reunião aberta a todo(a)s interessado(a)s, realizada no mês de dezembro do ano anterior. Quem propõe um filme fica responsável por conseguir a cópia legal do mesmo e de coordenar os debates, que acontecem após cada sessão, ou escolher outra pessoa para desempenhar esta função.

Desde o ano de 2008 passamos a assumir os seguintes temas fixos: No mês de março, na sua primeira quinzena o tema é “Luta Internacional da Mulher”, por conta de que a data 8 de março é considerada o “Dia Internacional da Mulher”³⁹, já na segunda quinzena o tema é “Luta Internacional Pela Eliminação da Discriminação Racial”⁴⁰, porque a data 21 de março é considerada o “Dia Internacional Pela Eliminação da Discriminação Racial”, como afirmamos anteriormente toda programação, exibição e coordenação dos debates dos filmes da segunda quinzena ficou por conta do Convênio entre o Cineclube da UFT em Tocantinópolis e o Núcleo de Estudos e Pesquisas a África e dos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Tocantins – NEAF/UFT. No mês de abril os temas são “Luta Internacional dos Indígenas”, levando em consideração que a data 19 de abril é o “Dia do Índio” e o “Cinema e Literatura”, por conta de que a data 23 de abril é considerada o “Dia Mundial do Livro”. No mês de maio na primeira quinzena o tema é “Luta Internacional dos Trabalhadores”, por conta data 1º de maio ser considerada o “Dia Internacional do Trabalhador” e na segunda quinzena o tema é “Negro no Cinema Brasileiro”⁴¹, devido à data 13 de maio ser considerado “Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo”; aqui também toda a programação, exibição e coordenação dos debates dos filmes

38 Esta opção segue a proposta defendida pelo Movimento Negro brasileiro, que entende que a Abolição da Escravidão não serve como referência para a conscientização da existência da discriminação, do preconceito e do racismo em nossa sociedade atual. Para maiores informações Moura, 1977 e Felix, 2000.

39 Maiores informações em Ana Isabel Alvarez Gonzales, 2010.

40 Maiores informações em Carlos Cominiti, 1980.

41 Maiores informações em Movimento Negro Unificado, 1988 e Clóvis Moura 1994.

ficou por conta do Convênio entre o Cineclube da UFT em Tocantinópolis e o Núcleo de Estudos e Pesquisas a África e dos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Tocantins – NEAF/UFT. Ficou acordado com o NEAF que em maio devem sempre ser priorizados filmes nacionais em que tenha um(a) protagonista negro(a). No mês de setembro, ao invés de escolhermos um tema deixamos todo ele reservado para exibição somente de filme brasileiro, esta nossa opção foi baseada na data 7 de setembro, quando aconteceu a Independência do país. Nossa posição não está baseada no nacionalismo simplesmente, mas foi uma forma de garantirmos um espaço para nossa produção cinematográfica, que é grande, mas muito desprestigiado pelas salas de cinema comercial nacionais, assim como pelas emissoras abertas e fechadas de nossa televisão e no mês de novembro o tema é “Consciência Negra”, por conta de que a data 20 de novembro é considerada “Dia Nacional da Consciência Negra”⁴². Aqui também toda a programação, exibição de coordenação dos debates dos filmes ficou por conta do Convênio entre o Cineclube da UFT em Tocantinópolis e o NEAF/UFT, aqui também ficou acordado com o NEAF/UFT que deve ser priorizado a exibição de filmes nacionais em que o tema principal seja a luta contra a discriminação, o preconceito e o racismo contra o negro.

Além dos temas fixos⁴³, nestes doze (12) anos de projetos tivemos alguns temas sazonais, que foram os seguintes: em 2009 no mês de junho o tema foi “O Homem e suas Tecnologias”, por conta dos 60 anos da corrida espacial; no mês de agosto o tema foi “Nazismo”, por conta do holocausto praticado pelo regime nazista contra os judeus, os ciganos e os comunistas europeus, com destaque aos primeiros; no mês de outubro o tema foi a “Revolução Russa”.

Em 2011 no mês de agosto tivemos a “Mostra Nayane Januário Costa”, foi o único momento que uma discente ficou responsável por toda a programação de um mês, este fato aconteceu porque ela apresentou para a coordenação um rol de filmes que gostaria de ver o Cineclube exibir⁴⁴. No mês de outubro o tema foi “20 (40) Anos de Pedagogia no Campus de Tocantinópolis”. Em 2013 no mês de junho o tema foi “Filmes Literários”; no mês de julho o tema foi “Combate à Homofobia” e no mês de agosto o tema foi “Ideologia”.

Já em 2014 tivemos uma “Mostra de Filmes Referentes ao Regime Militar”, para marcarmos os 50 anos do Golpe Militar no Brasil, as exibições ocorreram às sextas-feiras dos meses de janeiro fevereiro e março. Vale destacar que com todas as sessões lotadas; no mês de janeiro o tema foi “Cinema e História”; no mês de fevereiro a programação foi em “Homenagem à Nelson Mandela”, que havia falecido em 5 de dezembro de 2013, aqui também tivemos todas as sessões lotadas; no mês de junho o tema foi novamente “Filmes Literários” e no mês de agosto o tema foi “Ideologia”. No ano de 2015 o único tema avulso foi “Carnaval”, no mês de fevereiro. Em 2016 no mês de junho o tema foi “Meio Ambiente”, proposto e organizado pelo Grupo de Estudos e Educação Ambiental e Sustentabilidade (GEAS); no mês de agosto o tema foi “Direito do Consumidor” e no mês de outubro o tema foi “Educação”. Em 2017 no mês de fevereiro novamente o tema foi “Carnaval”; no mês de junho o tema foi “Ética no Cinema”; no mês de julho o tema foi “Folclore”; no mês de agosto o tema foi “Educação”; no mês de outubro o tema foi “Centenário da Revolução Russa” e no mês de dezembro fechamos o ano com o tema “Inclusão”.

No ano de 2018 novamente em fevereiro o tema foi “Carnaval”; no mês de junho o tema foi “Cinema e Biografias” e no mês de agosto o tema foi “Advogados”.

42 Maiores informações em MNU, 1988 e Moura, 1944.

43 Não vamos apresentar os títulos dos filmes, para não alongarmos mais este artigo.

44 Costa foi discente do curso de Ciências Sociais, ela se graduou no de 2020.

Finalmente em 2019 no mês de junho o tema novamente foi “Cinema e Biografias” e no mês de outubro o tema foi novamente “Educação”, tudo indica que outubro, por conta da data 15 de outubro, que é considerada “Dia do Professor”, esse tema tende a se fixar nele, o estranho foi isso não ter acontecido ao longo destes 12 anos, mesmo frente ao fato de que todos os cursos existentes no campus sejam de Licenciatura.

DESDOBRAMENTOS DO PROJETO CINECLUBE

Gostaríamos de destacar uma exibição bastante peculiar, que ocorreu no dia 8 de março de 2014, com o filme “Cleópatra”, direção de Joseph L. Mankiewicz, de 1963, com duração de 320 minutos. Esta sessão teve seu início às 16 horas e seu término aconteceu às 20 horas, contou com a participação de 23 presentes e teve debate após sua exibição. Nesta ocasião ficou patente que o Cineclube está consolidado em nosso campus.

Tivemos vários desdobramentos deste projeto de extensão, como exemplos, podemos apresentar os seguintes casos: Nos anos de 2011 e 2012 enviamos alunos frequentadores assíduos do Cineclube para um Encontro sobre Cinema, que ocorreu na cidade de Floriano (PI). Como desdobramento desta participação estes alunos produziram um filme sobre o bairro Alto Bonito, que é o bairro mais antigo de nossa cidade. Nosso Cineclube participou de cinco “Mostras Internacional de Animação”, nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015 e de uma “Mostra de Vídeo Índio Brasil”, em 2010.

Algumas marcas alcançadas pelo Cineclube fora a centésima exibição, que aconteceu no dia 20 de abril de 2012, com o filme “Cortina de Fumaça”, com os debates coordenados pelo discente Jocelyn Antônio da Costa Júnior, do curso de Ciências Sociais. A ducentésima exibição ocorreu no dia 23 de janeiro de 2016, com o filme “A Cor Púrpura do Cairo”, com os debates coordenados pela discente Damiana Miranda Lima, do curso de Pedagogia e membro do NEAF/UFT. Já a tricentésima exibição aconteceu no dia 13 de abril de 2019, com o filme “A Nação Que Espero Por Deus”, com os debates coordenados pela Mestre em História Maria Leal Pinto, membro do NEAF/UFT.

Desde 2009 os cursos de Ciências Sociais e de Pedagogia aceitam as horas de frequência ao Cineclube como Atividades Complementares dos seus discentes. Atualmente temos também em nosso campus os cursos de Educação do Campo e de Educação Física, que ainda não assumiram esta mesma postura. O coordenador do Cineclube da UFT em Tocantinópolis transformou esta atividade em uma de suas áreas de pesquisa, esta posição resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Ciências Sociais, cujo título é “Cineclube da UFT em Tocantinópolis: levantamento, análise e organização da história e principais propriedades do Cineclube”, defendido pelo discente Klisma Sousa Martins, em novembro de 2014.

Em 2018 conseguimos lançar o livro “Relatos das Atividades dos 100 Primeiros Filmes Exibidos no Cineclube da UFT em Tocantinópolis”, com apresentação de Diogo Gomes dos Santos⁴⁵.

45 Cuja formação é cineclubista, cineasta e historiador. Ele foi presidente da Federação Paulista de Cineclubes, em 1982 - 1983 e do Conselho Nacional de Cineclubes, de 1984 a 1986. Foi membro fundador do Cineclube do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e um dos fundadores do Cineclube Bixiga, fundador e editor do jornal “ImageMovimento”, da revista “Cineclube Brasil” e membro da Comissão Nacional de Rearticulação do Movimento Cineclubista Brasileiro, de 2003 a 2004.

O lançamento do livro aconteceu no dia 04 de maio de 2019, com uma palestra sobre Cineclubismo, ministrado por Diogo Gomes dos Santos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2010 o Cineclube da UFT em Tocantinópolis passou a contar com a colaboração de bolsistas da Bolsa Permanência, inicialmente tivemos dois, que tinham como principais tarefas divulgar as atividades do Cineclube, tanto no campus como externamente. Eles também assumiram a coordenação de alguns debates. Após esta primeira experiência passou-se a contar com outros bolsistas, sendo que em 2011 o Cineclube passou a contar com a bolsa PIBEX, a partir deste momento passamos a exigir que além de ficarem responsáveis pela divulgação das atividades e de participarem ativamente dos debates, cada uma delas deveria produzir, por semana, um texto sobre a obra assistida e debatida. Por conta da restrição orçamentária, em 2015 e 2016 não contamos com nenhum bolsista no Cineclube.

Todo(a)s frequentadores de pelo menos 25% dos filmes exibidos recebem um Certificado, em que consta os filmes assistidos e as datas, o mesmo acontece com os debatedores dos filmes.

Devemos destacar que um grande impacto deste projeto em nossos discentes é que muito(a)s dele(a)s, com suas participações nos debates passam a ter um grande desenvolvimento em seus cursos. Alguns docentes aproveitam a atividade do Cineclube em suas disciplinas, pois muitos filmes têm enredos que colaboram bastante para suas atividades pedagógicas. Já tivemos discentes do ensino médio comparecendo ao Cineclube, no intuito de melhorar seu desempenho escolar, o que é mais uma demonstração da importância pedagógica desta atividade de extensão.

REFERÊNCIAS

VALVES, Giovanni e MACEDO, Felipe. **Cineclube, Cinema & Educação**. Londrina, Praxis; Bauru, Canal 6, 2010.

BERNARDET, Jean-Claude e REIS, Francis Vogner dos. **O Autor no Cinema: Política Dos Autores: França, Brasil – Anos 1950 e 1960**. Edições Sesc São Paulo, 2018.

COMITINI, Carlos. **ÁFRICA ARDE: lutas dos povos africanos pela liberdade**. Rio de Janeiro, Codecri, 1980.

FELIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbábue e a construção da identidade nos bailes Black paulistanos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

GONZALES, Ana Isabel Alvarez. **As Origens da Comemoração do Dia Internacional das Mulheres**. São Paulo, Expressão Popular, 2010.

MOURA, Clóvis. **O Negro de escravo a mau cidadão**. São Paulo, Editora Conquista, 1977.

_____. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo, Editora Anita, 1994.

LUTA PELA TERRA E TERRITÓRIO: SABERES E FAZERES DA RESISTÊNCIA DAS/DOS ACAMPADAS/OS DO MST-TO

Rejane Cleide Medeiros de Almeida⁴⁶, Joice Santos da Silva⁴⁷ e Michel Kleiton Saraiva Melonio⁴⁸

INTRODUÇÃO

As resistências dos/das camponeses/as Sem Terra constituem-se em tema central dessas reflexões. São trajetórias de saberes e fazeres de acampados/as do acampamento Padre Josimo gerados na luta pela terra, cuja matriz produz territorialidades, enquanto elementos constitutivos dos territórios. Os mesmos serão produzidos a partir dos novos processos da luta. Significa, na prática, a produção de saberes baseados em definições do coletivo de como serão organizados os espaços do acampamento. Que vai desde as construções dos barracos, produção da roça coletiva à construção da plenária para os debates sobre diversos assuntos: as ações de continuidade na luta pelo direito a terra, assim como ações que possibilitem visibilidade a organização coletiva dos Sem Terra, envolvendo tanto o Estado quanto a Sociedade.

Enquanto resistências camponesas consideram-se as noções definidas por James Scott (2000), no qual apresenta as formas de resistências camponesas a partir de dois planos que se articulam: de um lado, o plano envolvendo instituições e organizações sociais, como no caso do MST mediadas pelos diálogos com partidos políticos, outras organizações sociais e governo. Do outro lado, o plano de resistências cotidianas, que se constituem em uma diversidade de estratégias, com elaborações de ações, que operam em muitos momentos, na invisibilidade da cena política e comunicacional. Mas, que denotam um sentido de resistência cotidiana. As resistências não formais possibilitam por meio de ações cotidianas, elaborar práticas pedagógicas que são importantes para construção de uma gramática social.

O projeto de extensão⁴⁹ abordou questões referentes às resistências de camponeses/as que lutam por terra e território. Para estas reflexões, adotou-se um recorte socioespacial e de sujeitos coletivos que se organizam em movimento social camponês. Trata-se do Movimento Sem Terra do Tocantins (MST), em especial dos acampados/as do acampamento⁵⁰ Padre Josimo. Como

46 Doutora em Sociologia. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: rejmedeiros@uft.edu.br

47 Estudante do curso de Educação do Campo. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: joice.silva1@mail.uft.edu.br.

48 Estudante do curso de Educação do Campo. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: michel.melonio@mail.uft.edu.br.

49 O projeto de extensão foi cadastrado no SIGPROJ no edital do fluxo contínuo em 2019, cujo título versa sobre: “Cartografia social das práticas de saberes e fazeres, identidades e mobilizações das Comunidades tradicionais e movimentos sociais do campo no Tocantins”. O projeto nasce da demanda dos acampados/as do acampamento Padre Josimo que acompanhamos desde 2013.

50 A área do assentamento PA Cupim foi dividida de forma irregular na década de 1990, quando os camponeses foram assentados. A outra área do PA foi vendida para fazendeiros de forma irregular. Só em 2016 o MST

fazer e saberes destacam-se a luta pela terra e território, construção e afirmação da identidade Sem Terra⁵¹. As ações e formas de ocupações de terra compõem o enredo da história da luta camponesa no Brasil. São muitas as trajetórias familiares, políticas e culturais que levam os/as camponeses/as às ocupações de terra e, posteriormente, à formação de acampamentos do MST no Tocantins. As estratégias e ações são componentes que os movimentos desenvolvem enquanto um conjunto de práticas sociais e culturais. São sujeitos em movimento, em ação coletiva, que se mostram como atores em público, com maior ou menor destaque.

Como objetivo geral buscou cartografar práticas de saberes e fazeres de identidades e mobilizações dos movimentos sociais do campo. Como ações buscaram-se: 1. Identificar os agentes dos saberes nos movimentos sociais, 2. Organizar atividades pedagógicas formativas sobre trajetórias e memórias de camponeses/as e movimentos sociais, seus saberes e fazeres; 3. Construir mapa com as práticas de saberes e fazeres camponeses. Ressalta-se que neste texto apresenta-se um recorte da pesquisa como já mencionado anteriormente, sobre o Movimento Sem Terra.

O resultado da pesquisa indicou que transformar o mapa social em um instrumento de luta política se constitui em oportunidade para uma sistematização de conhecimento local sobre o território habitado, como também, para a denúncia dos conflitos e injustiças sofridas, em especial para demarcar politicamente os fazeres e saberes dos camponeses na luta pela terra no Tocantins. Indicou também, que os/as camponeses/as do acampamento possuem trajetórias de vida demarcadas pela expulsão dos seus territórios, conflitos e violências, mas também de muitas resistências. Seus saberes são frutos de territorialidades desde a produção nas roças, produzindo farinha, azeite, óleo, arroz, feijão, abóboras, melancias, criação de pequenos animais e na construção de uma casa de farinha na qual distribuem para a região. Isso indica produção de vida no território.

PERCURSO METODOLÓGICO

Ao fazer opção pela pesquisa-ação entende-se, como forma de expressão de escuta e que se insere no movimento da prática social. Para Thiollent (1999), uma das principais características deste tipo de pesquisa, consiste em sua dimensão social, com resoluções de problemas coletivos, no qual estabelece uma rede de comunicação desde a base de informações até a divulgação dos resultados. Nesse aspecto é que: “A pesquisa-ação pode ser concebida como procedimento de natureza exploratória, com objetivos a serem determinados pelos pesquisadores conjuntamente com os interessados” (THIOLLENT, 1999, p 99). Transformar a elaboração do mapa social em um processo participativo na pesquisa-ação se constitui em oportunidade para uma sistematização de conhecimento local sobre o território habitado, como também, para as denúncias dos conflitos e injustiças sofridas, em especial para demarcar politicamente os fazeres e saberes dos/as camponeses/as na luta pela terra e território.

em pesquisa junto ao INCRA descobre que a área dos fazendeiros era do PA Cupim, que ilegalmente estava ocupada por grileiros. Por isso a grande tensão na área. O que levou a um processo na justiça para desocupação, solicitada pelos fazendeiros. E por essa razão os acampados decidiram fazer seu acampamento na área em que foi grilada, saindo da beira da estrada.

51 O Sem Terra “[...] pode ser entendido também como um novo sujeito sociocultural, ou seja, uma coletividade cuja, ações cotidianas, ligadas a luta social concreta, estão produzindo elementos do tipo de cultura que não corresponde aos padrões sociais e culturais hegemônicos (CALDART, 2004, p.34).

A metodologia foi realizada por meio do desenho do mapa situacional do acampamento que contou com os desenhos dos acampados/as no qual foram registrados os processos de despejos que sofreram e, sobretudo pelas ameaças realizadas pelos fazendeiros, como a queima dos seus barracos. A oficina para realização do mapa social foi desenvolvida com objetivo de mapear os conflitos sofridos pelos mesmos/as e seus processos de resistências. Foram realizadas seis (06) entrevistas com os/as participantes das oficinas (os/as que estão na luta desde o começo do acampamento) e anotações de campo durante o processo do projeto de extensão que contou com a participação de uma/um aluna/o do curso de Educação do campo. Sendo que os/as mesmos/as são acampados/as do acampamento Padre Josimo.

A seguir serão apresentados os elementos que caracterizam os fazeres e saberes produzidos nas trajetórias das resistências camponesas e como essas produções se tornam práticas de experiências e vivências que elaboram práticas pedagógicas.

TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NÃO ESCOLARES DA LUTA PELA TERRA E TERRITÓRIO-MST

As ações e formas de ocupações de terra compõem o enredo da história da luta camponesa no Brasil. São muitas as trajetórias familiares, políticas e culturais que levam os/as camponeses/as às ocupações de terra e, posteriormente, à formação de acampamentos do MST no Tocantins. Essas são estratégias que os movimentos desenvolvem enquanto um conjunto de práticas sociais, políticas e culturais. São sujeitos em movimento, em ação coletiva, que se mostram como atores em público, com maior ou menor destaque.

Nessa perspectiva, Boaventura de Sousa Santos (2011) na obra *Epistemologias do Sul* define saberes como sendo um conjunto de práticas que possibilitam acionar novas formas de convivência entre os saberes, que vai desde o saber científico aos saberes populares, intercambiando-se em diálogos. Nessa mesma perspectiva, Catherine Walsh (2017, p.29) corrobora com o debate, destacando que as formas de saberes se constroem a partir das lutas sociais:

Las luchas sociales también son escenarios pedagógicos donde los participantes ejercen sus pedagogías de aprendizaje, desaprendizaje, reaprendizaje, reflexión y acción. Es sólo reconocer que las acciones dirigidas a cambiar el orden del poder colonial parten con frecuencia de la identificación y reconocimiento de un problema, anuncian la disconformidad con y la oposición a la condición de dominación y opresión, organizándose para intervenir; el propósito: derribar la situación actual y hacer posible otra cosa.

A autora destaca que as pedagogias no sentido da luta social e política são práticas, estratégias e metodologias que se constroem nas resistências e nas insurgências. Nessa perspectiva destaca-se que é possível como salienta a autora, outras formas de re-existência e re-humanização. São pedagogias que vislumbram possibilidades de “[...] estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogías enrumbadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento decolonial” (WALSH, 2017, p.28). A autora adverte que, a pedagogia que trata nas suas reflexões não está no campo do ensino, nem ligado ao campo dos espaços escolares, nesse sentido apresenta-se a sua definição de pedagogia:

la pedagogía y lo pedagógico aquí no están pensados en el sentido instrumentalista de la enseñanza y transmisión del saber, tampoco están limitadas al campo de la educación o los espacios escolarizados. Más bien, y como dijo una vez Paulo Freire, la pedagogía se entiende como metodología imprescindible dentro de y para las luchas sociales, políticas, ontológicas y epistémicas de liberación (WALSH, 2017, p.29).

São, todavia formas de construir novos saberes a partir de experiências desenvolvidas na luta social e, também nas experiências cotidianas como destaca Scott (2000), se referindo as práticas de resistências não formais. Como por exemplo, a produção de arroz dos/das acampados/as. Oprimidos por muitas décadas pelos fazendeiros na região do Bico do Papagaio no qual tinham que plantar capim para o gado em troca de plantar seu arroz. No território desde 2016, os/as camponeses/as produzem seu próprio arroz, que além de alimentar as famílias do acampamento alimentam à cidade com a venda dos seus produtos na feira na cidade de Carrasco Bonito.

Para uma acampada a melhor coisa é ter a terra para plantar e produzir seus próprios alimentos: **“Aqui nós pranta e colhe para comer e vender na feira em Carrasco. Na rua nós não pode prantar”** (Acampada, 56 anos, 2019).

A produção de alimentos se constitui em um dos pilares do programa do MST, cujo fundamento é a reforma agrária popular, que apresenta como centralidade, os usos e controle da terra, a relação com os recursos naturais, a organização da produção e as relações sociais. Já o desenvolvimento da produção agrícola deve ser diversificado, com usos de técnicas de produções agroecológicas combatendo os usos dos agrotóxicos. Em relação às sementes, estas são patrimônio da humanidade e, não podem ser propriedade privada ou de controle econômico. Em síntese, a plataforma política do MST defende mudanças nas formas de usar os bens da natureza, que pertencem a toda sociedade, na organização da produção e nas relações sociais no campo (MST, 2013).

Neste sentido é que os/as acampadas produzem seu próprio alimento. Observa-se abaixo a produção de arroz produzido pelos/as moradores/as do acampamento.

Figura 1 e 2: Colheita de arroz no acampamento Padre Josimo



Fonte: (acervo pessoal da autora)

Para um/uma acampado/a o processo da colheita do arroz ocorre a partir de saberes que aprenderam com seus pais e avós e hoje produzem para seu sustento no acampamento. Definem seus saberes em relação à produção do arroz como sendo de valor para sua vida:

Cortando pelo cacho com a faquinha entrançada (instrumento produzido de forma artesanal pelos camponeses) depois tem que bater o arroz, tem um período, tem que levar no sol, colhendo ele agora quando ser no mês de julho, agosto não precisa levar no sol, só pegar e levar para beneficiar. Eu plantei quatro linha (60m²) de arroz, mas como o inverno deu bagunçado, acho que vai dá em torno de duas linha e meia, eu tô querendo que de uns vinte a vinte e cinco volume, é isso que eu tô esperando isso. Eu aprendi a plantar com meu avô, comecei a ir pra roça com 12 anos, comecei devagarzinho, plantava mandioca, arroz, feijão, milho e fava (acampado, 2020, 48 anos).

Eu faço da seguinte maneira: a gente faz um quixo (mesa) de vara, ai bota ele nas furquia (pedaço de madeira com um gancho na ponta), bate o arroz, leva ao sol, ai depois tira aquelas palha, só colocar no saco. Aprendi com meu pai, eu pequena, ele já mexia com roça e sempre nós ia mais ele, ai nós aprendemos um pouco (acampada, 48 anos, 2020).

O processo de colheita de arroz representa a cultura camponesa. O que se observou nas atividades durante o período do projeto de extensão no cotidiano dos/das acampados/as é que toda família se envolve na colheita do arroz, são saberes produzidos ancestralmente. São Formas de práticas de modo de fazer agricultura, implica em um contraponto à agricultura capitalista e se constituem nas resistências e nas lutas de enfrentamento direto ao capital, pois produzem alimentos.

A agricultura se fez sempre presente no Brasil, sob uma forma social própria, naquilo que Nierderle e Wesz Junior (2018) atribuem como sendo de ordem doméstica, uma forma social de organização, que ocorre pela combinação de uma diversidade cultural, sendo cultivos agrícolas nas roças, hortas, criação de animais domésticos, utilizando extrativismo, como pesca e caça, no caso do acampados/as quebram coco babaçu para fazer carvão, azeite e sabão. Como bem destaca o acampado:

O arroz e o milho, esse é pro consumo. Consumimos desde galinha, leitão que a gente cria e o feijão (acampado, 48 anos, 2020).

Observou-se que a maior parte dos alimentos é obtida para o autoconsumo. Muitas vezes são também destinados às relações de trocas, por outros bens, como estratégia central para garantir a reprodução social.

As figuras abaixo são atividades desenvolvidas em ações no acampamento, fruto de saberes e fazeres na luta pela terra. Festa da farinhada para festejar e comemorar a boa produção da farinha. Como a quantidade da produção é grande, os/as acampados/as decidiram construir uma casa de farinha. Isso só foi possível porque os/as camponeses/as carregam os saberes de outros territórios e as suas territorialidades seguem com eles/elas nos seus deslocamentos constantes, pois são Sem Terra e estão na luta constante.

Na (figura 3) a acampada está na cozinha produzindo alimentação para o almoço do dia da farinhada, a mesma está manejando dois produtos: o arroz e a farinha, ambos produzidos no acampamento. Os fogões são feitos de barro e o uso da lenha são características do modo de vida dos/as camponesas/as, representa a cultura material no território.

Figura 3 e 4: Cozinha e casa de farinha do acampamento



Fonte: Grupo de pesquisa Nova Cartografia Social (GEPANCS), 2019.

Para uma entrevistada a produção é uma das principais formas de resistências no acampamento. Pois produzem para alimentar suas famílias e levam para vender na feira. Assim a cidade fica sabendo o que eles estão fazendo na terra. Porque muitas vezes os criticam como invasores de terra. Nesse sentido, destaca a acampada:

A feira foi uma novidade dentro da cidade e dos nossos produtos, principalmente por não ter uso de agrotóxico e assim a gente produz pra o sustento, mais o que é nossa intenção, é mostrar né o que nos produz porque a gente sabe que nós Sem Terra passa por dificuldade, tanto do pessoal falar né que a gente nem trabalha, que a gente tá pra invadir terras alheias e, com isso então, a gente quer mostrar pro povo que a gente tá produzindo e isso é que faz a gente cada dia mais ter mais vontade de trabalhar e de mostrar nosso sustento, como pra mostrar nossa produção, a gente leva de tudo um pouco, pra tá mostrando pro povo que a gente tá ali trabalhando né? Tem uns que ficam por longe só observando, mais tem aqueles que realmente vem comprar porque falta na cidade produtos. É uma forma da gente trabalhar, totalmente diferente, inda

tem aquelas pessoas que acredita que o uso de agrotóxico não é bom, não faz bem né, a nossa divulgação dos produtos saudável sem o uso do agrotóxico faz com que chame o povo né pra comprar (acampada, 35 anos, 2019).

Na fala da interlocutora destaca-se a defesa e ação desenvolvida, a partir do programa do MST. Assim enquanto proposta de um programa de reforma agrária popular do movimento Sem Terra, observa-se a defesa da construção de um novo modelo de agricultura, voltado para a alimentação saudável do povo brasileiro. Busca garantir através da produção dos acampamentos e assentamentos o princípio da soberania alimentar, livre de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Outro elemento importante do programa é a organização da produção e comercialização com base em mutirões, como foi o caso do acampamento Padre Josimo.

Para demonstrar sua produção os/as acampados/as realizaram um mapa social. A seguir destaca-se a proposta da nova cartografia social como ferramenta importante na luta política dos acampados/as.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL⁵²: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA REALIDADE DOS/DAS ACAMPADOS/AS DO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO

A cartografia se mostra como elemento de combate e sua produção é uma possibilidade para a autoafirmação social. Não se restringe a uma representação espacial da comunidade em forma de imagem. Constitui-se em uma descrição discursiva dos símbolos, das relações sociais, da ocupação do território, dos conflitos, das lutas e suas perspectivas (ALMEIDA; SOUSA, 2017). Trata-se de um documento descritivo da comunidade por meio de discursos, imagens fotográficas, mapa de autorrepresentação e histórias de vida.

A visão das comunidades sobre seu território demarca o conhecimento geográfico e histórico do lugar onde vivem e o sentido relacional que estabelece com os elementos materiais e imateriais do território. Nesse sentido é que o aporte metodológico utilizado para organização dos mapas atribui um sentido maior aos conflitos sofridos pelos/as camponeses/as em seus territórios, dando visibilidade aos/as mesmos/as. Visto que, muitas vezes vivem silenciadas pela hegemonia do discurso dos atores privados e do discurso desenvolvimentista do Estado, no qual esses atores, tanto institucionais, como privados, silenciam e subalternizam as experiências coletivas das populações e comunidades que vivem nos territórios ameaçados pelo latifúndio.

Como instrumento metodológico, de descrição etnográfica, a nova descrição proposta pela nova cartografia social, parte do conhecimento dos próprios agentes sociais, da percepção que tem de si e dos outros, como se inventam enquanto coletividade, enquanto grupo. Os croquis elaborados pelos agentes sociais⁵³ são incorporados no laboratório de mapas e indicam uma série

52 Como mapeamento utilizou-se a experiência do Projeto Nova Cartografia Social (PNCSA) que ocorre desde os anos de 2005 e tem como objetivo dar ensejo à auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais, comunidades do campo, das águas e das florestas. www.pncsa.org.br Acesso em: 10/04/2020.

53 Como agentes sociais, entende-se a partir do que caracteriza Bourdieu (1990), na sua defesa pelos agentes sociais e não por sujeitos. Assim, define: A ação não é a simples execução de uma regra, a obediência de uma regra. Os agentes sociais, tantos nas sociedades arcaicas como nas nossas não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos [...] eles investem os princípios incorporados de um *habitus* gerador (BOURDIEU, 1990, p. 21).

de situações e práticas tradicionais revestidas de experiências vivenciadas pelos agentes sociais que registram suas lembranças.

Figura 5- Oficina de mapa MST, Acampamento Padre Josimo



Fonte: (acervo pessoal da autora)

A oficina para produção do mapa da realidade ocorreu no dia 11 de agosto de 2019 no acampamento Padre Josimo (Carrasco Bonito), no qual foi realizado pela coordenação do acampamento, um espaço de debate para que os/as acampados/as pudessem decidir o que iriam desenhar e quais os elementos mais importantes a ser registrados no papel. Decidiu-se, então, que registrariam as várias ocupações pelas quais passaram, contando com os despejos judiciais sofridos e novas reintegrações de posse, a queima dos barracos, as diversas inundações sofridas em tempos de chuva. A área é de alagamento, em especial quando a Usina de Hidrelétrica, no Maranhão abre as portas e a água sobe, inundando a área do acampamento. Fizeram os desenhos das roças, casa de farinha e, dos barracos, apontando preocupação com a falta de segurança no local, devido as constantes ameaças dos pistoleiros na área. Demarcaram também grande preocupação com a falta de um transporte escolar para as crianças e jovens do acampamento e o desejo de ter uma escola dentro do assentamento Cupim, onde está localizado o acampamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício da cartografia social superou a simples realização do mapeamento coletivo, como prática de apropriação de técnica de mapa, uma vez que partiu das experiências e representações prévias, da memória dos camponeses/as que vivem no território. A oficina realizada no acampamento teve como elemento central as histórias de luta pela terra que se entrelaça com as histórias de vida dos homens e mulheres do acampamento Padre Josimo.

Os resultados do projeto de extensão apontaram que os territórios estão em conflitos com latifundiários que grilaram terras públicas e, que contaram com a colaboração do Estado para documentar tais terras, como por exemplo, titular terra através do programa terra legal.

Sobre o exercício de metodologias e técnicas de investigações participativas é indispensável reinterpretar as práticas que possibilitem a prática de processos adequados dos desafios históricos particulares, a mudanças geográficas concretas e, sobretudo aos processos de organização social das comunidades.

A realização do mapa apresentou elementos materiais e imateriais contidos nos territórios e, sobretudo as relações de poder presentes neles. A pesquisa revelou que o avanço do agronegócio sobre as comunidades provoca disputas internas, enfraquece a luta, isso ocorre pela violência que os povos são submetidos, inclusive a cooptação por parte dos fazendeiros.

Finalmente, transformar o mapa em um processo participativo de cartografia social se constitui em oportunidade para uma sistematização de conhecimento local sobre o território habitado, como também, para a denúncia dos conflitos e injustiças sofridas em especial para demarcar politicamente os fazeres e saberes dos/as camponeses/as na luta pela terra no Tocantins.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Rejane. Cleide. Medeiros de. **Práxis política do movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST/TO): trajetória de organização e formação política.** 2017. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de; SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. **A nova cartografia social como instrumento de resistência: reflexões sobre a história de vida dos camponeses e camponesas na luta pela terra – MST/Goiás,** 2017. www.seer.ufu.br/index.php/campo-territorio. Acesso em 20/11/2018.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento Sem Terra.** São Paulo: Expressão Popular, 2004

MST. Sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST: Debate do VI Congresso Nacional do MST. Secretaria Nacional, São Paulo., 2013.

NIERDERLE, Paulo Andre; JUNIOR, Valdemar João Wesz. **As novas ordens alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. 2018. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/apresentacao/>. Acesso em: 10/04/2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Meneses, Maria Paula. **Epistemologia do Sul**. Coimbra: Almedina, 2011.

SCOTT, James C. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México: Era, 2000.

SCOTT, James C. formas cotidianas da resistência camponesa. Tradução: Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. Revista Raízes. v. 21, nº 01, jan.–jun./2002.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa –ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

WALSH, Catherine. Pedagogias decolonias: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y reviver. Tomo I. **Série pensamento decolonial**. Quito, Equador, 2017.

OS JOGOS E BRINCADEIRAS COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA INFÂNCIA

Mayrhone José Abrantes Farias⁵⁴, Rubens Vinicius Letieri⁵⁵, Pedro Alves da Costa Júnior⁵⁶ e Cristiane Rodrigues dos Santos⁵⁷

INTRODUÇÃO

O universo infantil é projetado e construído a partir de múltiplas experiências que têm como principal cerne o movimento. Seja brincando no quintal, no pátio da escola ou na rua, as crianças gastam energia, desenvolvem aspectos psicomotores e potencializam laços socioafetivos. Com isso, o movimento proporciona um passeio de (re)descobertas, tendo o corpo como itinerário indispensável para um processo formativo em várias dimensões, dentre elas destacamos a da saúde.

O cenário social que nos deparamos no cotidiano nos leva a crer que as crianças brincam menos, se comparadas as infâncias de tempos históricos recentes. Ao intuirmos essa impressão, nos ocorre as mais diversas hipóteses que possam justificá-la, que vão desde a violência urbana, aos modos de organização do tempo em família por conta do mundo do trabalho, até a ênfase aos conteúdos midiáticos e tecnológicos ocupando cada vez mais a rotina infantil.

De todo modo, tal problemática é corroborada pelos números das organizações mundiais de saúde que acusam que cada vez mais o público infantil é acometido por doenças agravadas pela falta de atividade física regular (GODINHO et al., 2019). Sendo assim, componentes relacionados a agenda de assistência a saúde na infância devem ganhar uma maior atenção por parte do poder público e da própria Universidade, como polo de produção do conhecimento.

Com base nisso, propomos o projeto de extensão, Infância, Movimento e Saúde (IN-MOVES/UFT) sediada no curso de Licenciatura em Educação Física (UFT/Tocantinópolis), que tem como principal foco o movimento na infância, tendo como objetivo promover vivências por meio dos jogos e brincadeiras, como ferramentas de educação em saúde. Portanto, o escopo do projeto parte de conhecimentos próximos as crianças, a partir de uma concepção biopsicossocial de sujeito, tendo em vista a heterogeneidade cultural local e suas implicações nas políticas voltadas à saúde e a educação.

54 Doutor em Educação Física (PPGEF/UnB); Universidade Federal do Tocantins; mayrhone@uft.edu.br

55 Doutor em Ciências do Desporto (FCDEF-UC); Universidade Federal do Tocantins; rubens.letieri@uft.edu.br

56 Graduando em Educação Física; Universidade Federal do Tocantins; pedroalvescj@gmail.com

57 Graduada em Educação Física; Universidade Federal do Tocantins; santos.crisrodrigues88@gmail.com

A construção do presente projeto justifica-se pela demanda sinalizada nas experiências de supervisão de Estágio Supervisionado na Educação Infantil desde o ano de 2018 em que professoras, gestão e familiares expuseram o desejo por práticas de atividades físicas regulares para as crianças, que promovessem valores para além da prática. Obtivemos um parâmetro mais claro e objetivo de tal perspectiva, a partir de ações pontuais de extensão alocadas no campus no ano letivo de 2019, dentre as quais em uma delas, com a parceria da Brinquedoteca Mário de Andrade, foram atendidas mais de 150 crianças de escolas municipais de Tocantinópolis – TO. Na ocasião a comunidade escolar reforçou o interesse na ampliação e aprofundamento de ações que valorizassem as vivências das práticas corporais infantis, reconhecendo dimensões da cultura local nas brincadeiras, bem como saberes e valores que promovessem bem-estar e educação para a saúde das crianças. Além disso, ressalta-se os relatos de satisfação por parte das crianças, acompanhados de testemunhos dos pais e/ou responsáveis em que apontaram para uma necessidade real de fomento a atividades nesse formato, contribuindo para um horizonte formativo que não se restringisse a criança, mas se estendesse para toda a família.

No que tange a organização da rotina do projeto, as ações preveem atividades duas vezes por semana, no contra turno das aulas regulares, envolvendo crianças de 6 a 11 anos de duas escolas da rede municipal de Tocantinópolis – TO, sendo uma da zona rural e outra situada nos arredores da Unidade Babaçu, no perímetro urbano da cidade. Os locais das aulas são intercalados entre as estruturas disponibilizadas pelo campus e o espaço físico das próprias escolas. As ações são planejadas pelos extensionistas, alunos do curso de Educação Física, em reuniões periódicas, em que várias dimensões da saúde são problematizadas por meio de conteúdos lúdicos.

Em vista disso, o presente capítulo tem como objetivo expor as reflexões que traçamos no processo de construção do projeto. Desse modo, realizamos um trabalho de nível exploratório, sob abordagem qualitativa, sistematizado em dois momentos: no primeiro, apresentamos discussões teórico-conceituais introdutórias acerca da relação infância e saúde; no segundo, expomos as brincadeiras, enquanto acervo das culturas infantis, como ferramentas de educação em saúde. Para tanto, recorreremos a um estudo realizado com 59 crianças que compuseram o momento inicial das atividades, a partir da produção de um desenho temático e entrevistas semiestruturadas, como forma de delinear os passos subsequentes de nossas ações. Cabe-nos destacar, que os registros empíricos que compõem o segundo momento da pesquisa é parte integrante do Projeto de pesquisa intitulado “Cotidiano, Interação social e práticas corporais infantis na escola”, com aprovação no Comitê de ética de pesquisa (CAAE: 80440317.0.0000.0030).

DELINEAMENTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A RELAÇÃO INFÂNCIA E SAÚDE

As definições de infância transitam por vários aspectos caracterizadores, que, em linhas gerais, são habitualmente atrelados a uma fase da vida humana. Ademais, a infância contemporânea remete a um período de descobertas, em que a criança entra em contato gradativo com o mundo e aprende a desbravar o desconhecido sob as mais diferentes formas, dentre as quais parte delas ocorre com a mediação dos adultos. De todo modo, há de se considerar que as crianças possuem maneiras peculiares de interpretar e vivenciar o entorno, utilizando da imaginação como mola propulsora de suas descobertas.

Mesmo com toda a magia que insere as crianças no cotidiano, as relações que estabelecem na vida em sociedade, sobretudo, com os adultos, não são totalmente fluidas e muitas vezes pautadas por desarranjos. Por vivermos em uma sociedade “adultocêntrica”, em que as capacidades e fazeres são condicionadas a relação com o futuro, a infância é tratada como uma espécie de passagem, desprestigiando singularidades determinantes para a formação no tempo presente (SANTIAGO; FARIA, 2015). Nesse contexto, o ponto de vista infantil é posto como inferior e pouco recorrido na composição das agendas públicas de assistência da própria criança, incluindo as da educação e da saúde.

Cabe-nos pontuar que, apesar da existência de legislações específicas que amparem o público infantil, ainda é possível identificar nos dias atuais, circunstâncias em que as crianças têm seus direitos negados. Essa informação é corroborada no anuário publicado pela Fundação ABRINQ (2019), em que os indicadores estatísticos revelam as situações alarmantes em que vivem crianças e adolescentes brasileiras.

No “Cenário da Infância e Adolescência no Brasil” é possível identificar no ano de 2019, 1.346.091 de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola; no ano de 2017, foi registrado que 2.550.484 crianças de 6 a 17 anos encontravam-se trabalhando. Ainda segundo o documento, em 2016 o disque 100 recebeu mais de 144 mil denúncias de violações de direitos contra crianças e em todo o país, a citar: negligência, violência psicológica, violência física e violência sexual.

Em um país que apresenta um contexto tão conturbado na assistência aos direitos da criança, a escola acaba por se tornar um ambiente que carrega cada vez mais responsabilidade, sendo uma espécie de refúgio, uma vez que a maioria das condutas violentas sofridas pelas crianças acontece no seio familiar. Quando mencionamos o termo violência, chamamos atenção para um problema social que se manifesta sob várias facetas e roupagens. Devemos considerar, inclusive, que os atos de violência sofridos pelas crianças impactam decisivamente em vários eixos da sua vida, especialmente o da saúde, que, quando prejudicada, pode afetar no seu desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo.

Vale ressaltar que essas informações ilustram dados para além da violência na infância em si, pois evidenciam que as condições de saúde das crianças reconhecem, sobretudo, o ambiente sociopolítico e econômico em que vivem. Isto, pois, a situação do saneamento básico das comunidades e dos domicílios que residem, as formas que lidam com os alimentos, bem como a falta de acesso a bens culturais que lhe viabilizem práticas de atividade física e lazer de qualidade, podem imprimir um padrão crítico na forma como constituem o conceito de saúde.

Ampliando a discussão em torno de outros problemas sociais que impactam diretamente na saúde da infância brasileira, alguns fatores merecem ser mencionados, tais como: as situações da desnutrição, da obesidade, bem como da prática da atividade física na infância.

No que se diz respeito a desnutrição, podemos considerar como um grave problema que assola crianças de todo o Brasil, comprometendo o desenvolvimento motor e as funções cerebrais, impactando, conseqüentemente, no baixo desempenho escolar. Nas últimas décadas houve uma gradual melhora no quadro da desnutrição no país, no entanto, este indicativo não se correspondeu na Região Norte. Nesse sentido, alguns fatores agravam essa conjuntura, como a amplitude territorial, bem como a diversidade geográfica e étnico-raciais da região rural amazônica, que, historicamente é conhecida pelo estado nutricional infantil debilitado (MOURÃO et al., 2020)

Por outro lado, o Brasil apresenta também indicadores de aumento exponencial dos casos de sobrepeso e obesidade infantil. Esse crescimento acompanha uma tendência mundial, em que muitos países já consideram como situação epidêmica (GODINHO et al., 2019). Alguns pontos são relacionados a esse crescimento como: o desmame precoce, a baixa renda familiar, uma dieta desequilibrada (marcada pelo baixo consumo de frutas, verduras e hortaliças e alta ingestão de açúcares, gorduras e alimentos industrializados), a influência da mídia e do mercado publicitário no consumo, agravados pelo desconhecimento de aspectos nutricionais, além do estilo de vida cada vez mais sedentário (CHAVES et al., 2011). Dessa forma, a prática de atividade física é constantemente referendada pelos órgãos de saúde como um caminho indispensável para a melhoria desse quadro.

Quando delineamos um cenário em que há a necessidade de mais prática de atividade física ao público infantil, em alguma medida, acusamos um lapso na realização da prática que talvez melhor caracterize a própria infância, nesse caso o brincar. As brincadeiras dispõem de sentidos que extrapolam o conceito de atividade física, apresentando significados sociais, constituidores das culturas infantis. Ademais, podemos presumir que se as crianças estão sendo acometidas por doenças relacionadas à falta de “movimento”, podem ser indícios que estão brincando menos e, portanto, incorporando menos elementos da sua própria infância, que contribuem em um projeto amplo de educação do corpo.

Sendo assim, a Educação Física, enquanto campo que abrange conhecimentos oriundos das ciências da saúde e da educação, desempenha um papel valioso na promoção de hábitos saudáveis (NOGUEIRA et al., 2020). O professor de Educação Física escolar, atuando de maneira lúdica e comprometida com o desenvolvimento integral das crianças, pode proporcionar vivências que permitam uma maior conscientização sobre os conceitos de saúde e qualidade de vida, reconhecendo suas dimensões sociais, não tão somente atreladas a noção de doença.

BRINCAR É SAÚDE? O PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS

O papel dos jogos e brincadeiras se mostram indispensáveis para o desenvolvimento da criança. Além disso, pode interferir decisivamente no processo de leitura e compreensão do próprio corpo, o que auxilia na reflexão de questões e problemas que assolam a saúde pública (CÂMARA, 2016). A partir disso, nota-se a necessidade de trabalhar a temática saúde nas escolas de forma mais acessível aos pequenos e, para isso, a figura do professor de Educação Física pode reunir os instrumentos necessários para uma mediação mais sensível e efetiva, para além da mera prática pela prática, lançando mão de ações que dialoguem de fato com a realidade. Sendo assim, inevitavelmente, o caminho é mergulhar na cultura lúdica infantil.

A cultura lúdica faz parte da natureza social da infância, constituindo-se em um conjunto vivo e diversificado, em conformidade com os indivíduos, grupos sociais e condições espaciais. Tal cultura apropria-se de traços do meio em que as crianças estão inseridas para contribuir na construção de várias práticas corporais, incluindo os jogos e brincadeiras. Isso implica dizer que os conjuntos de regras na sociedade são postos à prova nos esquemas de estruturas gerais do repertório lúdico infantil (BROUGÈRE, 1998).

Quando brincam as crianças não só entram em contato com sua cultura, mas constroem seu universo simbólico a partir do brincar. Este universo não pode ser considerado uma mera reprodução da vida do adulto, mas representações construídas a partir de suas experiências com o entorno, em que são compartilhados códigos e elementos narrativos particulares. Nas brincadeiras, por exemplo, são expressas regras de convivência, formas particulares de organização, bem como elementos da cultura local (FERNANDES, 2004).

À vista disso pudemos compreender que as brincadeiras compõem o repertório de práticas corporais que possuem significados revelados na experiência infantil, sendo assim, não podem ser analisadas desatreladas do seu tempo e espaço. Isto, pois, assumem características que de alguma forma, revelam faces do cotidiano das crianças – pontos de vistas muito particulares, indispensáveis na composição de ações destinadas ao público infantil.

Com o objetivo de compreender o sentido/significado do conceito de saúde para as crianças que compõem o projeto, realizamos um estudo exploratório com um grupo de alunos que iniciaram as atividades, com a finalidade de caracterizar um cenário preliminar, que subsidiasse a construção de estratégias de intervenção. Para tanto, utilizamos como ferramentas de pesquisa a produção de desenhos com o tema: “O que significa saúde para mim?”, acompanhados de entrevistas semiestruturadas com as próprias crianças. Foram registrados os desenhos de 59 crianças, entre 6 e 9 anos, regularmente matriculadas em uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal de Tocantinópolis – TO, situada no perímetro urbano da cidade.

A análise do material empírico nos permitiu a organização em quatro categorias as quais representam os conceitos de saúde para estas crianças, sendo elas: a) brincadeiras (19 desenhos), b) atividades físicas (19 desenhos), c) hábitos alimentares (15 desenhos), d) Cuidados com a higiene (06 desenhos).

Vale ressaltar que este *corpus* de sentido/significado não foi simples de ser delimitado, uma vez que parte dos desenhos apresentaram traços de duas ou mais categorias, sendo elucidadas apenas quando recorremos as falas das crianças, que revelaram aspectos os quais eram decisivos na caracterização de suas compreensões. Além disso, pudemos identificar, por vezes, um forte apelo midiático nas produções, representadas em personagens de desenhos animados, seriados infantis, filmes, personalidades do meio esportivo, além de informações veiculadas em programas de TV e páginas da internet.

Para melhor ilustrar as categorias supracitadas apresentaremos alguns excertos de falas das crianças⁵⁸, comentando suas produções.

Sobre a saúde relacionada à vivência das brincadeiras:

Desenhei eu e minhas duas irmãs, a gente brincando na praça. Eu gosto sempre de estar no meio de gente pulando corda. A minha saúde é que eu gosto muito de pular corda [...] (Anabela, 6 anos).

Aqui tem uma brincando de boneca e a outra brincando de jardim [...] Brincar de boneca e brincar de um monte de coisa é saúde (Emília, 7 anos).

Tudo isso no meu desenho é saúde. Tudo que eu faço. Brincar de futebol, correr, chutar a bola até fazer gol [...] (Romário, 7 anos).

58 Serão utilizados nomes fictícios atribuídos pelos pesquisadores, como forma de preservar as identidades dos sujeitos de pesquisa.

O meu desenho é uma quadra e eu jogando bola com meus amigos. É Corinthians contra o Brasil. Se passar dessa linha aqui o time perde [...] Brincar, jogar bola, correr de pega-pega é saúde. Faz bem para a gente (Neymar, 8 anos).

Quanto a associação da saúde a prática de atividade física:

Meu desenho tem um homem nadando na água, correndo para se exercitar, aqui ele está segurando um pneu grande em cima pra ficar forte. Aqui ele está correndo na esteira também para ficar forte [...] tudo isso é saúde (Michael, 7 anos).

Saúde é respirar o ar para dentro e para fora caminhando na praça, cheirar as flores para dentro e para fora e respirar [...]. Correr e respirar, nadar e respirar, isso é saúde (Helena, 8 anos).

Saúde é caminhar no sol e na grama [...] se mexer todo. Isso é muito saudável (Marissol, 8 anos).

Saúde é o homem-aranha fazendo exercício pra poder segurar os prédios. Quando a gente segura peso os músculos vão crescendo e a gente fica bem forte igual o Homem-Aranha. Por isso ele sobe na parede e salva as pessoas, corre para pegar as bombas [...] por causa da malhação (Peter, 8 anos).

No que se diz respeito a saúde voltada aos hábitos alimentares:

A saúde no meu desenho é quando a menina bebe água e depois come frutas. Não comer besteira faz bem. Na geladeira dela tem picolé, água, uma maçã, banana. O pai falou que comer é saúde, daí ela ficou com solução e o pai mandou ela beber água. Isso também é saúde (Fabi, 7 anos).

É bom tomar vitamina na vida, um dia aqui nas escolas umas mulheres ensinaram a gente [...] tomar carboidratos e vitamina. Lá uma vez pode comer um doce pra não fazer mal, para a gente ficar com saúde (Joana, 8 anos).

[...] Aqui tem morango, aqui melancia, para a minha saúde. Só tem coisa saudável. Aqui tem ovo, que não tem gordura. Comer saudável é saúde (Maria, 6 anos).

Saúde é beber água, comer frutas. Faz bem tipo todas as verduras. Feijão também deixa as pessoas bem fortes [...] (Pedro, 7 anos).

Já em relação da noção de saúde a partir dos cuidados com a higiene:

Saúde é suar, respirar e depois tomar banho [...] (Gabi, 6 anos).

Quando a gente faz as coisas no dia e chegamos suados em casa aí a mãe da gente manda a gente banhar e pentear o cabelo e trocar de roupa [...] isso é saúde (Sara, 9 anos).

Pra mim saúde é tomar banho, passar perfume, escovar os dentes, lavar as mãos [...] (Jasmim, 7 anos).

Saúde é lavar as mãos antes de lanchar e depois que a tia chama pra sala, quando acaba o recreio (Juca, 7 anos).

O mais interessante nas falas expostas foi perceber que as crianças fogem de um caminho comum se comparado ao do adulto para abordar a temática saúde, incorporando em suas narrativas roteiros dos mais diversos, que por vezes pareceram fugir totalmente do escopo proposto no tema. Em linhas gerais, elas não articularam o conceito de saúde a partir do binômio doença, relacionando seus pontos de vista a elementos que fazem parte do seu dia-a-dia, sendo literalmente sentidos no corpo e com o corpo, talvez aí a justificativa do forte apelo ao brincar.

Podemos inferir, a partir dos excertos de falas apresentados, que as crianças apontaram, sobretudo, que as suas compreensões de saúde transitam entre o “real” e a “fantasia”, no entanto, muitas das interpretações são forjadas no cotidiano: seja por orientação de conteúdos oriundos das vivências no ambiente familiar, na escola ou das próprias mídias, em que as compreensões são (re)significadas e compartilhadas na experiência infantil. Nesse sentido, as brincadeiras possuem grande potencial educativo, haja vista que figuram de maneira significativa no imaginário das crianças, tanto no que se diz respeito a construção da noção de saúde no cotidiano, quanto instrumento na promoção da qualidade de vida por meio de vivências corporais.

Destarte, as abordagens das brincadeiras no projeto são trabalhadas sob duas perspectivas: a primeira recorre as atividades lúdicas como caminho para a sensibilização de conhecimentos relacionados a saúde, articulados com vivências mediadas pelo movimento; a segunda prevê a experimentação de diversas formas de jogos e brincadeiras, explorando conteúdos culturais dos mais variados, tendo como principal foco vivências mais espontâneas. Vale ressaltar que ambas as abordagens não são estanques e buscam promover a socialização, abrindo espaço para o aprendizado entre pares, só se distinguem quanto suas finalidades. Enquanto na primeira abordagem a brincadeira é o meio para se conhecer mais sobre a saúde, na segunda ela é o fim, não sendo menos importante no processo de promoção de conhecimento sobre o próprio corpo e da autopercepção de qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, a partir de todo itinerário de construção do projeto IN-MOVES, que as brincadeiras se constituem como uma ferramenta educativa, com evidente potencial na promoção da saúde. Por meio do movimento humano significativo, as crianças podem aprender conceitos e conhecimentos relacionados a saúde e cuidados com o corpo, em processo de interação com seus pares. Além disso, é proporcionado um conjunto de ações por meio das práticas corporais, que viabiliza uma formação integral, não desprestigiando os saberes oriundos das culturais infantis locais.

Portanto, propomos esse projeto, como forma de promover valores educativos relacionados a saúde, a partir de conhecimentos próximos aos sujeitos educandos integrando as crianças por meio do brincar. Dado esse cenário, consideramos pertinente utilizar as práticas lúdicas como instrumento de promoção de saúde na extensão, por se tratarem de gestos que possuem historicidade, acervos culturais e sistemas simbólicos que transitam entre os limites do cotidiano vivido e da fantasia, que agregam aos horizontes formativos propostos pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, mais especificamente do campus de Tocantinópolis.

Por fim, ressaltamos a necessidade de propor os significados oriundos das produções das crianças como ponto de partida para a construção de novas diretrizes pedagógicas para a saúde na infância, bem como do brincar como ferramenta de promoção de qualidade de vida. Cabe-nos destacar que a meta do projeto é atingir toda a comunidade infantil que circunda a Unidade Babaçu, abrangendo as crianças matriculadas nas pré-escolas e escolas de ensino fundamental da região, ampliando diretrizes qualitativas de reflexão sobre a saúde nos espaços infantis, de forma que os conhecimentos adquiridos reverberem no ambiente familiar.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. et al. (Org.). **Brinquedos e suas teorias**. São Paulo: Cenage Learning, 1998. p. 19-32.

CÂMARA, S. A. S. **Psicomotricidade e trabalho corporal**. São Paulo: Pearson Educação do Brasil, 2016.

CHAVES, Arélli Pamela Brasileira et al. Sobrepeso e obesidade infantil – um problema de saúde pública em escolares de norte a sul do país. **Revista Enfermagem Brasil**, v.10, n. 6, nov./dez. 2011.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da infância e adolescência no Brasil**, São Paulo: ABRINQ, 2019.

_____. **Cenário da infância e adolescência no Brasil**, São Paulo: ABRINQ, 2017.

_____. **Cenário da infância e adolescência no Brasil**, São Paulo: ABRINQ, 2016.

GODINHO, Anderson Silva. et al. Principais fatores relacionados à obesidade infantil na atualidade. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**. v. 9, n. 13, jul. 2019.

MOURÃO, Ester. et al. Magnitude da Desnutrição Infantil na Região Norte Brasileira: uma Revisão de Escopo. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 8, n. 1, 2020.

NOGUEIRA, Emanuel et al. A obesidade infantil no Brasil e fatores associados: desafios para os professores de educação física. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**, v. 6, n. 1, enero. 2020.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v.5, n.13, p.72-85, jan./abr. 2015

UTILIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA COMO INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO E IGUALDADE DE GÊNERO

*Mikaella Morais de Carvalho*⁵⁹, *Geovane Alves de Almeida*⁶⁰, *Murillo Meneses de Sousa*⁶¹ e
*Adriano Lopes de Souza*⁶²

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno complexo, multifacetado e antigo, cujo surgimento está atrelado à necessidade do ser humano de se movimentar, bem como ao seu interesse pelo jogo. Trata-se, pois, de um sólido fenômeno cultural que se estabeleceu conforme cânones de prazer e ócio, através da competição, do ritual, das regras e de diferentes e significativos conteúdos correlatos à sua prática, com potencial, por exemplo, tanto para aliviar as tensões sociais, quanto para reforçar a ordem comunitária (MANDELL, 1986).

Na atual conjuntura social, o esporte vem gerando uma influência cada vez maior sobre nossa ‘cultura de movimento’, associando-se não somente ao alto rendimento, mas, perpassando pela incorporação de sentidos educacionais e voltados para o bem-estar social (TUBINO, 2001; KUNZ, 2006). Além disso, a prática esportiva também tem sido considerada como um importante elemento de veiculação de influências valorativas entre as pessoas (DaCOSTA, 2007), justificando, por exemplo, a relevância da sua promoção e desenvolvimento.

Ora, o reconhecimento do esporte como canal de democratização, de socialização positiva ou de inclusão social pode ser evidenciado pela crescente implementação de programas e projetos de caráter esportivo que constam na agenda pública e privada, desempenhando um papel de grande importância na sociedade atual (ZALUAR, 1994).

Dentre a multiplicidade de práticas esportivas, o futebol destaca-se como processo de construção de uma gramática de espaços e temporalidades na sociedade brasileira, representando, portanto, um significativo elemento da nossa identidade cultural (DAMATTA, 1985). Além disso, o futebol também pode ser considerado o esporte mais praticado nas instituições escolares,

59 Graduada em licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), e-mail: kaellamorais7@gmail.com.

60 Graduado em licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), e-mail: geovanealves93@hotmail.com.

61 Graduando em licenciatura em Educação Física pela UFT, e-mail: murillomeneses@uft.edu.br.

62 Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor da UFT e coordenador do projeto de extensão “Futebol é coisa de... quem quiser”. E-mail: adriano.lopes@uft.edu.br.

denotando seu potencial educacional, cuja efetividade perpassa pela necessária mediação/intervenção pedagógica.

Diante desse contexto, o presente estudo propõe-se a relatar a experiência vivenciada no projeto de extensão “Futebol é coisa de... quem quiser”, cujo objetivo perpassa pelo fomento da cultura esportiva universitária para ambos os gêneros a partir de ações práticas e pedagógicas do Futebol⁶³, com enfoque na formação humana, treinamento esportivo, integração acadêmica e promoção da saúde. A proposta deste projeto emergiu a partir das reivindicações dos próprios alunos e alunas e de algumas pessoas da comunidade externa para disporem de um espaço institucionalizado destinado para a prática esportiva. Portanto, este projeto justifica-se para atender a referida demanda, proporcionando uma prática sistemática de esporte e lazer.

Esse estudo consiste em um relato de experiência com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, pois, fundamenta-se na descrição das principais características de uma população ou determinado fenômeno (ANDRADE, 1998). Isto posto, será apresentado o relato de uma experiência vivenciada no âmbito do projeto “Futebol é coisa de... quem quiser”. Tal intervenção ocorreu entre os meses de setembro de 2018 e dezembro de 2019, no Ginásio de Esportes da cidade de Tocantinópolis - TO, cujo público-alvo é aberto aos alunos e alunas, professores e técnicos-administrativo da UFT- campus Tocantinópolis, bem como por membros da comunidade externa.

REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Lyra Filho (1973), o esporte tem origem no início da vida primitiva com as atividades para o corpo, indispensáveis para a sobrevivência do ser humano, como a caça, a natação, a defesa, e até mesmo momentos de lazer. Tubino (1993) acrescenta que a compreensão da essência do esporte está relacionada com a sua vinculação ao jogo, uma vez que este representa um elo entre a cultura e o esporte.

Ora, na sua dimensão fenomenal, o esporte incorpora, reflete e fomenta a produção cultural humana através de manifestações corporais, como resultado da busca do Homem para satisfazer as suas necessidades em diferentes épocas e contextos, englobando, desta forma, a reflexão sobre seu valor e intencionalidade (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

De acordo com Paes (2002, p. 90): “A riqueza do esporte está na sua diversidade de significados e (re)significados, podendo [...] atuar como facilitador na busca da melhor Qualidade de Vida do ser humano, em todos os segmentos da sociedade”. Ora, isso nos parece procedente, em especial, para a juventude, visto que as estimativas de sedentarismo e excesso de peso correlatas a este público têm crescido vertiginosamente nos últimos anos (ENES; SLATER, 2010).

Diante desse cenário, importa-nos destacar o caso do futebol, pois, conforme argumentado por Silva (2001), este representa uma forma particular de cultura que norteia a vida de muitos brasileiros. De fato, muitos vínculos são criados tendo este esporte como pano de fundo, seja assistindo os jogos, debatendo-os ou, até mesmo, praticando-os. No entender de Costa (2004),

63 Em consonância com a perspectiva de Altmann e Reis (2013), o Futebol é tratado aqui como jogos de bolas com os pés. Portanto, mesmo que, a rigor, a modalidade ofertada/praticada seja o Futsal, nós optamos por manter esta nomenclatura no nome do projeto. Afinal, sob uma perspectiva mais abrangente/fenomenal, é notório que ambas são capazes de engendrar os objetivos propostos.

o futebol é indubitavelmente um fenômeno da cultura planetária, haja vista que ele é jogado e assistido em todo mundo, sendo praticado por diferentes grupos, inclusive, em muitas comunidades indígenas, ultrapassando as reconhecidas e desafiadoras barreiras sociais, econômicas, políticas e até mesmo de gênero, sobretudo, nos dias atuais.

Portanto, mais do que uma simples atividade lúdica e formativa, pode-se conjecturar que o fenômeno esportivo, em geral, e o futebol, em particular, pode ser considerado um importante ponto de partida para melhor compreendermos a sociedade em que vivemos, como o histórico preconceito acerca da participação das mulheres no futebol brasileiro, cujas condições de acesso e participação são historicamente desiguais quando comparadas às dos homens (GOELLNER, 2005), diferindo-se, por exemplo, da valorização e do reconhecimento que países como os Estados Unidos atribuem à prática deste esporte para o público feminino (MOURA, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÕES (PARCIAIS)

No tocante aos resultados pretendidos com a realização do referido projeto, pode-se destacar: 1- Promover a vivência das técnicas e dos valores que constituem o Futebol enquanto esporte coletivo; 2- Fomentar a prática sistematizada e democrática do Futebol para ambos os gêneros, contribuindo com a melhoria/manutenção do bem-estar biopsicossocial dos participantes; 3- Fornecer elementos para a realização de pesquisas acadêmicas acerca do futebol na perspectiva dos seus praticantes.

Inicialmente, cumpre-nos assinalar que o referido projeto segue em andamento. Logo, os principais resultados elencados neste estudo assumem um caráter de parcialidade. Até o momento, identificamos um conjunto de aspectos que nos chamaram à atenção em relação ao que pretendíamos, os quais serão descritos a seguir.

Acerca do primeiro ponto (**Promover a vivência das técnicas e dos valores que constituem o Futebol enquanto esporte coletivo**), identificamos que a vivência das técnicas estava sendo prejudicada de alguma maneira pela própria condição física dos participantes, o que nos levou a investir em algumas atividades no início do projeto com a finalidade de trabalhar tal limitação. Essas atividades iniciais juntamente as atividades principais do jogo coletivo, colocavam em evidência a questão dos limites físicos de cada um e a conseqüente importância de respeitá-los e, ao mesmo tempo, tentar superá-los. Assim, não raras vezes verificamos os próprios participantes incentivando uns aos outros, demonstrando cuidado e respeito mútuos. Nazareth (2015, p. 62) nos oferece pistas para entender essa questão ao apontar que “[...] os esportes coletivos geram metas que só podem ser alcançadas coletivamente. Seus desafios impõem a necessidade da convergência solidária, da referência mútua e da coordenação entre as ações e as experiências em relação a uma meta”.

No tocante ao segundo ponto (**Fomentar a prática sistematizada e democrática do Futebol para ambos os gêneros, contribuindo com a melhoria/manutenção do bem-estar biopsicossocial dos participantes**), identificamos que houve uma procura de alguns participantes que estariam jogando futebol pela primeira vez, exigindo-nos uma progressão mais gradativa da complexidade atinente às referidas atividades físicas e técnicas. Já na turma masculina, por sua vez, foi possível avançar para além das questões físicas e técnicas do jogo, mas, também para o plano tático, uma vez que todos já praticavam este esporte em outros lugares. Desta

forma, os treinos foram planejados semanalmente para ambas as turmas, mas com intensidades diferentes, estimulando sempre a melhoria e interação entre eles.

Neste ponto, interessa-nos pontuar, ainda, a realização de alguns treinos mistos, na intenção de enriquecer a relação social entre os gêneros e como atenuante da máxima histórica de que “futebol é coisa de homem”. Para tanto, com base no nosso planejamento, fomos inserindo as meninas aos poucos para que estas fossem ganhando confiança e se sentindo mais à vontade para realizar tais atividades conjuntamente. Também alertamos os meninos para redobrem os cuidados a respeito de esbarrões e ações com o uso de força desproporcional.

Ora, tais estratégias mostraram-se eficazes para o desenvolvimento de um ambiente eminentemente lúdico e democrático. Afinal, a prática esportiva por si só “[...] não apresenta uma essência positiva ou negativa, dependendo, portanto, do necessário investimento pedagógico para tornar-se efetivamente educativo” (SOUZA; TAVARES, 2019, p. 05). Assim, identifica-se que o projeto traz componentes a serem compreendidos não somente a partir da interação entre os fatores biológicos dos participantes, mas sobretudo, no que diz respeito ao ambiente lúdico e valorativo em que o projeto é vivenciado. Ora, a ludicidade reflete uma necessidade do ser humano em qualquer idade, sendo propulsora não apenas de diversão, mas, em especial, do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos sujeitos (SANTOS, 1997), contribuindo, desta maneira, com o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais dos participantes do referido projeto.

No que concerne ao terceiro ponto (**Fornecer elementos para a realização de pesquisas acadêmicas acerca do futebol na perspectiva dos seus praticantes**), por sua vez, constata-se que o cotidiano do projeto enseja uma multiplicidade de possibilidades de pesquisas, tais como motivações para participar, expectativas, iniciação esportiva, questões de gênero na prática esportiva, formas de apropriação, mudanças ocorridas, etc., isto é, investigações que se debruçam sobre a perspectiva dos praticantes. Afinal, “[...] não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1995, p. 141). Nesse sentido, advogamos que mais importante do que a prática do esporte em si, é o seu próprio praticante, de tal modo que a primeira deve ser articulada em prol do grupo envolvido em suas diferentes manifestações (PAES, 1992).

REFLEXÕES FINAIS

Os resultados apontam que o projeto “Futebol é coisa de... quem quiser” promoveu, até o presente momento, diferentes valores que compõe a sociedade, com destaque para o respeito entre os participantes, pois, a cada encontro, estes têm mostrado que independente do gênero, é possível praticá-lo, fomentando, portanto, o protagonismo compartilhado entre homens e mulheres em um esporte que é historicamente masculinizado.

Portanto, a título de conclusão, destaca-se que cada encontro constituiu-se como um momento formativo, o qual transcende a prática esportiva, fortalecendo os vínculos entre os participantes, bem como fomentando a realização de diferentes pesquisas, visto que a vivência das atividades correlatas ao projeto oferece uma gama de possibilidades a serem investigadas, em especial, no que tange aos objetivos propostos na perspectiva dos praticantes.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, jul/set de 2013.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**: Elaboração de trabalhos na graduação. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidade da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. 4a. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- COSTA, Antônio da Silva. Abordagem Sócio-Antropológica em Portugal, País de Futebol. In: OLIVEIRA, José; GARGANTA, Júlio; MURAD, Maurício. (Orgs). **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto: Campos da Letras, 2004.
- DaCOSTA, L.P. Abordagens teóricas sobre valores do esporte. In: DaCOSTA, L.P. **Manual Valores do Esporte SESI**. Brasília: SESI, 2007, pp. 45-57.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ENES, Carla Cristina; SLATER, Betzabeth. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. **Rev. Bras. Epidemiol**, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n.1, p. 85-100, 2006.
- KUNZ, Eleonor. **“Transformação didático-pedagógica do esporte.”** 7. ed. Ijuí: Editora Unijui, 2006.
- LYRA FILHO, João. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1973.
- MANDELL, Richard D. **Historia cultural del deporte**. Ediciones Bellaterra, Barcelona, 1986.
- MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- PAES, Roberto Rodrigues. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR. Dante de. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.89-98.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do Educador**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz**: da relação do torcedor com o clube. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOUZA, Adriano Lopes.; TAVARES, Otávio. Os conteúdos atitudinais nas aulas de Educação Física: Um estudo de caso. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. 01-14, 2019.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é Esporte?** São Paulo, SP: Ibrasa Editora, 1993.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**: juventude e política social. Rio de Janeiro, 1994.

EDUCAÇÃO FÍSICA CIDADÃ: O ESPORTE COMO AGENTE SOCIAL

Leandro Ferraz⁶⁴

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Atletinha Cidadão” visa dar suporte pedagógico e técnico ao Treinamento esportivo para Formação de Base da Escolinha Pedro Gomes, que está localizada no Povoado Folha Grossa, periferia do município de Tocantinópolis - TO. A ação se justifica pela necessidade social e técnica do curso de Licenciatura em Educação Física se inserir no campo profissional do treinamento desportivo, em especial, o da iniciação esportiva e formação atlética. Além de, promover uma nova possibilidade de leitura do curso e da formação profissional, esta ação, iniciada em 2019, auxilia a comunidade do Povoado Folha Grossa a aperfeiçoar as suas potencialidades esportivas e atléticas.

Um olhar social do esporte traz uma nova dimensão, tanto para acadêmicos, quanto para a comunidade, que será a principal coletora dos frutos, em especial as crianças e adolescentes participantes da Escolinha. A Educação Física como incentivadora e promotora do esporte traz esta possibilidade de olhar o social com os olhos do movimento, do movimentar-se, da ludicidade. E assim, a formação de professores em educação física tem o papel de despertar esta visão da sociedade, para a sociedade, com a sociedade.

Sendo assim, o Projeto “Atletinha Cidadão” tem como objetivo a Integração social e cidadã de meninos e meninas de periferia através do esporte. Além disso, propõe outros objetivos específicos e que conferem toda a ação social, tais como: Promover o esporte; Proporcionar as crianças um novo modelo de lazer e acesso ao esporte; Incluir de maneira civilizada e ética; Incentivar o atleta a estudar; Levar também o incentivo da arte como música, teatro, etc.; Incentivar o atleta a fazer exercícios físicos e se manter saudável; Trabalhar e mapear as dificuldades de cada criança juntamente com sua família.

ESCOLINHA DESPORTIVA: FORMAÇÃO DE ATLETAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para Rodrigues (2007), as escolinhas desportivas de futebol tornaram-se espaços especializados para a formação de jogadores e futuros atletas profissionais, que visam à educação técnica, física e tática, bem como a aprendizagem dos esquemas táticos e das formas de jogo. Portanto, as escolinhas são “locais onde se ensina a jogar futebol, de preparação e seleção de talento para o futebol profissional, de produção social do corpo dos atletas, mediante um conjunto

64 Doutor, professor do Colegiado do Curso de Educação Física da UFT, campus de Tocantinópolis. E-mail: leandroloc@mail.uft.edu.br.

de treinamentos”. (p. 107) E é esta produção social do corpo e do ser que deve ser evidenciada na formação de professores, para além da tecnicidade.

A formação esportiva é o processo em que ocorre a especialização do jovem em uma determinada modalidade, sendo realizada de forma longa, minuciosamente planejada e equiparada a um curso superior, visando converter jovens talentos em profissionais capazes de exibir suas performances publicamente (CARRAVETA, 2012; DAMO, 2007; THIENGO, 2011). A importância da formação de atletas perpassa a formação profissional de qualidade, então cabe aos treinadores/professores uma qualificação adequada e aprofundada para que possam dar qualidade a formação dos atletas.

Rodrigues (2003) destaca que, a formação esportiva é “resultado de um processo pedagógico e civilizatório caracterizado pela regulamentação, controle, institucionalização e racionalização desta profissão”. (p.17) A formação para ser sólida precisa compreender, através de questões pedagógicas, os processos que envolvem a cidadania e a constituição da sociedade que está envolvida.

Casarin e Streit (2011) afirmam que a formação esportiva é um fenômeno complexo, composto por diversas dimensões que interagem entre si constantemente, objetivando o desenvolvimento das dimensões táticas, técnicas, físicas, psicológicas, educacionais e sociais por meio da interação entre o jovem atleta e diversos agentes como a sociedade, a cultura, a equipe, os demais jogadores, treinadores, dirigentes, funcionários dos clubes, pais e torcedores.

A importância da formação de futebolistas no Brasil não ocorre apenas na vertente esportiva, mas também na social, com a mesma atuando como agente educador dos jovens, que a frequentam durante a infância e adolescência, período fundamental no processo educacional, de formação do caráter e preparação para a vida adulta (DAMO, 2007; MELO, 2008; RODRIGUES, 2003).

A formação também contribui para afastar os jovens de problemas crescentes da sociedade, como a violência e as drogas, sendo que, de certa forma assume parte do papel das famílias e da escola no processo de formação dos jovens brasileiros (CAMPESTRINI, 2009; RODRIGUES, 2003; SCAGLIA, 1996). Então, esse papel social de futuros professores e de professores já formados advém da sua formação no ensino superior, o qual tem a incumbência de propor não só entendimento técnico do esporte, mas, também, e especialmente, o entendimento social de cada cidadão e da sociedade que está incluso.

METODOLOGIA DA AÇÃO E RESULTADOS ATINGIDOS

O Projeto de Extensão “Atletinha Cidadão” está inserido nas atividades do campus de Tocantinópolis da UFT, mais especificamente ao curso de Licenciatura em Educação Física. Estão envolvidos 32 (trinta e dois) acadêmicos do curso ora citado e um docente. Mensalmente, reuniões de planejamento são realizadas para debater sobre as ações efetivadas e a proposta de novas atividades. Os encontros presenciais com os alunos da Escolinha Pedro Gomes acontecem duas vezes por semana, sendo: nos sábados pela tarde e nos domingos pela manhã. O local de treinamento e demais atividades acontecem no campo de futebol e no Complexo desportivo e recreacional do povoado. Os materiais para os treinos são proporcionados pela Escolinha

Os encontros/treinos são realizados em pequenos grupos de acadêmicos, na forma de escala, os quais prescrevem os exercícios e atividades de acordo com o Planejamento mensal coletivo. Após os treinos cada grupo deve expor seu *feedback* a todos, deixando as suas impressões, erros, falhas, acertos, percepções, sugestões e produtividade.

A Escolinha Pedro Gomes tem 30 (trinta) alunos/atletas matriculados, em uma faixa etária de 9 a 16 anos de idade, sendo todos meninos, até o momento. Todos estes alunos são moradores do Povoado Folha Grossa e moram com suas respectivas famílias. Todos os alunos se encontram matriculados em escola pública de ensino fundamental. Em uma próxima etapa serão oferecidas possibilidades para que meninas possam adentrar nas atividades, tanto em treinos mistos quanto em treinamentos específicos para elas; o que ainda é um dos desafios do projeto, bem como da Escolinha.

De acordo com relatos/*feedback* dos acadêmicos e de seus respectivos grupos de trabalho, o que se percebe em relação aos alunos da Escolinha, as suas condutas, a percepção das atividades e demais aspectos que envolvem o andamento das ações é que temos um quadro peculiar no povoado. O mesmo se percebe nas narrativas da comunidade do município. O que é de suma importância esta constatação para que o Projeto possa atravessar estes olhares e propor mudanças sociais através do esporte como ferramenta cidadã.

Tabela 1.0 – Perfil do comportamento dos alunos da Escolinha Pedro Gomes no início da aplicação do Projeto e depois de 2 meses de Projeto

	INÍCIO		2 MESES	
	N	%	N	%
Indiferença	10	33,33	3	10
Agressividade	4	13,33	1	3,33
Deboche	2	6,66	2	6,66
Descontração	2	6,66	4	13,33
Interesse	10	33,33	20	66,66
Contraposição	2	6,66	0	0
	30	100	30	100

Fonte: Banco de dados do Projeto de Extensão “Atletinha Cidadão”, vinculado ao Grupo de Estudos Sociais e da Saúde (GESS)

A Tabela 1.0 nos mostra a percepção dos acadêmicos perante o perfil do comportamento dos alunos da Escolinha. Sendo que, no primeiro contato houve muita indiferença, agressividade e contraposição, porém com o passar do tempo e da aproximação dos grupos de acadêmicos com os alunos, a desconfiança foi diminuindo e o interesse, o respeito e o aceite foram se tornando hábitos recorrentes. Por ser uma comunidade afastada da região central, além da periferia, há certo estranhamento e distanciamento quando se refere as narrativas da população em geral em relação aos habitantes do povoado. Este fato pode ser no contexto real ao comportamento dos alunos, quanto a percepção dos acadêmicos, pois são duas visões que se afrontam. Não nos cabe aqui tentar esmiuçar os aspectos culturais que fazem acontecer este estranhamento e dis-

tanciamento, e sim intervir para que haja uma quebra nestes olhares. Desta forma, acolhendo e mostrando as belezas e valores sociais destes cidadãos.

Tabela 2.0 – Receptividade dos alunos em relação as atividades propostas no início da aplicação do Projeto e depois de 2 meses de Projeto

	INÍCIO		2 MESES	
	N	%	N	%
Aceitou bem	14	46,66	25	83,33
Indiferente	10	33,33	3	10
Recusou	2	6,66	0	0
Contrariou	4	13,33	2	6,66
	30	100	30	100

Fonte: Banco de dados do Projeto de Extensão “Atletinha Cidadão”, vinculado ao Grupo de Estudos Sociais e da Saúde (GESS)

A Tabela 2.0 nos traz um complemento aos comportamentos dos alunos da Escolinha Pedro Gomes, através das percepções dos acadêmicos. A recusa, a indiferença e o contrariar faz parte da adolescência, apesar de que a maioria recebeu as atividades nesta direção. Porém, com o tempo e o entendimento entre as partes, os olhares e a leitura social de ambas as partes foram se moldando construindo assim um novo ambiente. O que é de se esperar na maturidade de acadêmicos de cursos de formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, o Projeto “Atletinha Cidadão”, neste momento, está atingindo seus objetivos na íntegra, ou seja, a Integração Social e cidadã através do esporte estão acontecendo. Além disso, há a promoção do esporte, do lazer e da saúde através das atividades planejadas e aplicadas. Novos olhares sobre os moradores da comunidade estão sendo moldados, vendas estão sendo retiradas destes olhares e muitas mãos estão sendo estendidas.

As novas etapas do Projeto trazem desafios como: comparar o desempenho escolar com as atividades do projeto, incluir meninas nas atividades e entender o contexto social da comunidade, para que o esporte possa ser um aliado ao processo de cidadania. A inserção de questões voltadas para a saúde dos atletas e das suas respectivas famílias é uma etapa posterior, e já planejada, que tem a intenção de entender seus problemas orgânicos para possibilitar uma intervenção mais significativa com evidências.

REFERÊNCIAS

CAMPESTRINI, Geraldo Ricardo Hruschka. A reponsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros. **Dissertação**, Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://goo.gl/0B2lkq>

CARRAVETA, Elio. **Futebol: A formação de times competitivos**. Porto Alegre: Sulina, 2012

CASARIN, Rodrigo Vicenzi; STREIT, Igor. Modelo de formação em futebol: Análise de clubes do estado do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, 3 (7), 45-57, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/5DXt9b>

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007

MELO, Manoel Luis. Importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta em Campina Grande - PB. **Dissertação**, Universidade Federal da Paraíba, 2008. Disponível em: <http://goo.gl/pZ47qu>

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002) **Dissertação**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://goo.gl/wp6XHd>

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006). **Tese**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <http://goo.gl/vmQcrS>

SCAGLIA, Alcides José. Escolinha de Futebol: Uma questão pedagógica. **Revista Motriz**, 2 (1), 36-43, 1996. Disponível em: <http://goo.gl/xapC0p>

THIENGO, Carlos Rogério. Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube. **Dissertação**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/Vio1mw>

ATIVIDADE FÍSICA E COGNIÇÃO: PROMOÇÃO DA SAÚDE DO IDOSO EM TOCANTINÓPOLIS⁶⁵

Adriano Filipe Barreto Grangeiro⁶⁶, Fabíola Andrade Pereira⁶⁷ e Marilene Soares da Silva⁶⁸.

INTRODUÇÃO

“Se o envelhecimento é algo que está acontecendo com você, então você é basicamente uma vítima; mas se o envelhecimento é algo que você aprendeu, você está na posição de desaprender os comportamentos que o levaram a envelhecer, adotar novas crenças e ser guiado para novas oportunidades”

*Deepak Chopra⁶⁹
(Médico e Escritor)*

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial bem definido nos últimos anos. Em países desenvolvidos, esse processo ocorre de forma lenta e progressiva, enquanto que nos países em desenvolvimento está sendo realizado de forma mais acelerada, constituindo um dos maiores desafios da saúde pública contemporânea (OLIVEIRA et al., 2017).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), é estimado que o Brasil ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017 (IBGE, 2018). Nesses cinco anos, os 4,8 milhões de novos idosos correspondem ao crescimento de 18% desse grupo etário (CARDOSO, 2017). Novos estudos são necessários a fim de otimizar as políticas públicas voltadas para essa população (OLIVEIRA et al., 2017).

No Estado do Tocantins, conforme PNAD, a população idosa representa 14,6%, em Palmas, 9,4% e no município de Tocantinópolis, 9,8% da população total, são de idosos, o que corresponde nesse município a 1035 do sexo masculino e 1163 do sexo feminino, totalizado 2.198 pessoas de com idade igual ou superior 60 anos (IBGE, 2010; IBGE, 2019).

65 Registro de Ações de Extensão - FLUXO CONTÍNUO – 2016. Coordenador do Projeto: Prof. Adriano Filipe Barreto Grangeiro. Unidade de origem: Licenciatura em Educação Física. Unidade geral: Campus de Tocantinópolis. N° SIGProj: 246179.1138.234558.28082016

66 Doutorando em Gerontologia, Professor do Curso de Educação Física, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis. E-mail: filipe@uft.edu.br

67 Doutora em Educação, Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis. E-mail: fabagnes@uft.edu.br

68 Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura, Professora do Curso de Educação Física, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis. E-mail: marileness@uft.edu.br

69 Disponível em: <http://www.oexplorador.com.br/se-o-envelhecimento-e-algo-que-esta-acontecendo-com-voce-entao-voce-e-basicamente-uma-vitima-mas-se-o-envelhecimento-e-algo-que-voce-aprendeu-voc-e-esta-na-posicao-de-desaprender-os-comport/>.

Essa rápida transição demográfica e epidemiológica traz grandes desafios, em virtude da Epidemia de Doenças Crônicas e de incapacidades funcionais, fatores de risco para a saúde mental dos idosos e grupo de doenças mais prevalentes nessa população, afetando hábitos de vida e o bem-estar desses indivíduos, necessitando urgentemente de maior investigação e desenvolvimento de ações preventivas e promoção da saúde/qualidade de vida para minimização dos seus agravos com atenção multiprofissional (MORAES, 2012; SILVA et al., 2015; BARRETO; CARREIRA; MARCON, 2015; NÓBREGA; DEININGER, 2017).

Em experiência que descreve uma atividade extensionista com um grupo de idosos, desenvolvida por acadêmicos dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia da Universidade Estadual do Centro-Oeste⁷⁰ no período de fevereiro de 2009 a dezembro de 2011, percebeu-se por meio das atividades de promoção da saúde que pessoas idosas necessitam se envolver através de atividades de grupo, a fim de que facilite a interação uns com os outros e, assim, levando-os refletir sobre sua qualidade de vida, entendendo-se como protagonista desse processo e não apenas como receptor das ações em saúde (PILGER, 2015). Assim, corroborando tal achado, *Locks et al.* (2012) aponta que a atividade física, na terceira idade é extremamente relevante tanto para funções pulmonares e cardiovasculares, assim como, para manutenção da saúde mental.

Entretantes, esse projeto justificou-se pelo acelerado crescimento de pessoas idosas no século XXI, elevado aumento de doenças crônicas não transmissíveis, déficits funcionais, comprometimento na memória afetando a função cognitiva e sedentarismo, provocando mudança nos aspectos físicos, biopsicológicos, sociais, espirituais, educacionais e ambientais no qual o idoso tem sido uma das pessoas da nossa sociedade, que não estão inseridas nos debates, discussões e projetos, sendo excluído do processo educativo, afetando a saúde mental e física, além da necessidade de programas em Tocantinópolis que atendam a esse grupo etário serem incipientes.

Nessa perspectiva, desenvolver um Projeto de Extensão que buscasse associar a realização da Prática de Atividade Física com Atividade Cognitiva junto aos idosos tocantinopolinos, a fim de atenuar autonomia, independência e qualidade de vida, com desfecho positivo para saúde e educação, adiando de forma significativa o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis e mantendo-os por mais tempo funcionalmente capazes para realizar atividades motoras no dia-a-dia foi o objetivo inicial dessa iniciativa.

ENVELHECIMENTO, VELHICE E IDOSO ALIADOS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fim de justificar a relevância da referida proposta, se faz necessário entender a discussão que envolve o processo de envelhecimento e de suas alterações fisiológicas e patológicas. Assim, quando se leva em consideração as áreas de Geriatria e Gerontologia, é preciso conhecer o idoso dentro do processo de velhice e envelhecimento. De acordo com Netto (2016, p.10), envelhecimento (processo), velhice (fase da vida), velho ou idoso (resultado final), constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados.

⁷⁰ A experiência em destaque foi desenvolvida por acadêmicos dos Curso de Educação Física, Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná na Unidade Básica de Saúde do município de Guarapuava/PR.

Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a população idosa como aquela a partir de 60 anos de idade fazendo uma distinção quanto ao local de residência dos idosos. Este limite é válido para os países em desenvolvimento, como o Brasil subindo para 65 anos de idade, quando se trata de países desenvolvidos (WHO, 2009). A Política Nacional do Idoso no artigo 2º. considera idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade (BRASIL, 1999) e com o Estatuto do Idoso, através da Lei nº 10.741, publicado em 1º. de outubro de 2003, considera-se idoso indivíduo com faixa etária igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, sem distinção de cor, raça e ideologia (BRASIL, 2003).

A velhice, última fase do ciclo da vida, associam-se perdas dos papéis sociais, solidão, perdas psicológicas, motoras e afetivas, aumentando predisposição a situações de declínio funcional, multimorbidade, bastante diversificadas e individuais, tornando o envelhecimento uma experiência heterogênea e subjetiva (TEIXEIRA, 2007; NETTO, 2016).

Beauvoir (1970, p.17) coloca que “a velhice não é um fato estático; é o término e o prolongamento de um processo, denominado de envelhecimento”, processo natural dos seres vivos, considerado dinâmico e progressivo, com mudanças nos aspectos morfofuncionais, biofisiológicos e psicossociais, com reflexos nas doenças, estilo de vida, educação, cultura, sexo e condição socioeconômica, tornando os idosos mais vulneráveis e susceptíveis a determinados agravos da saúde (WAMSER et al., 2015; BARBON, WEUTHOLTER, FLORES, 2016; RIBEIRO, SHIMOSAKA, COSTA, 2015).

Importa salientar que do ponto de vista funcional, inúmeros aspectos podem influenciar o desempenho cognitivo, com ênfase à dificuldade de memória relacionada à depressão, ansiedade, sociabilidade, medicações, perdas sensoriais, alterações do sono, doenças vasculares, afecções neurológicas, nível educacional entre outras, além do próprio envelhecimento cerebral normal e fisiológico e uma grande heterogeneidade no envelhecimento cognitivo (GIL; BUSSE, 2019). Assim, se os anos extras de vida são acompanhados de um declínio significativo nas capacidades físicas e cognitivas, os desfechos são negativos, enquanto que se esses anos são vividos com boa condição de saúde, é possível ter uma vida ativa e independente (BEARD; BLOOM, 2015), aliados para um envelhecimento saudável.

O Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, divulgado pela OMS, em 2015 (WHO, 2015), vê-se que “Envelhecimento Saudável”, é definido como processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada, o que é reforçado pela OMS, a importância de ações voltadas em todos os países com destaque para o envelhecimento ativo e saudável, como ação de saúde pública abrangente e de necessidade urgente.

Nesse contexto, como consequência de um envelhecimento populacional, a educação e a promoção de saúde são medidas primordiais, visando manutenção da autonomia e independência, feitura que devem ser ampliadas no âmbito mundial (MUNIZ et al., 2016), com programas que incentivem e estimulem os idosos na realização de atividades físicas, educacionais, sociais, intelectuais, espirituais, ajudando a desacelerar perdas cognitivas, propiciando um envelhecimento ativo e saudável.

ENFRENTANDO DESAFIOS NA GERONTOLOGIA NO NORTE DO TOCANTINS

Trata-se de relato de experiência com natureza descritiva. O **cenário** do estudo foi a Universidade Federal do Tocantins, campus Universitário de Tocantinópolis no período de setembro de 2016 a abril de 2017 com pessoas idosas da comunidade, com idade igual ou superior a 60 anos, considerado pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

Desde 2009, através do Curso de Pedagogia, são idealizados projetos de extensão na linha “terceira idade” e em 2016, o projeto interdisciplinar “Atividade Física e Cognição: Promoção da Saúde do Idoso em Tocantinópolis” foi o pioneiro no Curso de Educação Física de Tocantinópolis, em conjunto com o Curso de Pedagogia e o Grupo de Estudos em Envelhecimento Humano (Pro-Gero), sendo gerado um Projeto de Pesquisa intitulado “Estudo da Atividade Física e Cognição: Promoção da Saúde do Idoso em Tocantinópolis”.

A equipe do projeto era constituída por Profissionais de Educação Física, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Pedagogos, Enfermeiros, Farmacêutico, Nutricionista, Assistente Social, Psicólogo, acadêmicos do Curso de Licenciatura de Educação Física e Pedagogia da UFT, campus de Tocantinópolis.

As atividades foram realizadas três vezes por semana, com turmas nos turnos matutino e vespertino, duração aproximadamente de 60 minutos, por meio de ações operacionalizadas no projeto realizando estratégias de Atividade Física, Dança, Oficina de Memória e Leitura, Acompanhamento Farmacoterapêutico, Oficina de Higiene e Primeiros Socorros, Oficina de Alimentação Saudável e Oficina do Direito da Pessoa Idosa.

A avaliação pelo público alvo foi ao longo do projeto e buscou estimular o julgamento do cumprimento individual e coletivo, das ações necessárias para implementação do trabalho e a avaliação da equipe foi avaliada através do envolvimento e participação dos envolvidos nas discussões e atividades promovidas.

Esse projeto contou com o apoio, parceria e participação da: Universidade Federal do Tocantins, Pró-reitoria de extensão e cultura da UFT, Universidade da Maturidade (UMA), Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, Secretaria de Administração, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Educação, Juventude e Esportes, Secretaria Municipal de Assistência Social, Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Darcy Marinho, Academia da Melhor Idade, Sindicato dos Profissionais de Educação Física do Tocantins, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

O projeto foi dividido em quatro pilares executados: 1) Avaliação Multidimensional ou Gerontológica Ampla da Pessoa Idosa; 2) Promoção e Prevenção da Saúde através do Envelhecimento Ativo; 3) Educação ao longo da vida; e 4) Finalização do Projeto - I Mostra Intergeneracional [sic] da Universidade Federal do Tocantins.

Os pilares 2 e 3 foram subdivididos em temáticas para serem trabalhadas com os licenciados em Educação Física e Pedagogia sendo interagido com os alunos da Educação Básica levando-os para dentro da Universidade e correlacionando com o ensino, pesquisa e extensão, colocando a pessoa idosa como principal objeto de estudo com base no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), que estabelece como obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do

poder público, oportunizar o acesso à educação e à saúde, mediante adequação de metodologias adequadas desde a Educação Básica ao Ensino Superior, por meio de adequação dos seus currículos.

Participaram do Projeto de Extensão 50 idosos, pertencentes ao sexo masculino e feminino, com idade entre 60 a 75 anos. A partir da participação nas diversas atividades propostas, os idosos deixaram de ser sedentários e apresentaram ganho de Amplitude de movimento, força muscular, melhora na coordenação, equilíbrio, velocidade de marcha e na memória com vida mais ativa.

Ao longo do projeto, os participantes foram acompanhados e assistidos pelo Coordenador do Projeto, Professores e Acadêmicos do Curso de Educação Física e Pedagogia da UFT envolvidos no Projeto, profissionais de educação física, pedagogos, fisioterapeutas, enfermeiros, assistentes sociais, farmacêuticos, nutricionistas, psicólogos e alunos do Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho. Cada dia da semana, profissionais de distintas áreas estavam envolvidos nas atividades.

Em uma oficina de Educação em Saúde, voltada para “Promoção da Saúde da Pessoa Idosa no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) da Universidade Federal de Pernambuco”, no ano de 2013, os autores inferem que trabalhar a temática do envelhecimento com pessoas idosas no NAI, direcionaram para questões significativas, pois os mesmos evidenciaram seus preconceitos, opiniões e medos, permitindo reflexões com relação às atividades no processo de prevenção de agravos na velhice e promoção da saúde (CABRAL; ALENCAR; VIEIRA, 2015).

Pesquisadores descrevem que a atividade física promove a autonomia, ajuda a minimizar as perdas causadas pela velhice, auxilia na circulação sanguínea melhorando a memória, e pode retardar as perdas cognitivas, com redução dos transtornos de depressão, ansiedade, por meio da liberação de endorfinas e regulação noradrenérgica e serotoninérgica, determinada pelo exercício físico, sendo perceptível maior relação interpessoal entre os participantes com a prática da atividade física regular (WALKER, 2015; SOUZA et al., 2018; OLIVEIRA et al., 2018).

Macedo (2018) evidencia que as políticas públicas mais atuais buscam estimular ações inclusivas, de autocuidado, autonomia, atenção integral à saúde do idoso e promovendo a resignificação da vida. Por isto, é necessário elaborar ações futuras, baseadas nas necessidades das pessoas idosas, fundamentadas nos princípios da Educação em Saúde, levando em consideração a cultura, o meio e os conhecimentos que os idosos apresentam, fornecendo subsídios pretendidos para tal prática (MALLMANN et al., 2015).

Nesse estudo, admite-se como limitação, necessidade de materiais a fim de melhor execução das atividades teóricas e práticas, pois foi um projeto sem financiamento e percebe-se ausência e números limitados de editais para realização de projetos na área da geriatria e gerontologia, percalços enfrentados pelos pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os idosos participantes do projeto saíram da ociosidade e obtiveram uma integração das dimensões da vida humana, com enfoque para atividade física, cognição e memória sendo percebido assim, a inserção e participação social entre equipe executora e participantes, buscando dessa forma manutenção da autonomia e independência do idoso assistido pelo projeto.

Desse modo, foi perceptível ao final do projeto: modificação nos hábitos de vida dos idosos tocantinopolinos com ganhos na cognição, retardando, dessa forma, o aparecimento de doenças crônicas, mantendo-se por mais tempo, funcionalmente, capazes para realizarem atividades motoras e cognitivas. A população idosa precisa estar ativa, trabalhando a mente, o físico e desenvolvendo o corpo, para que no futuro não estejam acamados, tristes, solitários e sem disposição. Atuamos em conjunto, de forma interdisciplinar, preocupados com a saúde e educação dos idosos tocantinopolinos.

Sendo assim, o projeto alcançou melhora da qualidade de vida dos idosos. Neste sentido, as atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência quer seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam.

Assim, a relação entre ensino, pesquisa e extensão nesse projeto, conduziu a mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem, corroborando efetivamente para a formação profissional de discentes e docentes, fortalecendo o ato de aprender, ensinar e formar profissionais e cidadãos humanizados, além de levar o idoso para dentro da Universidade.

Esse projeto gerou produtos acadêmicos, tais como: Pôster, Relato de experiência, trabalho publicado em eventos científicos, artigo completo, projeto de pesquisa, relatório final das atividades realizadas, culminando com o evento I Mostra Integeracional [sic], propiciando articulação entre o ensino, pesquisa e extensão, procedimentos utilizados para avaliar a aprendizagem dos discentes.

REFERÊNCIAS

BARBON, Fabiola Jardim; WIETHÖLTER, Paula; FLORES, Ricardo Antunes. Alterações celulares no envelhecimento humano. **Journal of Oral Investigations**, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 61-65, out. 2016. ISSN 2238-510X. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/JOI/article/view/1379>. Acesso em: 29 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.18256/2238-510X/j.oralinvestigations.v5n1p61-65>.

BARRETO, Mayckel da Silva; CARREIRA, Lígia; MARCON, Sonia Silva. Envelhecimento populacional e doenças crônicas: Reflexões sobre os desafios para o Sistema de Saúde Pública. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 325-339, mar. 2015. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/26092>>. Acesso em: 29 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i1p325-339>.

BEARD, John R., BLOOM, David E. Towards a comprehensive public health response to population ageing. **Lancet**. 2015;385(9968):658-661. doi:10.1016/S0140-6736(14)61461-6

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice: uma realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v.2, 1970.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. Paulo Paim (org.). Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. 68 p.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. **Portaria nº 1.395, de 09 de dezembro de 1999**. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, DF, p. 20-24.

CABRAL, Juliana da Rocha et al. Oficinas de educação em saúde com idosos: uma estratégia de promoção da qualidade de vida. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, Pernambuco, v.1, n.2, p.71-75, 2015. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2446-5682.20150011>. Acesso em: 20 jun.2018.

CARDOSO, Helen do Socorro Marinho. Contribuições do enfermeiro frente às intervenções no quadro de insônia em idosos: revisão bibliográfica de 2006-2016. 2017. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas (unisl), Porto Velho-RO, 2017.

GIL, Gislaíne; BUSSE, Alexandre Leopold. **Como lidar com problemas de memória e doenças neurodegenerativas**. 1.ed. São Paulo: Hogrefe, 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores: 2018**. PNAD contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores: 2018. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654_informativo.pdf. Acesso em: 20 jun.2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Trimestral Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019**. Disponível em : <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/economia/no-tocantins-ibge-mostra-que-idosos-s%C3%A3o-14-6-da-popula%C3%A7%C3%A3o-1.2021662>. Acesso em: 20 jun.2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **População do último censo, 2010**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>. Acesso em: 20 jun.2019.

LOCKS, Rafaella Ribas et al . Efeitos do treinamento aeróbio e resistido nas respostas cardiovasculares de idosos ativos. **Fisioter. mov.**, Curitiba , v. 25, n. 3, p. 541-550, Sept. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-51502012000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Apr. 2018. <https://doi.org/10.1590/S0103-51502012000300010>.

MACEDO, Paula Leite Antunes de (2018). Percepções e práticas de lazer de servidores públicos federais aposentados. **Dissertação**, Programa Stricto Sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

MALLMANN, Danielli Gavião et al . Educação em saúde como principal alternativa para promover a saúde do idoso. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 6, p. 1763-1772, June 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi>

d=S1413-81232015000601763&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Apr. 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015206.02382014>.

MORAES, Edgar Nunes. **Atenção à saúde do idoso: aspectos conceituais**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012. Disponível em <https://apsredes.org/pdf/Saude-do-Idoso-WE1.pdf>. Acesso em 20 mar.2018

MUNIZ, Emanuel Avelar et al. Desempenho nas atividades básicas da vida diária de idosos em Atenção Domiciliar na Estratégia Saúde da Família. **Revista Kairós : Gerontologia**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 133-146, jun. 2016. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/30365>>. Acesso em: 29 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2016v19i2p133-146>.

NETTO, Matheus Papaléo. Estudo da velhice, histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, Elizabete Viana de; Py, Lígia. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016. p.3-13.

NÓBREGA, Matheus Rodrigues; DEININGER, Layza de Souza Chaves. **A experiência de acadêmicos de medicina no tratamento da depressão em idosos**. In: 13º Fórum Científico de Debates da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, 2017, Cabedelo. Anais do 13º Forum Científico - FCM. João Pessoa: Ideia Editora, 2017. v. 13. p. 71-72.

OLIVEIRA, Francisco Ariclene et al. Atividades de educação em saúde realizadas com grupo de idosas para promoção do autocuidado em saúde. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 137-150, abr. 2018. ISSN 1807-0221. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2018v15n28p137>>. Acesso em: 29 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/1807-0221.2018v15n28p137>.

OLIVEIRA, Beatriz Campos de et al. Avaliação da qualidade de vida em idosos da comunidade. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [s.l.], v. 30, n. 3, p.1-10, 29 set. 2017. Fundação Edson Queiroz. <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2017.5879>.

PILGER, Calíope et al. Atividades de promoção à saúde para um grupo de idosos: um relato de experiência. **Revista de enfermagem e atenção à saúde[Online]**, v.4, n.2, p.93-99, 2015. Disponível em <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/enfer/article/view/340>. Acesso em: 30 jun.2019. [

RIBEIRO, Cezar Grontowski .; SHIMOSAKA, Aline Mati.; COSTA, David da. Qualidade de vida dos servidores em processo de envelhecimento-IFPR Campus Palmas. **Revista FisiSenectus**, v.3, n.2, p.13-23, 2015. doi: 10.22298/rfs.2015.v3.n2.3180.

SILVA, João Victor Farias da et al. A relação entre o envelhecimento populacional e as doenças crônicas não transmissíveis: Sério desafio para saúde pública. **Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 2, n. 3, p. 91-100, mai. 2015.

SOUZA, Fabricio de et al. Relationships between physical activity, quality of life, and age in women attending social groups for the elderly. **Scientia Medica**, [s.l.], v.28, n.4, p.30301-30311, 2018.

TEIXEIRA, Indo. Fragilidade Biológica e Qualidade de Vida na Velhice. In: Neri Al. **Qualidade de vida na velhice: Um enfoque multidisciplinar**. Alínea. Campinas, 2007.

WALKER, A. (2015). Active ageing: Realising its potential. **Australasian Journal on Ageing**, v.34, n.1, p. 2-8, 2015. doi:10.1111/ajag.12219.

WAMSER, Eduardo Luiz et al. Melhor desempenho no teste timed up and go está associado a melhor desempenho funcional em idosas da comunidade. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v.9, n.4, p.138-43, 2015. doi: 10.5327/Z2447- 2115201500040003

World Health Organization (WHO). (2015). World Health Organization World report on ageing and health. Geneva, Switzerland: **World Health Organization**. Recuperado em 29 abril, 2018, de: <http://www.who.int/ageing/events/world-report-2015-launch/en/>.

World Health Organization (WHO). Geneva; 2009. Disponível em: <http://www.who.int/en>. Acesso em 20 agosto 2016.

DA ESCOLA PARA A UNIVERSIDADE, DA UNIVERSIDADE PARA A ESCOLA: 13 DE MAIO, DIA DE LUTAR CONTRA O RACISMO

Bruno Barros dos Santos⁷¹

INTRODUÇÃO

A presente proposta visa debater a contribuição negra africana para a cultura, política e economia da sociedade brasileira. Desconstruindo o 13 de maio, data esta tida de plena libertação da escravidão, o evento realizado, explora os discursos hegemônicos à época de 1888. Utilizou-se de artigos, teses, dissertações sobre o tema das religiões afro-brasileiras como forma de resistência negra antes e depois da “abolição”. E por fim discorreu-se sobre o porquê hoje o dia 13 de maio é conhecido como Dia Nacional do Combate ao Racismo.

Este debate é necessário tendo em vista a permanência de alguns equívocos ou incongruências na compreensão da história do povo negro brasileiro, mais precisamente na data comemorativa do 13 de maio de 1888, conhecido apenas como o dia Nacional da Libertação dos Escravos e não dia Nacional de Combate ao Racismo. A análise realizada começa a partir do título, desnaturalizando-o, isto é, problematizando a questão política que gira em torno da libertação. Analisam-se os juízos de valor que ainda persistem na sociedade brasileira sobre o tema da libertação para chegar a juízos de fato, desse modo não aceitando nada como inquestionável. É preciso entender que há intencionalidade em tudo, afinal o homem é um animal político, em tudo há política, nada é feito sem a intenção da troca.

Mas por onde começar a realizar este exercício? Primeiro, analisar palavra por palavra do enunciado, ou do discurso. Por exemplo: a palavra escravo, o que ela significa no contexto brasileiro de antes e de hoje? Na Grécia Antiga existiram escravos, homens, mulheres e crianças tidos como objetos sem direito algum, eram propriamente mercadoria obtidos em guerras, no entanto, haviam particularidades como por exemplo, um grupo de indivíduos se entregar a escravidão em troca de alimento, segurança e para permanecer em seu lugar de origem (VERNANT, 1989, p.108-109).

E no caso do Brasil, da data comemorativa, 13 de maio, por que não colocar libertação dos pretos-velhos, dos africanos, dos ancestrais? Será que a libertação foi plena? São escravos, então só podem ser libertos, ou não, será essa uma redundância? Por que não o dia nacional dos escravos? O que ocorreu um dia depois da lei da “abolição”, alguma coisa realmente mudou? Os escravos deixaram de ser escravos por um decreto, como viveram desde então?

71 Mestrando em Sociologia (UFMA) - Universidade Federal do Maranhão.

A primeira iniciativa deste evento ocorreu em 13 de maio de 2013 na Escola Estadual José de Souza Porto em Darcinópolis – TO, local onde eu morava na época. A escola em questão tem valor simbólico para mim por ter nela cursado todo o ensino médio. Realizei a palestra sobre a contribuição negra para a cultura brasileira para jovens na faixa etária de 15 a 25 anos. A palestra aconteceu a noite e contou com a participação dos professores de História, Artes e Filosofia. Enfim, minha proposta visou desnaturalizar muito do que ainda hoje se reproduz na sala de aula, como a figura do negro como submisso, inferior e produtivo apenas no que tange ao trabalho braçal.

Seis anos depois, agora estando professor substituto na Universidade Federal do Tocantins realizei a mesma proposta tendo como foco também os alunos do ensino médio, bem como os alunos de graduação ao qual ministrei aulas e os demais interessados. Neste momento não estava sozinho, contei com a participação de quatro⁷² monitores para a organização, logística e todo o preparo técnico do evento, que aconteceu no auditório Adão Ribeiro em Tocantinópolis – TO. Conte também com a participação das professoras Dr^a. Sariza Caetano Venâncio e a M^a. Maria Leal Pinto⁷³. O evento contou ainda com a presença do professor Dr. João Batista de Jesus Félix, que deu suas valiosas contribuições ao debate.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO NEGRA

Quais as características culturais do escravo no Brasil Império? Essa pergunta é pertinente tendo em vista a escravidão no Brasil, não ser de forma alguma constituída por escravos africanos homogêneos, isto porque segundo Roger Bastide:

a África enviou ao Brasil criadores e agricultores, homens da floresta e da savana, portadores de civilizações de casa redonda e de casas retangulares, de civilizações totêmicas, matrilineares e outras patrilineares, ‘pretos’ [...] conhecendo vastos reinados, outros não tendo mais que uma organização tribal (BASTIDE apud AUGRAS, 1983, p. 25).

Exemplo que demonstra a existência de escravos que conheciam vastos reinados é a história da rainha Nã Agotimé (Agongone) do Daomé, atual República do Benin. Segundo Sérgio Ferreti (2009), “Nã Agotimé viúva do Rei Agongolo e mãe do Rei Ghezo, teria sido vendida como escrava por Adondoza” (p. 101). A mesma mulher foi vendida para o Brasil e é tida como fundadora da Casa das Minas, localizada em São Luís do Maranhão, pelo menos a incentivadora da implantação do culto aos voduns. A Casa das Minas tem mais de 400 anos de história e é local de irradiação da religião Tambor de Mina do Maranhão para o resto do Brasil. Nesta religião afro-brasileira existe a crença em entidades que tiveram vida terrena como os caboclos, príncipes e princesas de reinos distantes como a família de Rei da Turquia.

72 São eles: Marcos Antônio que esteve presente no dia do evento, fotografando e também confeccionou a arte do material de divulgação. A Celso que deu valiosas contribuições acerca da logística do “coffeebreak”, bem como na recepção dos palestrantes. A Mayara que participou ativamente como auxiliar dos palestrantes e assessorando o preenchimento da frequência dos alunos ouvintes. E ao aluno Ronaldo que participou como apresentador do evento e mediador.

73 A primeira é professora de História da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína e Maria Leal Pinto é professora da rede estadual de Tocantinópolis – TO.

Para compreender a empresa escravagista e suas investidas é necessário dizer que o comércio já existia antes da colonização do Brasil, segundo Raul Lody (1987) o tráfico escravagista apenas intensificou esse processo possibilitando que as várias etnias africanas viessem para o Brasil e aqui se misturassem. Lody (1987) aponta que, “o comércio escravagista pode ser compreendido em quatro grandes ciclos: 1. Ciclo da Guiné: segunda metade do século XVI. 2. Ciclo de Angola-Congo: por todo o século XVII. 3. Ciclo da Costa Mina: até o início da segunda metade do século XVIII. 4. Ciclo de Benin: até metade do século XIX” (p. 8). Os negros escravos foram vendidos aos montes para o Brasil e outras partes do mundo. Segundo Nina Rodrigues (2008):

difícil precisar a data em que a introdução dos escravos negros ocorreu no Brasil. O comércio de africanos na Europa data de quase meio século antes do descobrimento, e Portugal era sua sede. Portanto, a escravidão negra no Brasil é contemporânea à sua colonização, e ela manteve, nos primeiros tempos, a aparência portuguesa de fenômeno secundário, restrito ao serviço doméstico (p. 27).

Feita as devidas observações, pretendo então abordar três itens fundamentais, que formam o tripé cultural, ou a contribuição dos africanos para a formação do Brasil. Para tal fim, primeiro elencamos o aspecto político e econômico, onde temos a formação de irmandades, dos quilombos e das revoltas. As irmandades negras antecederam a categoria de terreiro, eram organizadas a partir da figura de um santo de devoção, aí se fortalecia o catolicismo popular, a umbanda e outras religiões afro-brasileiras. Temos notícia da Irmandade de São Gonçalo, de Nosso Senhor do Bom Fim entre outras. Os santos eram adorados e reverenciados como se fossem, ou mesmo sendo o próprio orixá, vodum ou inkice, os deuses próprios dos africanos.

Quilombos são registrados em todo o território nacional. Temos além do Quilombo dos Palmares em Sergipe, o de Campo Grande em Minas Gerais, Turiaçu no Maranhão, Jabaquara em São Paulo só para citar alguns. Um movimento de fuga da escravidão que deixou comunidades vivas até hoje. A demarcação e titulação dessas terras são feitas a partir de estudo da cultura dos povos que ali vivem para atestar sua raiz negra. Dentre as revoltas negras, a mais famosa foi a revolta dos Malês, que teve origem em 1835, “consagrada como uma luta política pelo respeito à liberdade, à cultura e contra a imposição do catolicismo durante o período colonial. A data, definida pelos revoltosos, coincidia com o Ramadã, fim do mês sagrado muçulmano”⁷⁴. Foi um grupo constituído por escravos da Bahia, sabiam ler e escrever e chegou a ter 600 integrantes.

Hoje em dia o imaginário político ainda é marcado fortemente pela tradição afro-brasileira, não nas representações partidárias ou nos candidatos⁷⁵, pelo contrário, vê-se nas entrelinhas, escondida, folclorizada. Temos o relato que concede a culpa da morte de Tancredo Neves ao famoso babalorixá Bitá do Barão de Codó - MA, segundo consta no imaginário social brasileiro, a mando de José Sarney (FERRETI, 2001, 78). Soma-se a isso, a peleja de Fernando Collor de Mello a presidência da República, segundo sua esposa na época, este teria recebido em sua casa, uma sacerdotisa afro para realizar sessões que lhe possibilitariam se livrar dos inimigos políticos⁷⁶.

74 Disponível em: <http://umojabrazil.wordpress.com/revoltas-negras/> primeiro acesso em: 04/05/13.

75 Temos notícia de vários ataques a candidatos negros e por serem de religião afro-brasileira. Ver: (NERIS; VALENTE, 2017, p.10)https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2017/02/relatorio_outras_vozes.pdf.

76 Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2012/07/rosane-collor-revela-que-ex-presidente-fazia-rituais-de-magia-negra-na-casa-da-dinda.html>. Acesso em 04/05/2020.

No plano econômico, os escravos tiveram papel fundamental na implantação de uma economia baseada na monocultura: do café, do açúcar, fumo e extração de minério, algo que seria retomado pelo trabalho dos imigrantes. Antecederam o capitalismo, a urbanização, mas foram tidos como um meio de produção, seres coisificados (eram tidos apenas como coisas e não seres humanos) nas mãos dos senhores de engenho, coronéis, nobres. Estes que constituíam a aristocracia e o clero da época que viriam a se tornar donos do capital econômico.

Os negros escravizados formaram a mão-de-obra que deu força a agricultura, aos afazeres domésticos, ao trato animal, ao transporte e todo tipo de trabalho manual. Por conta da falta de mão-de-obra portuguesa, ou mesmo do descaso que estes tinham pelo trabalho manual e pelos índios não serem suficientes, não suportarem ou se suicidarem.

O segundo aspecto é o social, onde a relação de dominação exerce ainda hoje forte marca nas relações do negro na sociedade brasileira. Ao contrário do que dizem, não houve uma democracia racial, o negro ainda é discriminado por sua cor e condição econômica. Não era permitido ao escravo assistir cerimônias religiosas do catolicismo dentro da igreja. Havia uma hierarquia entre os fiéis. Os nobres, representantes da Coroa e a aristocracia cafeeira sentavam na frente, os menos ricos, capatazes sentavam atrás e assim sucessivamente (SILVA, 2005). Os escravos também foram deslocados durante o período de 1730 e 1840 aproximadamente, do centro do Rio de Janeiro, pois o Conde da época queria manter um ar europeu na cidade, era segundo o relato sob acusação de uma medida sanitária, o contato com os escravos poderia transmitir doenças para outros⁷⁷.

Contribuiu para a marginalidade e exclusão da população escrava e recém liberta os estudos de crânio humano, do comportamento, dos costumes. Estudos estes liderados por pesquisadores que comparavam às culturas ditas civilizadas e evoluídas as dos negros tidos como selvagens e atrasados. Através do tamanho da cabeça dizia-se que o negro não era apto para as artes, à literatura e coisas próprias da raça ariana. Neste período o conceito de raça era usado indevidamente para sobrepor um grupo humano sobre o outro, isso aconteceu no século XIX nas teorias evolucionistas, difusionistas, correntes científicas que infelizmente ainda hoje persistem (SCHWARCZ, 1993), em versões reformuladas como na genética, por exemplo. Nas décadas de 1950, 60 e 70 somam-se as investidas militares aos centros de culto afro-brasileiro, foram inúmeros relatos nos noticiários de casas de toque invadidas e da prisão indevida dos sacerdotes acusados de charlatanismo e práticas de magia negra.

Por último, o aspecto cultural, onde os costumes, tradições e crenças marcam profundamente o imaginário brasileiro. Os escravos mesmo não trazendo ao Brasil e as outras partes do mundo, nada menos do que sua psique, sua territorialidade espiritual, e sua memória, conseguiram preservar os diversos *ethos* culturais que lhe formam, em outras palavras o axé, força vital, resistiu. No documentário Atlântico Negro – Na rota dos orixás⁷⁸, conta-se que antes de vir para o local de trabalho forçavam os negros na Costa Mina e em outros portos, a darem voltas em torno de uma árvore para que esquecessem sua história.

As religiões afro-brasileiras, são grandes contribuições do negro a cultura brasileira, estão presentes em todo o território brasileiro. São umbandas, terecôs, pajelanças, xangôs, batuques, tambores de mina, candomblés, que fazem do Brasil o país rico culturalmente. No Pará vigora o Tambor de Mina, o Batuque, em Pernambuco o Xangô, no Sergipe a Jurema, no Amazonas

77 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EAQranIgyca>. Acesso em: 04/05/13.

78 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5h55TyNcGiY>.

a Pajelança, em São Paulo o Candomblé de nação nagô, mina, jeje, de caboclo, no Rio Grande do Sul também o batuque. Não podemos esquecer de outros traços como: as falas, sotaques, comidas, danças, entre outras. No Tocantins existiu e ainda existe uma grande migração do terecô piauiense, da mina Maranhense e do batuque paraense que torna esse Estado um grande centro de hibridização religiosa (VENÂNCIO, 2013).

A religião umbanda é tida como propriamente brasileira, pois reúne em seu panteão místico as entidades do kardecismo, do catolicismo popular, do candomblé e tem em seus toques espaço dedicado aos primeiros habitantes do país, também conhecidos como Caboclos: Índios (Ubirajara, Iracema, Caboclo Sete-Flechas), seus colonizadores e reis, fidalgos (Dom Luís Rei de França, Rei da Turquia, Jarina, Erondina) e os escravos africanos, vítimas de sofrimento, genocídio, extermínio, são conhecidos no culto como preto-velhos (Pai João, Pai Anacleto, Vovó Acácia) (FERRETI, 2000), algo que remete também ao ufanismo da época, a exaltação dos personagens de nossa terra. No entanto, é uma religião marginalizada, por ser concebida como religião de negros, pobres e favelados, atores historicamente também marginalizados. Certamente a umbanda é um fenômeno que se iniciou com a urbanização, mas em sua origem foi religião fundada por membros de alto status, funcionários públicos, com status social elevado. A fé professada nos templos, tendas não tem base em nenhuma bíblia, como as religiões cristãs, todo o conhecimento é advindo da oralidade, ou seja, não é institucionalizada (SILVA, 2005). O preconceito se dá por esses e outros motivos como o não conhecimento do culto por parte dos intolerantes, tem o mesmo como primitivo e incivilizado. A má apropriação das simbologias por outras denominações religiosas, isto é, em uma sociedade elitista, preconceituosa, sexista e paternalista, a umbanda de predominância feminina, humilde fica relegada a segundo plano.

RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO DEBATE NO EVENTO

O evento foi aberto aos acadêmicos, discentes e docentes do curso de Ciências Sociais do campus da UFT de Tocantinópolis – TO e os demais cursos da mesma instituição, porém o público alvo desta proposta foram os alunos da rede Estadual de Ensino⁷⁹ do Tocantins e ainda uma turma de alunos da rede Estadual de Porto Franco (escola Fortunato Moreira Neto).

Para melhor percepção do alcance educativo do debate no evento, recorro a algumas respostas dadas no relatório do sistema SigProj, por exemplo, houve integração acadêmica: articulação com o ensino e a pesquisa? Afirmo que sim. Como a maior parte do público faz parte das escolas de ensino médio, viu-se que muitas dúvidas foram sanadas e questões apareceram muitas delas não abordadas no cotidiano da sala de aula. Outra pergunta é, houve integração entre as áreas do conhecimento, aspectos da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade? Também respondemos positivamente. A pesquisa de Maria Leal Pinto (umas das palestrantes) versa sobre o Povo de Santo e a guerrilha do Araguaia, o evento foi o momento do público se inteirar mais de sua própria história que é relegada ao esquecimento na sociedade atual. Tendo em vista que Porto Franco teve presos políticos à época da ditadura militar de 1968, é o caso do preso político e revolucionário Epaminondas. Percebeu-se que a maioria não sabia desta parte de sua história local.

⁷⁹ Estava presente em peso a Escola José Carneiro de Brito, conhecida também como escola padrão. Outras escolas da cidade de Tocantinópolis foram convidadas mas não estiveram presentes.

Continuamos com o uso do relatório, quando questiona se os resultados obtidos para a comunidade/público alvo foram efetivos e eficientes? Sim. Porque a maioria dos comentários nos questionários de avaliação aplicados depois do evento obteve respostas positivas. A opinião por parte de alunos e professores do ensino médio é que a oportunidade de sair dos muros da escola e de estar na universidade, tendo voz ativa, mostra a real significação do termo construindo conhecimento. Foram poucos os que responderam o questionário aplicado pela equipe do evento⁸⁰, no entanto, de acordo com as respostas obtidas entendemos que o ouvinte se sentiu satisfeito com a fala dos palestrantes, que em momento nenhum se apegaram a termos científicos complexos ou fora do alcance do público alvo. O resultado que tiramos é que apesar dos temas serem caros a sociedade, tendo em vista o tabu que é falar de religiões afro-brasileiras e da contribuição do negro, os alunos afirmaram que aprenderam muito com as palestras. Foram críticos quando disseram que sentiram falta de apresentações culturais no início do evento para que assim não fiquem somente ouvindo, o que eles já estão cansados em sala de aula. Essa é uma contribuição que será acatada para os próximos eventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto teve a participação efetiva de cerca de 60 alunos, 30 vieram de Porto Franco – MA, através da balsa e do ônibus que foi solicitado por mim junto a UFT. A professora Sariza Venâncio veio de carro próprio de Araguaína – TO, o que demonstra o comprometimento com a causa, com o saber e com o projeto. Participaram do corpo docente da UFT de Tocantinópolis - TO o professor Dr. João Batista de Jesus Felix que ficou responsável espontaneamente pela gravação de todo o evento em vídeos que foram publicados nas redes sociais⁸¹. Nossa intenção de início era nomear o evento como 13 de Maio dia de combate ao racismo, porém fomos orientados pela equipe de extensão da UFT responsável pela aprovação do projeto, a nomear o mesmo apenas como dia da Libertação dos Escravos, pois essa é a data oficial⁸².

Houve um *coffee break* que ajudou a despertar ainda mais o apetite dos alunos para o conhecimento. Ocorreu também mostra e venda de livros trazidos pela professora Sariza Venâncio, que versão sobre a produção acadêmica do curso de Letras da UFT de Araguaína e sobre a luta de movimentos de mulheres na Amazônia Oriental⁸³. Alguns exemplares foram doados para a UFT de Tocantinópolis e outros para as escolas ali presentes. Nos debates víamos uma interação entre os palestrantes e os alunos que sempre se preocupavam em perguntar e esclarecer algo. Estava

80 A turma de alunos de Porto Franco – MA foi obrigada a ir embora antes do fim do evento tendo em vista o horário já avançado, alguns moram na zona rural o que os força a estarem saindo mais cedo para ter tempo de alcançar o ônibus em direção a suas residências.

81 São dois vídeos que estão publicados no *Youtube*: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QC-TxQQPhgl4&t=919s>, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jBBGDoNZm5s&t=5s>. Acesso 04 de maio de 2013.

82 O dia 13 de maio foi transformado pelo Movimento Negro Unificado – MNU, em Dia Nacional de Denúncia ontra o Racismo, após a fundação do Movimento Negro Unificado – MNU, no ano de 1978. A contestação do 13 de maio como data que é lembrada como a da Abolição da Escravatura pela oficialidade, se dá porque os descendentes de africanos não participam igualmente na sociedade brasileira, uma vez que ainda há preconceito racial e discriminação racial manifestados pelo racismo contra negros e negras na sociedade brasileira (OGUMBIYI, 2009).

83 Para saber mais ver: Dernival Venâncio Ramos Junior e Márcio Araújo de Melo (2018) e Idelma Santiago da Silva et al (2017).

também presente no evento o professor Dr. Dernival Venâncio que acompanhava sua esposa Sariza Venâncio, ambos são professores do curso de História e do PPGCult⁸⁴ de Araguaína - TO .

O evento foi planejado com antecedência, foram pelo menos 3 reuniões depois das aulas na UFT com a equipe de organização para que tudo corresse bem, como esperado. A aplicação do planejamento no dia 13 de maio foi o resultado de muita conversa, depois de tudo terminado foi o momento de sentar e compartilhar experiências, erros e acertos para pensar em um próximo trabalho.

Esperamos que o evento em questão se repita em outras ocasiões com a ajuda financeira da universidade, para que o público possa desfrutar melhor do ambiente e ter algo além da comunicação para se interessar, por exemplo, uma apresentação cultural como foi lembrado pelos ouvintes. Infelizmente sabemos que a escravidão não foi propriamente abolida, e nem foi somente a princesa Izabel que em 13 de maio de 1888 sozinha promulgou a mesma, foram diversos movimentos e motivos que levaram o país a terminar simbolicamente com a escravidão, a própria luta dos escravos, a emergência da República e do sistema econômico capitalista são alguns motivos. Ainda há pessoas que sofrem preconceito, maus tratos no trabalho, são vendidas para prostituição, trabalham sem salário digno e sem direito algum quando não são mortas por conta da intolerância racista de pessoas mal educadas e doentes. São mais de 131 anos lutando pelo real fim da escravidão.

As contribuições política, social e cultural negras estão entrelaçadas, as nomenclaturas apenas são formas de compreender melhor a cultura. Hoje temos as fundações de cultos próprios das religiões afro-brasileiras, um movimento político dentro da cultura, mesmo que alguns não se sintam representados. Para a promulgação da cultura negra temos a lei 10.639/03 que estabelece como obrigatória o ensino da cultura africana nas escolas, algo que dificilmente vai ser ensinado devidamente, pois faltam profissionais e/ou não são incentivados a adotar o material disponível para tal empreendimento.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. **O duplo e a Metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 1983.

FERRETI, Sergio F. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão**: – 3^a ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís – A casa Fanti-Ashanti**, São Luís: Sioge, 2000.

_____. **Encantaria de Barba Soeira. Codó, capital da magia negra?** São Paulo: Ed. Siciliano, 2001.

JÚNIOR, Dernival Venâncio Ramos; MELO, Márcio Araújo de. (Org.) **O ensino de literatura africana: textos, sujeitos e práticas**. EDUFT, Palmas – TO, 2018.

84 Programa de Pós Graduação em Cultura e Território.

LODY, Raul. **O que é Candomblé**. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios, 1987.

NERIS, Natália; VALENTE, Mariana. **Relatório Outras Vozes: gênero, raça, classe e sexualidade nas eleições de 2016**. Disponível em: https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2017/02/relatorio_outras_vozes.pdf. Acesso em: 04/05/2020.

OGUMBIYI, Adomair. 13 de Maio – Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo. Disponível em: <http://mnu.blogspot.com/2009/05/13-de-maio-dia-nacional-de-denuncia.html>. Acesso em: 04/05/2020.

REVOLTA DOS MÂLES. (<http://umojabrazil.wordpress.com/revoltas-negras/>./ 04/05/13).

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 5. Ed. São Paulo, Nacional, 2008.

SILVA, Idelma Santiago da. et al (Org.) **Mulheres em perspectiva: trajetórias, saberes e resistências na Amazônia Oriental**. 1ª. Ed. – Belém [PA]: Paka-Tatu, 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**. São Paulo: Selo Negro. 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças– cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. **Tenda Espírita Umbandista Santa Joana D’Arc: a Umbanda em Araguaína**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; UFMA, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga**. Tradução Marina Appenzeller. - Campinas, SP : Papyrus, 1989.

DAS IDEIAS AO ATO: I MOSTRA DE EXTENSÃO DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS

Rafael Caetano do Nascimento⁸⁵ e Jéferson Muniz Alves Gracioli⁸⁶

INTRODUÇÃO

Diversas são as ações de extensão realizadas pela Universidade Federal do Tocantins no campus de Tocantinópolis, assim como é diverso seu público, suas práticas e seus saberes. Cada ação, em seu respectivo universo de inserção, enfrenta seus desafios formativos, investigativos e de mediação das relações humanas (afinal, é na relação humana que a extensão se desenvolve). Esses universos, no tecer de seus trabalhos, muitas vezes não conseguem se articular abrangentemente com outras instâncias da universidade, de modo que a comunidade envolvida, discentes e docentes do campus não conseguem se integrar das atividades realizadas por outros projetos, necessitando de esforços para promover essa intercomunicação. Mesmo que as ações se voltem para a transformação da realidade local, não se tinha até 2019, um momento conjunto para partilha das atividades e produções da extensão universitária do campus. Motivado por essas questões é que o Comitê Setorial de Extensão propôs articular a I Mostra de Extensão do campus de Tocantinópolis.

Os Comitês Setoriais, assim como o Comitê Central, foram criados e regulamentados pela Resolução nº08, de 14 de março de 2018. Antes disso, cada campus possuía um Grupo de Trabalho (GT) de Extensão responsável por organizar e articular as ações extensionistas locais. A partir da resolução acima citada, o GT de extensão de Tocantinópolis, formado por docentes, discentes e técnicos, se reestruturou e passou a se organizar como Comitê Setorial de Extensão. Neste primeiro momento dedicou-se a estudar e compreender a proposta para a organização dos trabalhos a serem realizados, com vistas a ser a referência de extensão no campus. Fruto desses esforços houve um primeiro levantamento das ações de extensão registradas na plataforma SIGPROJ e executadas em Tocantinópolis, assim como uma listagem de futuros trabalhos a serem feitos.

Em 2019 o Comitê Setorial de Tocantinópolis passou a ser formado por docentes dos quatro cursos do campus (Pedagogia, Ciências Sociais, Educação Física e Educação do Campo) e discentes da Pedagogia e Educação Física. Deu continuidade aos levantamentos das ações em andamento no campus e reuniu-se mensalmente para discutir as políticas de extensão da

85 Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Rio Claro. Professor Substituto da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Tocantinópolis, curso de Pedagogia. E-mail: racanascimento@gmail.com

86 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Tocantinópolis, curso de Pedagogia. E-mail: jefersongracioli@mail.uft.edu.br

UFT, de modo a propor intervenções em consonância com as problemáticas e necessidades locais. Portanto, é em meio ao seu processo de consolidação junto à avaliação de uma necessária partilha do que vinha acontecendo nas distintas ações de extensão, somada ao anseio de promover atividades culturais no campus que envolvessem comunidade acadêmica e local, que surgiu a ideia de se construir um momento no qual saberes e práticas dos distintos sujeitos da extensão pudessem integrar universidade e município.

Partilhar práticas e saberes extensionistas é um modo de potencializar esse fazer formativo que é a extensão, de dar visibilidade à comunidade, divulgar as produções dos projetos, cursos e eventos e ainda permitir a quem não conhece a extensão acadêmica (seja discente ou não) de entrar em contato com ela. Sendo assim, o objetivo deste texto é apresentar ao leitor e leitora como se estruturou e aconteceu a I Mostra de Extensão do campus de Tocantinópolis, ou seja, o modo como se pensou sua programação, suas modalidades de apresentação e as ações de extensão que se envolveram em seu acontecimento e, por fim, trazer uma discussão sobre seus desdobramentos.

EXTENSÃO EM AÇÃO: MOVIMENTO TRANSFORMADOR DAS COMUNIDADES PARTICIPANTES

A organização de um evento acadêmico parte de uma ação conjunta de docentes, discentes e demais servidores de uma instituição. A construção dos saberes em um ambiente colaborativo enriquece as experiências do evento e proporciona uma transformação nos comportamentos e ações dos sujeitos sociais. Toda a eficácia da execução das atividades e seus resultados transformadores necessitam do planejamento e acordo entre os pares engajados nesta ação.

A I Mostra de Extensão do campus de Tocantinópolis, que aconteceu no dia 17 de outubro de 2019, foi um processo que ganhou corpo ao longo dos encontros mensais do Comitê Setorial de Extensão. Nas reuniões presenciais, debatia-se a necessidade do reconhecimento e exposição das ações desenvolvidas no campus. Portanto, o evento teve como objetivo apresentar e articular as ações de extensão realizadas em Tocantinópolis para a comunidade acadêmica e comunidade geral. Para registro da atividade, o evento foi cadastrado no SIGPROJ nº 340044.1829.273780.13092019 no edital do fluxo contínuo em 2019.

A comissão organizadora foi composta pelos membros do Comitê Setorial de Extensão e discentes voluntários da graduação. O planejamento do evento ocorreu nas reuniões do comitê, com a indicação de mesas, palestrantes, formas de exposição de trabalhos, cenário, divulgação e cronograma das atividades. Acrescenta-se ainda, que houve um contato por e-mail com os coordenadores de projetos e demais ações extensionistas para participar ativamente na produção de oficinas, rodas de conversas, exposição de banners, produtos dos projetos, entre outros.

A partir disso, criou-se uma programação do evento (Figura 1) com a distribuição de atividades nos três períodos do dia, incorporando atividades culturais, exposições, oficinas e rodas de conversa. Além das apresentações dos projetos de extensão, houve uma preocupação do comitê em aprofundar o conceito de extensão para a comunidade institucional. Com esse propósito, foi feito um convite a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (Proex), representada no evento pela Pró-Reitora da Universidade Federal do Tocantins, Maria

Santana Milhomem, proferindo sobre a essência da extensão como movimento transformador das comunidades externas à universidade.

Figura 1: Programação da I Mostra de Extensão do Campus de Tocantinópolis

Horário	Atividade	Local
8:00 às 9:00	Espectáculo Circo APAEANO	Pátio do Bloco de Salas
9:00 às 10:00	Conferência de Extensão Prof. ^a Maria Santana	Auditório da DRE
10:00 às 12:00	Mesa com o Comitê Setorial de Extensão de Tocantinópolis Prof. Cícero; Fabíola; João Batista; Rubens	Auditório da DRE
8:00 às 22:00	Exposição de banners dos projetos de extensão: <ul style="list-style-type: none"> • Brasil, mostra a tua cara, quero ver quem conta a nossa história enfim... I Colóquio do PADI-História do campus de Tocantinópolis • Rede de Aprendizagem e Desenvolvimento da Docência (ReAD) 2019 • Projeto Jita Kyoei: Judô, bem-estar e benefícios mútuos • Brinquedoteca Mário de Andrade • Ritmos populares do Brasil 	Pátio do Bloco de Salas
8:00 às 22:00	Exposição produtos dos projetos de extensão: <ul style="list-style-type: none"> • Cineclube da UFT em Tocantinópolis • LEPECAM – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo 	Pátio do Bloco de Salas
8:00 às 22:00	Imersão: Clube dos Livres	Sala 4
14:00 às 18h	Roda de Conversa: GATI – Grupo de Apoio a Terceira Idade	Sala 6
14:00 às 16:00	Oficina/ Vivência: Projeto Jita Kyoei: Judô, bem-estar e benefícios mútuos (25 vagas)	Sala de Lutas
15:00 às 15:30	Apresentação teatral: Educação dos surdos	Pátio do Bloco de Salas
16:00 às 18:00	Oficina/ Vivência: JIU-JITSU BRASILEIRO: defesa pessoal, saúde e qualidade de vida da comunidade tocantinopolina (30 vagas)	Sala de Lutas
18:30	Apresentação de dança	Pátio do Bloco de Salas
18:40 às 22:00	Rodas de Conversa: <ul style="list-style-type: none"> • Futebol é coisa de... quem quiser • Ciranda Infantil • Saúde e Cognição na Melhor Idade • Brasil, mostra a tua cara, quero ver quem conta a nossa história enfim... I Colóquio do PADI-História do campus de Tocantinópolis 	Salas 1 e LIAPE Brinquedoteca
19:00 às 22:00	Oficina/ Vivência: Ritmos populares do Brasil (20 vagas)	Sala de Danças

Fonte: Folder elaborado pela comissão organizadora, 2019.

No sentido de produzir um registro a respeito do evento, enfatiza-se aqui cada ação de extensão com seu respectivo coordenador e/ou coordenadora. Assim, na seção de banners apresentaram as seguintes ações: a) “Brasil mostra a tua cara, quero ver quem conta a tua história, enfim... I Colóquio do PADI - História do campus de Tocantinópolis”, coordenação Prof. Marco Aurélio Gomes de Oliveira (Pedagogia); b) “Rede de Aprendizagem e Desenvolvimento da Docência (ReAD)”, coordenação Prof. Jéferson Muniz Alves Gracioli (Pedagogia); c) “Projeto Jita Kyoei: Judô, bem-estar e benefícios mútuos”, coordenação Prof. Mayrhone José Abrantes Farias (Educação Física); d) “Brinquedoteca Mário de Andrade”, coordenação: Prof.^a Zian Karla Vasconcelos Barros (Pedagogia), Prof. Mayrhone José Abrantes Farias (Educação Física), Prof.^a

Janaína Ribeiro de Rezende (Pedagogia); e) “Ritmos Populares do Brasil”, coordenação Prof.^a Bethânia Alves Costa Zandomíngue (Educação Física).

Para a apresentação de produtos dos projetos de extensão (livros, artigos e outros) estiveram as seguintes ações: a) “Cineclube da UFT em Tocantinópolis”, coordenação Prof. João Batista de Jesus Félix (Ciências Sociais); b) “LEPECAM - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo”, coordenação Prof. Marcus Facchin Bonilla (Educação do Campo) e Prof. José Jarbas Ruas Júnior (Educação do Campo).

O projeto de extensão “Clube dos Livres”, sob coordenação da Prof.^a Aline Campos (Pedagogia), montou uma instalação com fotos, vídeos, textos, desenhos e artesanatos da população carcerária da Cadeia Pública de Tocantinópolis, onde as pessoas puderam fazer uma imersão pelas vivências do projeto.

Na proposição de oficinas/vivências contribuíram os projetos “Projeto Jita Kyohei: Judô, bem-estar e benefícios mútuos” e “Ritmos Populares do Brasil”, mencionados acima. Contribui também o projeto “Jiu-Jitsu Brasileiro: Defesa Pessoal, Saúde e Qualidade de Vida da Comunidade tocantinopolina”, coordenação Prof. Bruno Fernandes Antunez (Educação Física).

Nas rodas de conversa estiverem presentes as seguintes ações: a) “GATI - Grupo de Apoio à Terceira Idade”, coordenação Prof.^a Fabíola Andrade Pereira (Pedagogia); b) “Futebol é coisa de... quem quiser”, coordenação Prof. Adriano Lopes de Souza (Educação Física) e Prof. Mayrhon José Abrantes Farias; c) “Ciranda Infantil”, coordenação Prof.^a Luana Mara Pereira (Educação do Campo); d) “Saúde e Cognição na Melhor Idade”, coordenação Prof. Rubens Vinícius Letieri (Educação Física); e) “Brasil mostra a tua cara, quero ver quem conta a tua história, enfim... I Colóquio do PADI - História do campus de Tocantinópolis”, já mencionado acima.

Houve ainda a apresentação de dança realizada pelo projeto “Ritmos Populares do Brasil” e visitas à “Brinquedoteca Mário de Andrade” no período da manhã e noite. As demais apresentações culturais (Espetáculo Circo APAEANO e Apresentação Teatral: Educação dos Surdos) foram organizadas pela Comissão Cultural da Semana Acadêmica da Pedagogia, a qual estava acontecendo na mesma semana da Mostra de Extensão. Com essa articulação, foi possível trazer a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), sob direção de Licionina Maria Rodrigues da Silva, e o projeto de educação com surdos da Prof.^a Estefânia Esteves da UFT de Araguaína para o dentro do campus de Tocantinópolis, fortalecendo a abertura da Universidade com a comunidade.

A Mostra de Extensão aconteceu conjuntamente com a Semana Acadêmica da Pedagogia, a qual foi organizada por docentes e discentes do respectivo curso. Ela aconteceu entre os dias 14 e 18 de outubro de 2019, ficando a quinta-feira (17/10) reservada para as atividades da Mostra, a qual contou com participação de todos os cursos do campus. Uma questão desta ação conjunta é que por se tratar de um campus com quatro cursos, é importante que alguns eventos sejam planejados e aconteçam associadamente, pois isso viabiliza e possibilita a presença de mais estudantes nos eventos acadêmicos ao invés de um possível esvaziamento durante sua execução.

Levando-se em conta que cada projeto carrega em si vivências bastante singulares, permitiu-se aos grupos que escolhessem entre distintas modalidades aquela que julgassem a mais adequada para compartilharem suas experiências. Assim, criou-se um espaço culturalmente diverso com exposição de livros e artigos, banners e outros produtos, realização de oficinas/

vivências, rodas de conversa, instalação para imersão e visitação. Os participantes puderam experimentar por diferentes linguagens o que são as construções de processos inter e transdisciplinares pautados na relação dialógica entre Universidade e outros setores da sociedade.

Para a estruturação da Mostra foi fundamental o levantamento das ações de extensão (tarefa iniciada em 2018 com continuidade em 2019), pois permitiu saber o andamento de cada uma delas e quais os/as docentes responsáveis por coordená-las. Para tanto, a criação de um e-mail institucional para o Comitê Setorial (extensaotoc@uft.edu.br) facilitou a comunicação com as coordenações de curso e, conseqüentemente, no diálogo com professoras e professores extensionistas. Entretanto, vale ressaltar que esse diálogo ainda precisa ser refinado e aprimorado, como por exemplo, firmar a importância em se comunicar ao Comitê Setorial quando as ações são cadastradas na plataforma SIGPROJ, além da ciência do respectivo colegiado, núcleo, setor a que está vinculada a ação.

Posto a trajetória de sua construção, a estrutura de sua organização e as articulações realizadas para seu acontecimento, seguem algumas fotos da I Mostra de Extensão do campus de Tocantinópolis (Figura 2). No dia 17 de outubro de 2019 a Universidade se alimentou de educação, ciência e cultura:

Figura 2: Atividades realizadas durante a I Mostra



De cima para baixo, da esquerda para a direita: 1. Circo Apaeano; 2. Livro Cineclubes da UFT - Tocantinópolis; 3. Oficina Projeto Jita Kyoei; 4. Rodas de Conversa; 5. Cartaz da I Mostra; 6. Imersão Clube dos Livres; 7. Livro do projeto Clube dos Livres; 8. Oficina Ritmos Populares do Brasil; 9. Visitação da Brinquedoteca

Fonte: Comissão Organizadora da I Mostra, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA CONTINUAR PENSANDO E CONVERSANDO

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário. (FREIRE, 2013, p.57)

Realizar a Mostra não resolve nem esgota os problemas e desafios de se fazer extensão na universidade, mas abre o seu campo problemático e o traz para o centro do debate, juntamente com os sujeitos que a praticam. É nesse sentido que as palavras iniciais de Paulo Freire (2013) se fazem necessárias, pois aponta que é no diálogo problematizador em torno de um objeto que se constrói o pensamento: sempre com o(s) outro(s). Assim, é na criação de um espaço para se dialogar, debater, conversar sobre ensino, pesquisa e extensão que linguagem-pensamento-realidade se tecem, tornando-se possível identificar desafios, potencialidades e futuras políticas das ações de extensão.

Tendo em vista que no ano de 2019 o Comitê Setorial levantou um total de 26 ações de extensão no campus de Tocantinópolis e que na Mostra 13 delas estiveram presentes, evidencia-se a necessidade em afinar o diálogo com coordenadores e coordenadoras das ações para haja maior presença delas nesses momentos de apresentação, partilha e discussão. Outra questão que emergiu foi a necessidade da Universidade aprofundar seu diálogo com a comunidade externa de modo a abrir-se cada vez mais à população e, assim, cumprir com seu papel democrático na produção de um conhecimento comprometido com a transformação social.

Sendo um dos objetivos da Mostra a divulgação tanto interna quanto externa da extensão, isso possibilitou aos discentes da graduação entrar em contato com as diferentes ações e abrir um campo de compreensão de suas dimensões inter e transdisciplinar. Este fator motiva a busca por participação em ações promovidas não somente por seu curso, mas também por demais técnicos/as e docentes do campus. Por fim, a partilha acaba por promover e incentivar publicações das ações de extensão de modo a sistematizar e divulgar o que se tem feito.

Em um breve diagnóstico posterior a execução do evento, por meio dos diálogos no contexto universitário, observou que a comunidade acadêmica desconhecia projetos desenvolvidos pela sua própria instituição superior. Isto posto, a realização do evento cumpriu com seu objetivo em apresentar e articular ações de extensão concebidas em Tocantinópolis para a comunidade acadêmica e comunidade geral, manifestando trocas de experiências e revendo prioridades que promovam a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.

De acordo com Saraiva (2007), é por meio da extensão que o acadêmico vivencia experiências significativas com uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, corroborando com o conhecimento científico e popular. Paralelamente a esse processo de construção de saberes, o público externo dispõe de contextos reais que norteiam os métodos e estratégias denotadas nas pesquisas científicas. Para tanto, as diferentes metodologias apresentadas nas atividades da Mostra de Extensão, demonstram proponentes capazes de se comprometerem a uma qualidade no processo de aprendizagem, e os oblatos, apoderam-se de um aprimoramento em construir soluções para os próprios problemas identificados na comunidade.

Em razão do reconhecimento do papel das ações de extensão na formação do acadêmico e nas transformações das comunidades populares, percebe-se a relevância da diversidade de temáticas (saúde, teatro, história, lutas, danças, cinema, brincadeiras infantis, futebol, entre outras) apresentadas na Mostra de Extensão. Estas representam o compromisso da universidade pública em proporcionar alternativas para atender demandas oriundas da sociedade em geral.

Como nos ensinou Oswald de Andrade (1928) com sua Antropofagia, comemos cultura e, transformando-a junto da transformação de nossa presença no mundo, potencializamos nossa capacidade de re-existir: política, social e culturalmente. A I Mostra de Extensão do Campus de Tocantinópolis foi o momento para nos antropofagizar: alimentarmo-nos de cultura e nos lançar naquilo que Paulo Freire ensina com seu verbo **esperançar**: tornar-se presença viva no tempo de existir. Estar presentemente vivo, na partilha de saberes e fazeres, é construir meios para essa busca curiosamente humana: a de **ser mais** (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, Ano 1, n.1, 1928, p.3-7.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SARAIVA, José Leite. Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores. **Brasília Médica**, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

I MOSTRA DE EXTENSÃO – Cadastrado por meio do Edital 2019 - Fluxo Contínuo das Ações de Extensão. Protocolo de registro no SIGPROJ nº 340044.1829.273780.13092019.

POSFÁCIO

Discorrer sobre a extensão se reveste de dois importantes aspectos para mim. O primeiro diz respeito a um sentimento, ao qual descrevo como uma imensa felicidade em abordar, mesmo que brevemente, sobre essa temática.

O segundo aspecto diz respeito a uma singular oportunidade acadêmica em razão de que a extensão precisa e merece ser sempre colocada em lugar de destaque em razão da extrema importância da mesma como um dos maiores diferenciais e fundamentos para se alcançar uma educação de qualidade referenciada socialmente e com poder transformador da realidade na qual está inserida.

Ao analisarmos brevemente e despretensiosamente a evolução das bases da universidade e como se chegou ao atual tripé indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, necessário se faz tecer panorâmicas considerações.

A primeira consideração nos remete ao surgimento da educação superior na Europa, nos idos da baixa Idade Média, por volta de 1150 em Bolonha quando se acredita que foi criada a primeira Universidade, a qual nascia sob a batuta da Igreja Católica e tinha como fundamento apenas o ensino.

Por sua vez, a necessidade da inserção da pesquisa no modelo educacional se dá pela falência do modelo calcado apenas no ensino pelas mudanças sociais ocorridas na Europa. Essas transformações vão se concretizando entre os séculos XIX e XX, pressionando a inserção da pesquisa no sistema de educação superior tendo como um dos seus principais articuladores o naturalista alemão Alexander von Humboldt.

Mas, para completar o atual tripé do modelo educacional da universidade, foi inserida a extensão a partir de experiências de universidades inglesas já no final do século XIX e consequente expansão para as universidades americanas.

Há uma frase inglesa *last but not least* (último, porém não menos importante) que descreve com muita propriedade o que ocorreu historicamente com a extensão, posto que foi a última coluna do tripé, todavia não é a menos importante como, infelizmente, alguns a tratam.

Feita essa tecitura, há que se destacar que, talvez, o menosprezar da extensão por parte de alguns tenha relação com seu potencial disruptivo do modelo cartesiano de educação e de ciência na medida em que a extensão é, em sua essência, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, que considera a alteridade, que leva até a sociedade os ganhos do bom ensino e da boa pesquisa com implicações políticas e sociais conclamando a universidade a sair muitas vezes do seu *status quo* para o exercício de sua função de intervenção e transformação social.

De fato, é essa sua capacidade transdisciplinar e de inserção social possibilitada pela extensão universitária que confere a importância que a mesma tem, que a torna tão vital, indispensável e relevante para a gestão e para o Campus de Tocantinópolis.

Destarte, há que se destacar o quanto as ações de extensão desenvolvidas neste campus Universitário de Tocantinópolis têm reafirmado a importância que a educação superior tem para nossa cidade e região.

Outro aspecto importante é o quanto as boas práticas de extensão universitária projetaram nosso campus dentro da UFT, tendo ganhado vários e relevantes prêmios exatamente porque fazem um elo entre a universidade e a comunidade em formato de prestação de serviço, inclusive despertando em nossa comunidade o desejo de adentrar nossos portais e fazer parte destas conquistas.

Neste sentido, a extensão ao cumprir a sua missão institucional, serve como liame, e, ao meu ver, posso relacioná-la com algumas características da figura mitológica do deus romano Janus e todo seu universo de representações.

Podemos começar descrevendo que a característica mais marcante de Janus é que ele possuía duas faces: uma voltada para frente e outra para trás. Inclusive, o mês de janeiro é uma espécie de homenagem ou referência a Janus.

A partir daí, já é possível traçar um paralelo com as principais características em comum que vejo entre a extensão e Janus. A primeira delas é que Janus representa a passagem do antigo para o novo, assim como o mês de janeiro. Ou seja: as boas práticas de extensão também representam essa passagem de um paradigma antigo de educação superior para um novo paradigma calcado na transdisciplinaridade. A extensão se constitui em uma transposição de um portal cujo horizonte se mostra transformador de realidades sociais, bem como potencializador da formação do estudante e das práticas pedagógicas do docente extensionista.

A figura mitológica de Janus, assim como da extensão, também representa recomeços, reinvenções, escolhas, decisões e expectativas próprias do futuro, que pode até ser difícil, mas não deve tirar nossas esperanças e força para continuar a caminhar.

Vejo a extensão tanto para a gestão, quanto para nosso campus, com a transposição dos portais da universidade em dinâmico movimento de mão dupla nas trocas e aprendizagens: a universidade indo até a comunidade para aprender e ensinar, e a comunidade adentrando a universidade tanto para aprender quanto para ensinar também. E assim, a exemplo das representações evocadas em Janus, ocorre um movimento divino, feliz e poético no qual a comunidade consegue se elevar, quem sabe até ao olimpo, tornando-o atingível, bem como a universidade torna-se plena ao cumprir a seu desafio de transformadora da realidade na qual está inserida e semeadora de esperança.

Nataniel da Vera-Cruz Gonçalves Araújo

Diretor do campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins

Tocantinópolis – TO/ Maio 2020

